



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO DE MESTRADO**

**A INFLUÊNCIA DO GÊNERO E ORDEM DE NASCIMENTO SOBRE AS  
PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS**

**FLORIANÓPOLIS  
2008**

**IZABELA TISSOT ANTUNES SAMPAIO**

**A INFLUÊNCIA DO GÊNERO E ORDEM DE NASCIMENTO SOBRE AS  
PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS**

**Dissertação apresentada como requisito parcial à  
obtenção do grau de Mestre em Psicologia,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,  
Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e  
Ciências Humanas.**

**Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Mauro Luís Vieira.**

**FLORIANÓPOLIS  
2008**

*Dedico este trabalho aos meus pais, mestres na arte de educar...*

## AGRADECIMENTOS

Ao professor Mauro Luís Vieira, pela oportunidade, apoio e conhecimento.

Aos meus pais, Gilberto e Marília, pelo amor.

Às minhas irmãs, Fernanda e Carolina (em memória), motivação dessa pesquisa.

Ao Juliano, pelo incentivo e parceria.

Ao grupo do NEPeDI (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil), especialmente à Gabriela e Samira, pelo coleguismo, e à Viviane e Lílian, pela ajuda na categorização dos dados.

Ao amigo João Fernando Rech Wachelke, por toda disponibilidade e ajuda prestada.

À amiga Débora Staub Cano, pelas longas conversas e acolhimento.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Gomide, por estar sempre presente e pela participação na banca.

Ao Prof. Roberto M. Cruz, pelas sugestões ao trabalho e pela participação na banca.

Ao Prof. Dr. Brígido Vizeu Camargo e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Faraco de Oliveira, pelas sugestões quando da qualificação.

À Janete Bromer, pela eficiência com que cumpre seu trabalho na secretaria da Pós.

Ao estatístico Thiago da Silva Alves e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nívea da Silva Matuda, do Depto. de Estatística da UFPR, pela assessoria estatística.

Às instituições e aos participantes que permitiram a realização da pesquisa.

À minha família, especialmente minha madrinha Elisabete, e todos os amigos que estiveram ao meu lado durante o processo.

Ao CNPq, pela bolsa.

A Deus, pela vida.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>vii</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>viii</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>13</b>
<b>3. HIPÓTESES.....</b>	<b>14</b>
<b>4. REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>15</b>
4.1 Evolução dos cuidados parentais .....	15
4.2. Práticas educativas parentais .....	20
4.3. A influência do gênero do filho .....	25
4.4. A influência da ordem de nascimento dos filhos .....	32
4.4.1 Ordem de nascimento e personalidade. ....	35
4.4.2. Ordem de nascimento e percepção da preferência parental. ....	40
4.4.3. Ordem de nascimento e QI.....	44
4.5. Adolescentes e a relação com seus pais .....	46
<b>5. MÉTODO .....</b>	<b>52</b>
5.1. Caracterização da pesquisa .....	52
5.2. Participantes.....	53
5.3. Local.....	54
5.4. Instrumentos.....	55
5.4.1. Inventário de Estilos Parentais .....	55
5.4.2. Folha Adicional .....	56
5.5. Procedimentos.....	58
5.5.1 Coleta de dados .....	58
5.5.2 Análise dos dados.....	59
5.5.2.1. Inventário de Estilos Parentais - IEP .....	59
5.5.2.2. Folha adicional .....	61
5.5.3. Aspectos éticos.....	64
<b>8. RESULTADOS .....</b>	<b>65</b>
8.1. Comentários sobre a amostra .....	65
8.2. Práticas educativas parentais.....	66
8.3. Percepção da preferência parental.....	79
8.3. Autodescrição.....	86
<b>9. DISCUSSÃO .....</b>	<b>94</b>
9.1. Práticas educativas parentais.....	94
9.2. Percepção da preferência parental.....	100
9.3. Autodescrição.....	102
<b>10. CONCLUSÃO .....</b>	<b>107</b>
<b>11. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>111</b>

<b>12. LISTA DE FIGURAS .....</b>	<b>119</b>
<b>13. LISTA DE TABELAS.....</b>	<b>120</b>
<b>14. LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....</b>	<b>122</b>
<b>15. APÊNDICES .....</b>	<b>123</b>
Apêndice A.....	124
Apêndice B .....	125
Apêndice C .....	127
Apêndice D.....	130
<b>10. ANEXOS .....</b>	<b>133</b>
Anexo A .....	134
Anexo B.....	137
Anexo C.....	140
Anexo D .....	141

SAMPAIO, Izabela Tissot Antunes. **A influência do gênero e da ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais**. Florianópolis, 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Mauro Luís Vieira

Defesa: 07/03/2008

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo levantar dados sobre a influência do gênero e da ordem de nascimento dos filhos sobre as práticas educativas parentais, investigando também a percepção da preferência parental e a autodescrição de adolescentes. O modelo teórico utilizado para avaliar as práticas educativas inclui sete categorias: duas relativas a práticas denominadas positivas (monitoria positiva e comportamento moral); e cinco negativas (punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico). Participaram da pesquisa 322 adolescentes entre 13 e 17 anos, sendo 59% do sexo feminino. Os resultados indicaram que as filhas avaliaram a figura paterna de forma mais negativa do que os filhos, não havendo diferenças na avaliação materna geral. As filhas primogênitais alegaram sofrer mais as práticas de punição inconsistente e abuso físico por parte das mães e dos pais; enquanto os filhos mais velhos julgaram apanhar mais da figura paterna. As filhas primogênitais obtiveram maiores valores para monitoria negativa paterna. Primogênitos de ambos os sexos diferenciaram-se dos demais grupos por acreditarem que existe preferência parental por um dos filhos, atribuindo-a principalmente aos caçulas. Houve associação entre os índices de estilo parental e a percepção da preferência parental. Com relação à autodescrição, os participantes dividiram-se principalmente segundo conceitos atribuídos ao gênero. Evidencia-se que o gênero e a ordem de nascimento modulam o modo como os pais tratam os filhos e como os próprios filhos avaliam os pais; esse último aspecto sofrendo influência dos irmãos dentro da relação fraternal.

Palavras-chave: Gênero; Ordem de nascimento; Práticas educativas parentais.

SAMPAIO, Izabela Tissot Antunes. **The influence of gender and birth order on parenting.** Florianópolis, 2008. 142 p. Dissertation (Master in Psychology) – Psychology Graduate Program, Federal University of Santa Catarina.

### **ABSTRACT**

This work aimed at searching data about gender and birth order influence on parenting, also investigating perceived parental favoritism and self-description of adolescents. The theoretical model used to assess the parenting practices includes seven categories: two related to positive practices (positive monitoring and moral modeling), and five related to negative practices (inconsistent punishment, negligence, careless discipline, negative monitoring and physical abuse). The participants were 322 adolescents between ages 13 and 17, 59% girls. Results indicated that girl assessed fathers more negatively than boys, which did not happen for mothers in the general score. Firstborn girls believe to suffer more inconsistent punishment and physical abuse from mothers and fathers, while firstborn boys agree to be more spanked by fathers. Firstborn girls also obtained higher scores for paternal negative monitoring. Firstborns of both sexes differed from other groups for the perceived parental favoritism, especially attributed to laterborns. An association between perceived parental favoritism and the parenting style score was found. Relative to self-description, participants were divided following gender social concepts. It seems evident that gender and birth order modulate the way parents raise their offspring and the way children assess them; in this case suffering the influence of brotherhood.

**Keywords:** Gender; Birth order; Parenting.



## 1. INTRODUÇÃO

O interesse de psicólogos pela família não é recente. Como o modo de vida familiar aparece em todas as comunidades humanas, configurando-se de forma específica de acordo com cada cultura, diversos estudos são realizados a respeito da vida familiar e como ela influencia o desenvolvimento das pessoas. E, nesse contexto dinâmico e complexo, a relação dos pais com seus filhos e o olhar que esses têm sobre a família traduzem-se de suma importância para o entendimento de como o processo de desenvolvimento acontece.

Ao estudar a família podemos adotar dois olhares: um olhar macro, geral e outro micro, específico. Do ponto de vista macro, avalia-se o contexto sócio-cultural em que a família está inserida, ou seja, como a cultura, as crenças, normas, os sistemas político e econômico influenciam sua configuração e funcionamento. Do ponto de vista micro, considera-se como a família se organiza levando em conta a estrutura familiar, ou seja, sua composição, tamanho, o *status* da conjugalidade dos pais, temperamento, características de personalidade de seus membros e também o sexo, a idade, a ordem de nascimento dos filhos (Montandon, 2005).

Neste trabalho, objetiva-se entender as relações familiares do ponto de vista micro, priorizando dados sobre a família a partir dois aspectos em particular: o gênero e a ordem de nascimento dos filhos. Especificamente, verifica-se em como se configuram as práticas educativas parentais, a percepção da preferência parental e autodescrição de adolescentes entre 13 e 17 anos.

O tema a respeito das práticas educativas parentais é bastante abrangente e diz respeito a como os pais monitoram, estabelecem regras de convivência e de conduta, se punem maus-comportamentos dos filhos e como o fazem, entre outros. A produção científica a esse respeito abrange diversos estudos. Bolsoni-Silva e Marturano (2002), por exemplo,

constatarem que existe uma forte relação entre habilidades sociais dos pais e desenvolvimento de comportamento anti-social dos filhos. Isso quer dizer que, pais que não estabelecem diálogos, que brigam e abusam fisicamente dos filhos, não lhes ensinando o certo e o errado, potencializam a probabilidade da criança apresentar comportamentos de risco social. Em contrapartida, pais que promovem comportamentos adequados nos filhos a partir de seu próprio modelo, demonstrando carinho, atenção e incentivando a expressão de sentimentos, o diálogo, as negociações de regras, criam um ambiente de desenvolvimento harmônico para a criança, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Ao se comportarem de forma socialmente habilidosa, os pais fazem uso de uma estratégia eficaz na criação dos filhos, substituindo outras formas inadequadas de controle, como o uso de ameaças e o abuso físico. Ao contrário do que se pensa comumente, as ameaças e o abuso físico apenas controlam o comportamento em curto espaço de tempo e, geralmente, somente na presença de quem controla (Gomide, 2001, 2006). Da mesma forma, o abuso de poder por parte dos pais pode levar ao abuso físico, tornando a punição física a estratégia mais utilizada como prática educativa. E a agravante dessa situação é que os filhos que apanham são aqueles que mais tarde apresentarão maior probabilidade de bater (Muller, Hunter & Stollack, 1995).

Além da punição física, outra forma bastante comum de se tentar controlar comportamentos de crianças e adolescentes é pela coerção. A coerção ocorre quando há ameaça, e o comportamento tem o objetivo de se esquivar ou fugir de uma situação desagradável ou para evitar a perda de privilégios. Alvarenga e Piccinini (2001) demonstraram que essa forma de controle aparece muito freqüentemente entre os pais, independente do estilo de criação que adotam. A diferença reside na intensidade e freqüência do uso dessa prática, as quais determinarão se ela trará ou não prejuízos para o desenvolvimento infantil.

Em contrapartida, é o apoio e o envolvimento afetivo dos pais que contribuem de forma positiva para o desenvolvimento dos filhos. Em todos os setores da vida, seja social, acadêmico ou emocional, as crianças precisam se sentir amadas e protegidas. Isso quer dizer que a demonstração de carinho, o afeto e o uso de elogios por parte dos pais são imprescindíveis para que a criança se sinta confiante e consiga atingir seus objetivos (D'Avila-Bacarji, Marturano & Elias, 2005).

É claro, portanto, que o papel dos pais vem sendo frequentemente questionado, especialmente no que diz respeito a questões de poder, hierarquia e apoio emocional na relação com os filhos (Costa, Teixeira & Gomes, 2000). No entanto, algumas especificidades de como se estabelecem essas relações carecem de entendimento. Para Sulloway (1996), o gênero e a ordem de nascimento dos filhos são os principais fatores que influenciam o comportamento parental e a competição entre irmãos. Ao pesquisar bases de dados de publicações brasileiras, contudo, percebe-se que essas variáveis consideradas conjuntamente não são alvos de muitas pesquisas, especialmente no que diz respeito à influência da ordem de nascimento nos papéis familiar e social.

O gênero e a ordem de nascimento contribuem para a formação da autopercepção dos indivíduos, e essa depende do modo como se é tratado na família e da avaliação que se faz dela. Nesse sentido, cabe investigar como os filhos percebem os pais e os irmãos, pois disso dependerá o modo como eles mesmos se vêem na família, o que contribui para o desenvolvimento da auto-estima. Percepção familiar e autodescrição assumem uma relação diretamente proporcional, em que, sendo a percepção familiar boa, favorável, provavelmente assim também será o autoconceito dos membros que a enxergam dessa forma (Lummertz e Blaggio, 1986; Magagnin e Kõrbes, 2000; Weber, Stasiak & Brandenburg, 2003). E é especialmente na adolescência que a avaliação familiar e o desenvolvimento do autoconceito ocorrem.

A adolescência é um período em que novas relações familiares e extra-familiares são estabelecidas. Segundo teorias do desenvolvimento, os adolescentes apresentam particularidades referentes, especialmente, à maturação biológica para a reprodução. A puberdade gera transformações em todos os níveis do indivíduo, revelando características corporais, emocionais e sociais qualitativamente diferentes das crianças mais novas. Geralmente, há um fortalecimento das relações entre pares, a mudança na autodefinição e na auto-estima, maior autonomia com relação aos pais e novas formas de entender o mundo. Todos esses fatores também modificam a dinâmica familiar global e, conseqüentemente, o modo de os pais lidarem com os filhos, desses os avaliarem e se auto-conceituarem. Assim, essa pesquisa pretende obter respostas sobre a seguinte pergunta:

“Qual a influência do gênero e ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais?”

## 2. OBJETIVOS

### 2.1. Geral

- Analisar a influência do gênero e da ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais.

### 2.2. Específicos

- Descrever e verificar a existência de diferenças nas práticas educativas parentais em função do gênero (masculino e feminino) e ordem do nascimento dos filhos (primogênito, do meio, caçula e único);
- Verificar a percepção da preferência parental em função do gênero (masculino e feminino) e a ordem do nascimento dos filhos (primogênito, do meio, caçula e único);
- Verificar como se configura a autodescrição dos adolescentes em função do gênero (masculino e feminino) e a ordem do nascimento dos filhos (primogênito, do meio, caçula e único).

### **3. HIPÓTESES**

Sobre práticas educativas parentais:

1. As práticas educativas parentais são diferentes em relação a meninos e meninas, conforme a ordem de nascimento;
2. Os primogênitos, especialmente meninos, sofrem mais abuso físico (apanharão mais);
3. As primogênicas (meninas) sofrem mais monitoria negativa, ou seja, são mais cobradas continuamente;
4. Os caçulas e filhos únicos apresentam maiores índices de estilo parental geral (ieps);
5. Os filhos do meio apresentam ieps intermediários (não-extremos);
6. Filhos únicos sofrem mais monitoria negativa;

Sobre preferência parental:

7. Os primogênitos indicam haver preferência parental com maior frequência;
8. Os caçulas são os mais indicados como preferidos dos pais.

Sobre autodescrição:

9. Há componentes (palavras) semelhantes intra-grupos e diferentes entre-grupos;
10. O tipo de palavra descritora tem relação com o valor do índice de estilo parental.

## **4. REVISÃO DE LITERATURA**

### 4.1 Evolução dos cuidados parentais

Nossos ancestrais desenvolveram uma dependência da cultura para sobreviver, pois foi a partir da seleção natural que os genes propiciadores do comportamento cultural humano foram favorecidos (Bussab & Ribeiro, 1998). Desde que nascemos estamos inseridos num contexto cultural que “teoricamente” nos garante a sobrevivência frente à natureza, ao mesmo tempo em que nos “aprisiona” num ambiente especial sujeito à seleção natural. A seleção natural agiu de forma a favorecer as ligações sociais afetivas, propiciando a iniciação da cultura. O aumento da sobreposição das gerações, a dependência infantil, o apego e os cuidados parentais, o fortalecimento da união afetiva entre homens e mulheres com intensificação da sexualidade e tendência a ligações duradouras levaram ao fortalecimento dos vínculos grupais e à intensificação do viver sócio-afetivo, possibilitando o desenvolvimento da cultura humana.

Culturalmente, é o contexto familiar que funciona como matriz essencial do desenvolvimento humano, tendo sido o elemento crucial sobre o qual ocorreu pressão seletiva na evolução natural do homem (Bussab, 2000). Segundo a autora, nenhuma comunidade humana desconsidera o parentesco na constituição de seus laços afetivos, existindo predisposições naturais no ser humano para a vinculação familiar, como sugerem estudos sobre apego, adoção e cuidados com a prole.

De acordo com Eibl-Eibesfeld (1989), a evolução do cuidado parental foi o principal evento que permitiu o desenvolvimento da sociabilidade em vertebrados, especialmente no tocante às relações amigáveis e afetuosas entre pais e filhos. Para Rodrigues (1998ab), a solicitude (amor parental) e o investimento parental humano são fenômenos de base biológica, embora os determinantes biológicos não sejam suficientemente poderosos para garantir a

ocorrência desses fenômenos. As concepções sociais se constituiriam em reforço necessário e, assim, a importância do investimento parental na evolução *hominidea* seria uma integração entre o biológico e o social.

As predisposições naturais para o vínculo social em recém-nascidos, como o apego (Bowlby, 1969/1990), demonstram a natureza afetiva humana. Desde muito cedo, os bebês mantêm contato visual mútuo e engajam-se em interações sociais complexas, interessam-se por faces e vozes humanas, preferem o odor e a voz da própria mãe, tranquilizam-se no colo, imitam expressões faciais, sincronizam-se interacionalmente e sorriem à fala afetuosa a eles dirigida (Otta, 1994; Bussab & Ribeiro, 1998; Bussab, 2000).

Para Otta (1994), diferentes comportamentos de bebês em relação à aproximação de pessoas são determinados por algumas variantes, tais como o grau de familiaridade, aparência da pessoa e idade do bebê. A partir do sexto mês de idade, o bebê sorri menos a pessoas não familiares, demonstrando um comportamento mais seletivo. À medida que cresce, adquire a capacidade de considerar eventos simultaneamente, podendo associar um estranho à mãe, sua principal referência. O sorriso, por exemplo, que é um dos sistemas de sinalização social, tem valor de sobrevivência na fase inicial da vida, pois desencadeia sentimentos ternos e protetores no adulto, da mesma forma que as formas arredondadas do rosto e do corpo do bebê. Isso demonstra que a expressividade emocional da família é fundamental para promover maior compreensão social.

Afora a importância da mãe no desenvolvimento do bebê, alguns pesquisadores também demonstraram a relevância do pai no processo de vinculação afetiva (Alencar, 1982; Wendland, 2001, Trindade & Menandro, 2002). Christenfeld e Hill (1995), por exemplo, mencionam que crianças de um ano de idade são significativamente mais parecidas com seus pais. Os autores fizeram uma pesquisa em que foram apresentadas fotos de indivíduos ao(s) 1, 10 e 20 anos a 122 participantes, que deveriam relacioná-las aos seus respectivos pais, também



fotografados. A maioria das pessoas identificou os pais das crianças de 1 ano, mas não as mães, tanto com relação aos meninos quanto às meninas. Tal semelhança entre pais e filhos no primeiro ano de vida pode ter ocorrido e se mantido ao longo da evolução humana por garantir o maior investimento do pai à prole, aumentando suas chances de sobrevivência e fortalecendo a relação entre o pai e a mãe. Da mesma forma, Bandeira, Goetz, Vieira e Pontes (2005) discutem o papel do pai numa perspectiva histórica, demonstrando que sua importância na criação dos filhos ultrapassa o papel de provedor, pois a figura paterna influencia positivamente o desenvolvimento dos filhos através do afeto, cuidado, exemplo; ou negativamente pela falta dessas qualidades.

Vale ressaltar que o vínculo entre pais e filhos se forma em decorrência de interações afetivas, de contato com caráter lúdico estabelecida entre eles, e não pela “simples” oferta de alimentação ou satisfação de outras necessidades básicas (Bowlby, 1969/1990; Bussab, 2000). O estudo da vinculação afetiva como necessidade primária ilustra que esse padrão de comportamento foi selecionado na espécie humana por conferir a ela vantagens na sobrevivência, como proteção de predadores, oferta de cuidados devido à imaturidade e dependência do bebê e convivência com a experiência dos adultos, essencial à evolução humana. Sabendo que a probabilidade de um animal ser atacado quando isolado e que o comportamento de apego é mais facilmente eliciado em animais mais vulneráveis aos predadores (como filhotes e bichos doentes), a concepção de que a função do comportamento de apego é a defesa contra predadores mostra-se relevante. Vale ressaltar que o perigo de morte como consequência de um ataque ou agressão é tão provável quanto o de inanição; sendo assim, o equipamento comportamental que protege contra predadores é tão importante quanto o que leva à nutrição ou reprodução (Bowlby, 1969/1990).

Para Keller (2007), através da perspectiva evolucionista, as características do desenvolvimento humano foram aprimoradas com o objetivo de solucionar problemas de

adaptação ocorridos durante a filogenia da espécie. Isso quer dizer que, como o ser humano é o animal que depende dos pais por mais tempo até que consiga ser independente o suficiente para garantir sua sobrevivência, dentre os problemas de adaptação inclui-se o cuidado parental. Para a autora, tarefas universais, como o cuidado com a prole, são solucionadas de diferentes maneiras por diferentes culturas.

Mais especificamente, Keller e Zach (2002) afirmam que a família não é mais concebida como um sistema homogêneo, mas como um sistema composto por membros em diferentes momentos do desenvolvimento, configurando diversos contextos de criação para cada criança na mesma família. Segundo Trivers (1974), o investimento parental é definido como um esforço do pai ou da mãe em aumentar a probabilidade de sobrevivência e, portanto, do sucesso reprodutivo de um filho em particular, ao mesmo tempo em que diminui o grau de investimento em outro descendente. Keller (2003) concorda com Trivers (1974) quando afirma que qualquer investimento envolve dois aspectos: por um lado, os cuidados parentais físicos, sociais e psicológicos que contribuem para o sucesso reprodutivo dos filhos, promovendo a adequação dos pais; por outro, o investimento numa criança em particular que, ao mesmo tempo, compromete a possibilidade parental de investir em outro filho.

Assim, a decisão de investimento baseia-se em condições ecológicas e sociais do ambiente que definem as condições parentais. O investimento pode variar desde a negligência ou infanticídio até o cuidado adequado, associado a um clima familiar positivo. É importante ressaltar que o sucesso reprodutivo ótimo, expresso nos estilos reprodutivos, é essencialmente não-intencional, não-consciente e implícito. Assim, todo o ciclo vital humano é entendido como um produto da evolução, e não apenas o indivíduo adulto (Keller, 2000).

Segundo Keller (2007), a parentalidade é entendida como um programa comportamental que dá apoio aos filhos na formação da matriz relacional, a qual é desenvolvida na sua estrutura básica por volta dos 3 meses de idade (Keller & Zach, 2002). A esse respeito,

Rodrigues (1998a) ressalta o conceito de solicitude, ou seja, o cuidado, a atenção e o empenho dos pais na criação dos filhos. A solicitude é influenciada por uma série de fatores provenientes das características dos pais, dos filhos e da situação na qual estão inseridos. Essa influência produz mudanças na relação dos pais com os filhos de acordo com 1- o grau ou certeza do parentesco genético pai-filho; 2- os atributos fenotípicos da criança que sugerem suas aptidões; 3- indicadores situacionais da aptidão da criança; e 4- a alternativa reprodutiva e as oportunidades de investimento do pai e da mãe.

O conceito de solicitude aproxima-se do conceito de responsividade descrita por Ribas, Seidl de Moura e Ribas Junior (2003) e Ribas e Seidl de Moura (2004). Esses autores, em uma revisão de literatura a respeito do tema “responsividade” (ou “sensitividade”) materna, constaram que, a despeito das diversas contribuições existentes na área, inclusive em estudos utilizando animais, o conceito de responsividade não apresenta uma definição consensual. Por um lado, ele mantém-se em torno de ações maternas afetivas e contingentes, como comportamento maternos sensíveis, apropriados e imediatamente relacionados aos comportamentos dos filhos. Por outro, ele abrange ações mais amplas e interativas, levando em conta a reciprocidade das relações entre a mãe e a criança, as quais dependem do temperamento da criança e das diferenças individuais dos pais, desconsiderando a contingência da resposta da mãe em termos temporais.

Os níveis de análise sobre a responsividade parental também variam. Há o nível molecular, mais específico, cuja análise se dá pelas seqüências específicas de comportamentos entre os parceiros da interação, sendo que a resposta de um depende das ações do outro. O nível molar, por sua vez, é mais abrangente, e considera características da interação que ultrapassam a análise das seqüências de ação, envolvendo a complementaridade, a ordenação interpessoal e o respeito mútuo entre seus membros (Ribas, Seidl de Moura & Ribas Junior, 2003; Ribas & Seidl de Moura, 2004).

Especificamente com relação aos cuidados parentais, admite-se, portanto, que existem mecanismos subjacentes à história da evolução humana que nos orientam no tratamento com a prole. No entanto, esses mecanismos não são suficientes para explicar a complexidade da relação entre pais e filhos e deles com o ambiente externo. Nesse processo, o papel da aprendizagem ao longo da vida - ontogenia - é essencial.

#### 4.2. Práticas educativas parentais

A literatura da Psicologia a respeito das práticas educativas parentais e dos estilos parentais é bastante abrangente e, embora alguns autores adotem definições específicas (Baumrind, 1966; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983; Wood, McLeon Sigman, Hwang & Cho, 2003; Gomide, 2006), de modo geral elas se referem às formas específicas dos pais se relacionarem com os filhos, o que configura um padrão relacional particular. O uso do termo ‘estilos parentais’, contudo, comumente encontrado em publicações da área, remete, principalmente, ao modelo teórico construído pela autora Diana Baumrind (1966, 1971, 1991, por ex.). Resumidamente, esse modelo inclui três grandes grupos, ou estilos: autoritário, permissivo e autoritativo (ou responsivo).

O estilo autoritário descreve os pais cujo controle sobre os filhos é feito de forma absoluta, rígida e inflexível, em que se estima o cumprimento e a obediência de regras tidas como certas. Diante do conflito, adotam medidas punitivas e não abrem espaço para negociação. O estilo permissivo enquadra os pais que se colocam à mercê das vontades dos filhos, sendo fonte de realização de seus desejos e ações, não adotando formas de restringir, direcionar ou punir os comportamentos filiais. O estilo autoritativo, por sua vez, descreve os pais atentos às atividades, desejos, potenciais e limitações de seus filhos, que definem e explicam suas ações de forma racional, direcionada e adequada à situação, sabendo quando e

como impor restrições ou efetuar liberações, sem ignorar a capacidade e os interesses pessoais dos filhos (Baumrind, 1966, 1967, 1991).

Os autores Maccoby e Martin (1983), porém, consideram que o estilo permissivo pode ser dividido em dois, reorganizando o modelo de Baumrind em duas dimensões: a exigência (*demandingness*) e responsividade (*responsiveness*). Essa mudança permitiu a definição de quatro estilos, portanto: autoritário (pais exigentes e não responsivos); autoritativo (pais responsivos e exigentes); indulgente (pai responsivos e não exigentes) e negligente (pais não responsivos e não exigentes). Os dois últimos surgiram da fragmentação do então estilo 'permissivo'.

O modelo teórico de Baumrind, usualmente utilizado por psicólogos, porém, não é o único. Como o tema a respeito de estilos parentais recai, necessariamente, nos primeiros estudos feitos pela autora, é essencial ao menos uma síntese de suas principais contribuições. Recentemente, uma autora brasileira construiu uma teorização a respeito dos estilos parentais, considerando outras categorias não especificadas no modelo de Baumrind. Pode-se dizer que os modelos não se contradizem, e sim se complementam, pois o anteriormente descrito é mais amplo e de certa forma contém o segundo. No entanto, é o modelo de Gomide (2006) que será utilizado como base para avaliação das práticas educativas parentais nessa pesquisa.

Para Gomide (2006), práticas educativas parentais são técnicas e estratégias utilizadas pelos pais na criação de seus filhos, as quais, em conjunto, determinam o estilo parental. De modo geral, as práticas educativas incluem o modo como os pais monitoram os filhos, em casa e fora dela; negociam regras de convivência; estimulam comportamentos adequados/adaptativos; ensinam valores morais e habilidades sociais; e quais formas de punição utilizam diante do comportamento filial considerado inadequado. Dessa forma, a autora selecionou em seu modelo teórico sete práticas educativas que compõem o Estilo Parental; duas favoráveis ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais: monitoria

positiva e comportamento moral; e cinco relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos anti-sociais: abuso físico, punição inconsistente, disciplina relaxada, monitoria negativa e negligência.

A **monitoria positiva** é definida como o conjunto de práticas parentais que envolvem atenção e conhecimento dos pais acerca de onde seu filho se encontra e das atividades desenvolvidas por ele. Para Gomide (2003), são componentes da monitoria positiva as demonstrações de afeto e carinho dos pais, principalmente relacionados aos momentos de maior necessidade da criança. A monitoria do comportamento da criança é defendida por vários autores como uma variável importante para promover o desenvolvimento saudável e evitar o comportamento disruptivo ou anti-social (Patterson, Reid & Dishion, 1992; Stattin & Kerr, 2000), sendo que um dos fatores mais importantes para que ela ocorra é a comunicação adequada entre pais e filhos (Stanton *et al.*, 2000).

O **comportamento moral** refere-se a uma prática educativa pela qual os pais transmitem valores como honestidade, generosidade e senso de justiça aos filhos, auxiliando-os na discriminação do certo e do errado por meio de modelos positivos, dentro de uma relação de afeto. Alguns fatores são tidos como essenciais para o desenvolvimento do comportamento moral nas crianças, como o sentimento de culpa, o desenvolvimento da empatia, as ações honestas e as crenças parentais positivas sobre trabalho, além da ausência de práticas anti-sociais. Uma pesquisa desenvolvida por Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch (1991), com adolescentes de 14 a 18 anos de idade, demonstrou haver correlação positiva entre pais considerados responsivos e índices mais altos de desenvolvimento psicossocial, sucesso escolar, autoconfiança e inibição dos comportamentos anti-sociais dos filhos. Da mesma forma, o modelo paterno parece ter uma função importante no desenvolvimento da moralidade de crianças e adolescentes. Nurco e Lerner (1996), por

exemplo, afirmam que a presença e modelo positivo do pai na família inibem o consumo de drogas e álcool por adolescentes.

A **punição inconsistente** acontece quando os pais punem ou reforçam os comportamentos de seus filhos de acordo com o humor, de forma não contingente ao comportamento da criança. Assim, é o estado emocional dos pais que determina as ações educativas, e não as ações da criança. Como consequência, a criança aprende a discriminar o humor de seus pais e não se seu ato foi adequado ou inadequado (Gomide, 2003). Essa falta de contingência ao comportamento leva à manipulação das partes, em que os filhos escolhem os momentos considerados adequados para interagir com os pais, esquivando-se de contato quando julgam que eles estão de mau-humor. Nesse padrão, a transmissão de valores e a comunicação tornam-se confusas, o que pode dificultar à criança a compreensão de regras e atitudes morais, e levá-la a não respeitar leis e figuras de autoridade (Carvalho, 2003).

A **negligência** ocorre quando os pais não estão atentos às necessidades de seus filhos, ausentam-se das responsabilidades, omitem-se de auxiliar seus filhos, ou simplesmente interagem sem afeto, sem amor. A falta de calor e carinho na interação com a criança pode desencadear sentimentos de insegurança, vulnerabilidade e eventual hostilidade e agressão em relacionamentos sociais. Dodge, Pettit e Batts (1994) e Oliveira, Frizzo e Marin (2000) acreditam que ela é uma das variáveis mais importantes para o desenvolvimento de comportamentos anti-sociais, pois a falta de cuidados e, principalmente de amor e carinho, impedem ou dificultam o desenvolvimento da auto-estima.

A **monitoria negativa (ou supervisão estressante)** caracteriza-se pelo excesso de fiscalização dos pais sobre a vida dos filhos e pela grande quantidade de instruções repetitivas, as quais não são seguidas. Em suma, é um controle psicológico e comportamental exagerado. Essa prática educativa produz um clima familiar hostil, estressado e sem diálogo, já que os filhos tentam proteger sua privacidade evitando falar com os pais sobre suas

particularidades, e os pais sentem-se frustrados em seu papel parental porque imaginam estarem fazendo de tudo para educar os filhos. As tentativas de controle contínuo por parte dos pais inibem ou interferem no desenvolvimento da autoconfiança e autonomia dos filhos pelo fato de manter a dependência emocional aos pais (Barber, 1996), podendo gerar psicopatologias como ansiedade e depressão (Pettit, Laird, Dodge, Bates & Criss, 2001).

Na **disciplina relaxada** verifica-se que o fator controlador da interação pais – filhos é o comportamento agressivo/opositor e coercitivo do filho. As regras estabelecidas pelos pais não são cumpridas e, diante de cobranças ou ameaças, a criança torna-se rebelde e manipuladora, conseguindo manter a situação do jeito que deseja para si. Os pais, por sua vez, omitem-se de impor ou manter os limites, não fazendo valer as regras que eles próprios determinaram (Gomide, 2003). As regras, portanto, são frouxas e ineficientes.

Por fim, considera-se **abuso físico** quando os pais machucam ou causam dor a seus filhos com a justificativa de que os estão educando, por vezes causando-lhes ferimentos e deixando marcas na pele. Pesquisas demonstram que o abuso físico (espancamento) e a negligência são os fatores que desencadeiam com maior facilidade comportamentos anti-sociais em crianças e adolescentes (Gomide, 2001; Ehrensaft, Wasserman, Verdelli, Greenwald, Miller & Davies, 2003; Gomide, 2004; Straus, Sugarman, Giles-Sims, 1997). Além disso, pais que administram punição corporal tendem a ser abusivos verbalmente com seus filhos, através de insultos, xingamentos e ameaças, o que pode magnificar a agressão, a delinquência e o comportamento anti-social nas crianças (Gershoff, 2002). A punição corporal e abuso físico são dois pontos em *continuum*, sendo que, se a punição for administrada muito severa ou freqüentemente, ela atravessa a linha para o abuso físico. Geralmente, o perigo da punição física reside no fato de que ela é iniciada de modo instrumental, ou seja, de forma controlada, planejada e desacompanhada de emoções fortes, culminando, posteriormente, com



a perda de controle contaminada pela raiva e por outras emoções negativas. Para Gomide (2003), a prática do abuso físico pode gerar crianças apáticas, medrosas e desinteressadas.

As práticas educativas parentais anteriormente descritas podem ser avaliadas por meio do Inventário de Estilos Parentais (IEP), o qual visa auxiliar especialmente profissionais que trabalham com famílias que apresentam risco social, pois permite detectar a quais práticas parentais um indivíduo esteve ou está sujeito, e qual a influência delas no desenvolvimento de comportamentos anti-sociais, como o abuso de substâncias, atos homicidas, infratores, etc. O IEP também permite que se possa visualizar quais as práticas administradas pelos pais devem ser modificadas, mantidas ou otimizadas, no caso de busca de orientação, intervenção e encaminhamento à terapia de família (Sampaio & Gomide, 2007).

A seguir são apresentadas pesquisas sobre práticas educativas no que tange especificamente o gênero e a ordem de nascimento, ressaltando possíveis semelhanças e diferenças entre essas variáveis que são o foco da pesquisa.

#### 4.3. A influência do gênero do filho<sup>1</sup>

A literatura a respeito do gênero dos filhos nas relações familiares demonstra que são vários os fatores que interferem nas interações existentes entre as mães e pais com seus filhos e filhas, como a relação de apego, a forma de comunicação, a identidade e a tipificação sexual, os papéis de homens e mulheres socialmente esperados, além das expectativas parentais acerca do sexo de seu filho. Glória (2005) salienta que, embora esse pareça ser o tema mais abordado pelas Ciências Sociais, ainda faltam trabalhos que o relacionem às práticas educativas familiares. Na Inglaterra, por exemplo, Daniels, Featherstone, Hooper e Scourfield (2005) criticam uma revista denominada “Every Child Matters” ressaltando a falta

---

<sup>1</sup> Nesse trabalho entender-se-á por “filho” tanto meninas quanto meninos; quando for necessária a diferenciação, serão utilizados os substantivos “menino” e “menina”.

de análise da relação entre gênero e práticas parentais como foco de discussão, especialmente porque dados relativos a esse tema contribuiriam para a organização dos serviços prestados às crianças. Outros pesquisadores (Seifer, Sameroff, Anagnostopolou & Elias, 1992; Keller e Zach, 2002), por sua vez, alegam que as pesquisas recentes vêm apontando que o sexo do filho não é uma variável forte na determinação do investimento parental, embora a ordem do nascimento dos filhos pareça ter um efeito relevante sobre ele.

As considerações evolucionistas a respeito da diferenciação do gênero para a reprodução humana baseiam-se na suposição de que a maior variabilidade da reprodução potencial de machos quando comparada às fêmeas é uma consequência da seleção sexual e da reprodução humana. De acordo com essa hipótese, um pai deve investir mais nos filhos homens se o ambiente econômico mantém-se estável e previsível ao longo das gerações, contando com o sucesso reprodutivo de sua prole. Em ambientes com recursos escassos e imprevisíveis, um pai possivelmente investiria primariamente nas filhas mulheres, já que seu sucesso reprodutivo é menos variável do que o dos homens (Volland, 1998). Assim, dependendo do ambiente em que se dá a reprodução, o investimento pode variar, embora em muitas culturas a preferência do investimento seja com relação ao menino (Keller & Zach, 2002). Variando a decisão de investimento, a primeira consequência é saber como se estabelecerão as relações com os filhos, o que se configura através das práticas educativas.

Embora Keller e Zach (2002) sugiram que o sexo não seja determinante nos cuidados parentais, sua pesquisa dá pistas que existem algumas diferenças. Ao observar 58 pais e mães em interação com bebês de 3 meses de idade, levando-se em conta os cuidados primários e a interação face-a-face, constatou-se que: 1- as mães passaram mais tempo sozinhas com suas filhas e os pais sozinhos com seus filhos; 2- juntos, pais e mães permanecerem mais tempo com os filhos homens; 3- as mães demoraram-se mais alimentando suas filhas do que seus filhos; 4- quanto à interação face-a-face, não foram detectadas diferenças no comportamento

da mãe com relação a nenhuma das categorias (sexo e ordem de nascimento), enquanto que os pais permaneceram mais tempo nessa interação com suas filhas; e 5- as mães preferiram suas filhas em termos de presença e cuidados primários e os pais preferiram os filhos homens em termos de presença. Para os autores, porém, algumas contradições com relação às literaturas psicológica e evolucionista foram encontradas (por exemplo, a de número 4), já que elas enunciam que mães e pais têm preferências de interação com filhos do mesmo sexo que o seu.

Gomide e Guimarães (2003) compararam o valor do índice do estilo parental de dois grupos (risco e não risco) com relação ao gênero. Os resultados demonstraram que, em relação às práticas educativas maternas, verificou-se que as meninas da escola particular perceberam suas mães com maior índice de punição inconsistente do que os meninos, e que as meninas da escola pública perceberam suas mães mais negligentes do que os meninos. Com relação às práticas parentais paternas, obteve-se que as meninas consideraram seus pais com maior nível de punição inconsistente do que os meninos. Nos três casos observou-se que as meninas avaliaram suas mães ou seus pais com maior rigor do que os meninos.

Teixeira, Oliveira e Wottrich (2006) identificaram, em sua escala, que as meninas perceberam suas mães e mães e pais, em conjunto, como mais supervisores do que os meninos, ou seja, elas acreditam que seus pais supervisionam seus comportamentos buscando conhecer suas atividades ao invés de impor restrições explícitas. Assim, as pontuações mais altas da escala foram atribuídas às práticas maternas.

Por outro lado, utilizando a escala de responsividade baseada no modelo de Baumrind e adaptada para o contexto brasileiro, Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg (2004) realizaram um estudo para observar a frequência dos estilos parentais e sua relação com o gênero. Os resultados demonstraram que mães e pais são um pouco mais exigentes com as filhas do que com os filhos; embora não se tenha encontrado diferenças significativas quanto à responsividade. De modo geral, as diferenças com relação ao gênero não foram

significativas; porém, uma análise mais aprofundada demonstrou que, de todos os meninos, 70,2% consideraram seus pais negligentes e 29,8 % autoritativos. De todas as meninas, 47,9% classificaram seus pais como negligentes e 52,1% como autoritativos. Ao contrário dos resultados de Gomide e Guimarães (2003), nesse estudo os meninos pareceram mais rigorosos na avaliação de seus pais.

Algumas pesquisas, no entanto, abarcam a relação de somente um membro do par parental, geralmente a mãe (Furtado, 2005), com seus filhos. Oliveira *et al.* (2000), avaliando as “atitudes maternas” como uma predisposição ou julgamento afetivo das mães sobre a tarefa de criar filhos, concluíram que as atitudes não variaram dependendo do sexo do filho, embora tenha havido uma tendência de as mães dos meninos relatarem maiores níveis de intrusão do que as mães das meninas, o que pode condicionar relacionamentos aversivos e coercitivos com a criança, que podem ser generalizados a outros contextos.

Da mesma forma, Ehrensaft *et al.* (2003), ao avaliarem a relação mãe-filho e o desenvolvimento do transtorno de conduta filial, perceberam que as variáveis de maior influência foram o transtorno de conduta da própria mãe, o qual explicou aproximadamente 6% do agravamento, e as práticas educativas maternas, as quais explicaram 17% dessa variável. De acordo com os autores, o comportamento agressivo parece ter sido facilitado pela baixa capacidade das mães na implementação de consequências consistentes e previsíveis diante do mau comportamento do filho, apresentando, ao contrário disso, rejeição e interações conflituosas para com ele. A baixa monitoria da mãe referiu-se, especialmente, ao desconhecimento de onde o filho se encontrava, quais suas companhias e quais atividades realizava, sendo que esse fator foi mais forte na contribuição do risco de seus filhos do que a própria punição *per se*. E a associação entre condições econômicas desfavoráveis e frustração com o comportamento anti-social é mais forte nos meninos (Veenstra, Lindenberg, Oldehinkel, De Winter & Ormel, 2006).

Nesse sentido, um fator socialmente relevante ao se estudar o tema diz respeito ao investimento de pais e mães com relação à escolaridade dos filhos. Glória (2005), por exemplo, ressalta que as diferenças de atitudes parentais na expectativa de maior ou menor escolaridade dos filhos homens ou mulheres são mais acentuadas nos meios menos instruídos e nas camadas mais desfavorecidas. No entanto, em camadas mais favorecidas, parece não haver diferenças quanto ao sucesso aspirado pelos pais aos filhos homens ou mulheres. O que ainda se questiona, porém, é o fato de que muitas mulheres acabam se diplomando em disciplinas consideradas menos exigentes e menos remuneradas do que os homens. Embora o pai invista tanto na menina quanto no menino, ele parece cooperar mais com o filho homem, enquanto que as mães comunicam-se um pouco menos com o menino do que com a menina.

Outro ponto bastante discutido refere-se à relação entre fatores negativos, também chamados “estressantes” ou “de risco”, encontrados na família e o desenvolvimento infantil, especialmente tratando da diferença entre meninos e meninas. Roelofs, Meesters, ter Huurne, Bamelis e Muris (2006), por exemplo, investigaram a relação entre fatores negativos presentes na família (superproteção, rejeição e ansiedade) e sintomas de internalização<sup>2</sup> (sentimentos de ansiedade e depressão) e externalização (comportamento destrutivo, agressivo e anti-social) de uma amostra não-clínica de 237 crianças entre 9 e 12 anos. Os resultados apontaram que a presença de fatores negativos no comportamento paterno teve mais impacto sobre os meninos; enquanto que os mesmos fatores nas mães tiveram mais impacto sobre as meninas. Da mesma forma, as mães apresentaram mais rejeição e superproteção com relação aos filhos do que os pais. Apenas o apego inseguro dos meninos com relação aos pais (homens) explicou parte significativa da variação nos sintomas de ansiedade e depressão nos primeiros. Para as meninas, contudo, o estilo do apego teve menos

---

<sup>2</sup> Os conceitos de internalização e externalização baseiam-se no modelo descrito em: Achenbach, T. M. (1991). Manual for the Youth Self-report. Burlington, VT: University of Vermont (Depto. de Psiquiatria) e Achenbach, T. M.; McConaughy, S. H. & Howel, C. T. (1987). Child/adolescent behavioral and emotional problems: Implications of cross-informant correlations for situational specificity. Psychological Bulletin, 101, 213-232.

proeminência nos sintomas de externalização e internalização do que as próprias práticas educativas parentais.

Guttmannova (2005), por sua vez, verificou que os meninos de 6 anos apresentaram maiores níveis de internalização e externalização de comportamentos problemáticos do que as meninas. Aprofundando o tema, a autora complementa que os fatores de risco mais proeminentes para os meninos dessa idade, de etnia branca, foram viver na pobreza persistentemente, receber pouco apoio emocional dos pais e ser filho de mãe adolescente. Para as meninas, também de etnia branca, o fator de risco de mais efeito foi a falta de estimulação cognitiva por parte dos pais.

Gaylord, Kitzmann e Lockwood (2003), ao investigarem as estratégias de enfrentamento, idade e gênero como moderadores da associação entre estressores familiares<sup>3</sup>, internalização, externalização e rejeição dos pares de 228 crianças entre 9 e 12 anos, verificaram que as crianças que mais sofriam com estressores familiares foram as mais rejeitadas por colegas. O gênero não moderou a aceitação ou rejeição pelos pares, mas apresentou relação com a internalização. Especificamente, quanto mais crescia o número de estressores familiares, menor era a internalização entre as meninas, o que não ocorria entre os meninos.

Por sua vez, Oldehinkel, Veenstra, Ormel, de Winter e Verhulst (2006) estudaram a relação entre o temperamento [medo/receio (*fearfulness*) e frustração], sintomas depressivos e práticas parentais de 2230 pré-adolescentes entre 10 e 12 anos do norte da Holanda. Os resultados apontaram que todos os fatores ligados às práticas parentais e ao temperamento dos filhos foram significativamente associados aos problemas depressivos nos pré-adolescentes. A frustração aumentou o efeito depressogênico da superproteção ou da falta de afeto dos pais. O

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, por *estressores familiares* entende-se: desvantagem econômica, viver em casa de pais solteiros, doença séria na família, separação ou divórcio, recasamento dos pais, morte na família, desemprego dos pais, presença de adultos não-parentes em casa e presença de uma nova pessoa na casa. O risco apresenta-se pela sobreposição de dois ou mais desses fatores.

medo/receio aumentou o efeito da rejeição dos pais com relação às meninas, mas não com relação aos meninos. Além disso, a associação entre frustração e depressão foi maior nos meninos.

No mesmo sentido, Hastings (2005) avaliou a relação entre gênero, inibição e socialização parental para o desenvolvimento do comportamento pró-social de 46 meninos e 42 meninas de idade pré-escolar avaliados durante 2 anos. Não foi encontrada relação entre a inibição da criança e modo de se comportar do pai com o desenvolvimento do comportamento pró-social. No entanto, o mesmo não aconteceu com relação às mães. O comportamento materno foi preditivo do comportamento pró-social de maneira mais forte com as meninas mais inibidas. Para os autores, esses achados sustentam a hipótese de que comportamentos específicos dos pais dependem do temperamento e do gênero dos filhos.

Assim, a partir da breve revisão de literatura acima apresentada, pode-se perceber que existem alguns pontos em comum entre as diversas pesquisas referenciadas. A primeira conclusão a que se pode chegar é que realmente existem diferenças no modo como pais e mães relacionam-se com seus filhos e filhas e que, portanto, meninos e meninas apresentam formas particulares de lidar com suas competências e dificuldades.

O segundo fator relevante é a consistência dos dados que sugerem que os meninos apresentam mais problemas de internalização e, de maneira ainda mais proeminente, de externalização do que as meninas ao lidarem com fatores estressores, especialmente familiares. Isto está de acordo com a literatura a respeito do comportamento anti-social, segundo a qual esse tipo de comportamento aparece com mais frequência e gravidade nos meninos.

Outro dado importante refere-se às variáveis usualmente estudadas por esses pesquisadores. A maioria deles correlacionou o gênero a outras variáveis para a compreensão dos determinantes das práticas educativas parentais sendo que, dentre elas, a que pareceu ter

mais relevância foi o temperamento da criança. Assim, a despeito do gênero do filho, o modo como ele lida com situações cotidianas e/ou adversas define uma interação familiar particular.

#### 4.4. A influência da ordem de nascimento dos filhos

O investimento dos pais depende não só nas condições econômicas da família, mas também da ordem do nascimento de seus filhos (Hertwig, Davis e Sulloway, 2002). Segundo Sulloway (2000 apud Keller & Zach, 2002), a ordem do nascimento revela informações acerca da paridade dos pais e do sistema de fratrias no qual a criança está inserida. Para o autor, a partir de uma perspectiva evolucionista, a competição entre irmãos pelo amor dos pais é considerada uma importante força que empurra a evolução humana, contribuindo para as diferenças da formação da personalidade. A influência da ordem de nascimento, como o gênero, pode ser tratada ao longo da história, inclusive gerando dramáticas conseqüências, tendo determinado quem vivia, quem morria, quem tinha acesso ao poder político, quem não, quem poderia encontrar um parceiro para reproduzir e quem não (Sulloway, 1996).

Para Sulloway (1996), em séculos anteriores, os pais geralmente investiam mais nos filhos primogênitos para garantir que ao menos um da prole obtivesse sucesso na perpetuação da linhagem familiar. No mesmo sentido, Keller e Zach (2002) sugerem que uma atenção especial é dada aos primogênitos quando comparados aos demais filhos em termos de tempo de interação, estimulação, brincadeiras, consistência, indulgência e estabelecimento de diálogos entre pais e filhos. Da mesma forma, comunidades tradicionais demonstram sua preferência pelos primogênitos quando atribuem a eles maior *status* social.

Os resultados de Keller e Zach (2002) indicaram que tanto as mães quanto os pais permaneceram mais tempo junto com o primogênito, sendo que esse número se elevou quando as mães interagiam com as filhas e os pais com os filhos. No entanto, pais e mães, quando estavam juntos, permaneceram mais tempo com os primogênitos meninos. Com



relação aos cuidados primários em relação à ordem de nascimento, não foi observada diferença no comportamento de pais e mães. Por outro lado, quando avaliada a interação face-a-face dos pais com meninos primogênitos, observou-se que eles se mantiveram na interação por mais tempo quando comparados aos outros filhos. Não foi observada diferença no comportamento materno nessa categoria. Assim, nessa pesquisa, a ordem de nascimento pareceu ser algo mais importante na determinação da presença/ausência dos pais e do contato face-a-face na configuração da interação entre pais e filhos do que o sexo da criança.

A fim de avaliar as opiniões acerca do tema, Herrera, Zajonc, Wieczorkowska e Cichomski (2003) realizaram um levantamento de dados a respeito das crenças sobre a ordem de nascimento e seu impacto na realidade. Os autores confirmaram que as pessoas têm estereótipos sobre as diferenças de ocupação e personalidade das pessoas de acordo com a ordem de nascimento delas. Foram realizados quatro estudos avaliando diferentes dimensões: 1- atribuição do tipo personalidade; 2 e 3- estereótipos sobre a ocupação em Wisconsin e Stanford; e 4 - o prestígio da ocupação atual e o nível de escolaridade com relação às diversas posições de nascimento.

Com relação ao item 1, os resultados demonstraram que os respondentes acreditam que os primogênitos são mais inteligentes, obedientes, estáveis, responsáveis e menos emotivos; que os filhos-únicos são mais desagradáveis; que os “do meio” são mais invejosos, menos ousados e falantes; e que os caçulas são mais criativos, emotivos, extrovertidos, desobedientes, irresponsáveis e falantes. De acordo com os estudos 2 e 3, as ocupações mais atribuídas aos primogênitos foram Direito e Medicina, enquanto que aos caçulas foram as atividades ligadas à arte, como Teatro e Fotografia. O mais interessante nesse estudo, porém, é a demonstração da influência dessas crenças na vida real das pessoas. Segundo os pesquisadores, o estudo 4 indicou que, de fato, os primogênitos são aqueles que apresentaram

maior tempo de escolaridade, foram considerados mais inteligentes e ocuparam os cargos de maior prestígio quando comparados aos demais (Herrera *et al.*, 2003).

Outra pesquisa sobre estereótipos socialmente construídos foi realizada por Jaffe (2004). A autora relacionou a ordem de nascimento, gênero e estilo parental na busca de sensações fortes (comportamentos de risco que geram emoções fortes) de 150 estudantes universitários. Entretanto, contrariando a revisão de literatura por ela realizada, a qual pressupunha que os caçulas são mais engajados na busca de atividades perigosas do que primogênitos, os resultados obtidos não revelaram relação entre a ordem do nascimento e a procura por sensações fortes.

Por outro lado, La Rosa (1998) detectou que os estudantes primogênitos de nível sócio-econômico médio-alto apresentaram menor nível de ansiedade-estado do que os primogênitos de nível baixo. As mulheres, como esperado, foram as que apresentaram maior nível de ansiedade, sendo que as primogênicas de nível sócio-econômico mais baixo obtiveram a maior pontuação nesse quesito. De acordo com esses resultados, o autor conclui que a ordem de nascimento não é, por si só, um fator relevante no estudo da ansiedade; porém, quando associada ao nível sócio-econômico e sexo, ela parece surtir efeitos significativos.

O mesmo autor (La Rosa, 1996) também avaliou ordem de nascimento com a determinação de locus de controle e nível sócio-econômico de estudantes. Concluiu que os primogênitos de nível sócio-econômico mais alto apresentaram maiores escores de internalidade, menor alienação sócio-política e menor controle por pessoas poderosas ou pela sorte.

Laurent e Sebastian (2005) perceberam que, ao estudar 1129 crianças autoras de atos infracionais na França, os primogênitos foram aqueles que apresentaram menor número de transgressões leves e graves quando comparados aos “nascidos do meio”, o que corrobora a literatura consultada pelos autores. Da mesma forma, os primogênitos indicaram ter sido mais

supervisionados pelos pais do que os demais, o que permitiu aos autores concluir que a ordem do nascimento tem papel moderador no comportamento delinquente, e que esse efeito é em parte induzido pelo controle parental diferenciado. Para Caracushansky (1972), os filhos mais velhos tendem a acreditar no êxito se obedecerem às ordens recebidas, e na punição, caso as desobedeçam. Isso leva a crer que eles são mais propensos a corresponder a valores culturais aos quais se sintam pressionados.

A respeito dos filhos únicos, porém, foi encontrada apenas uma pesquisa brasileira. Fuchs *et al.* (2004) avaliaram o impacto de ser filho único sobre as características de relacionamento com pais e amigos, desempenho escolar, comportamento social e sexual a partir de uma amostra de 360 adolescentes entre 15 e 19 anos. Os resultados indicaram que o fato de ser filho único não diferiu com relação ao relacionamento estabelecido com os pais, amigos, namorado(as) e nem nas práticas esportivas. As diferenças apareceram nas atividades de lazer, as quais são realizadas mais individualmente pelos filhos únicos; na frequência de intoxicação por drogas, que foi baixa entre os filhos únicos quando comparados aos demais (primogênitos e não-primogênitos); e com relação à opção sexual, em que os filhos únicos apresentaram uma taxa maior de respostas referentes às homo e bissexualidade.

#### 4.4.1 Ordem de nascimento e personalidade.

O entendimento da importância da família na formação da personalidade possibilitou que vários estudos da Psicologia atribuíssem certo valor à ordem de nascimento como um fator de peso nesse quesito. Embora ainda seja tema de muitas contradições teóricas e metódicas, estudos sugerem que a ordem de nascimento pode explicar porque algumas pessoas apresentam comportamentos mais estáveis e frequentes do que outras. Nesse sentido, a relação entre irmãos seria mais influente do que a própria relação dos filhos com os pais, não só pela competição do amor parental, mas também pelo desenvolvimento de estratégias

funcionais de adaptação que os irmãos utilizam para lidarem um com o outro (Sulloway, 1996; Isaacson & Radish, 2002).

Frank Sulloway é considerado o estudioso que reviveu o tema da ordem de nascimento na Psicologia do Desenvolvimento (Cole & Cole, 2002), quando lançou seu livro *Born to Rebel*. O autor objetivava entender quais características são mais presentes em pessoas históricas que mudaram o curso da humanidade, especialmente através de revoluções políticas, econômicas e sociais (como a Revolução Francesa e Reforma Protestante). Especificamente, avaliou quem eram as pessoas mais propensas a aceitarem mudanças no modo de entender o mundo (como quando da divulgação da teoria da seleção natural, de Darwin, 1982), de promover e liderar revoluções, e quem eram as mais conservadoras. Durante essa análise, o autor percebeu que a configuração do nicho familiar, ou seja, a relação de tais personalidades com seus pais e irmãos, fez grande diferença nas escolhas de cada um.

Segundo o autor (Sulloway, 1996), a receptividade da inovação científica e teorias liberais, mesmo dentre várias classes sociais, é maior para irmãos mais novos, sendo que, para primogênitos e filhos únicos, ela se torna bem mais baixa. Para ele, isso ocorre porque é natural para os primogênitos se identificarem mais fortemente com poder e autoridade, impondo seu tamanho e força para defender seu *status* especial, enquanto que os mais novos são mais inclinados a questionar o *status quo* e em alguns casos desenvolver uma personalidade revolucionária. Com relação aos mais novos, os primogênitos são mais assertivos, dominantes socialmente, ambiciosos, ciumentos da sua posição, e defensivos.

Baseado na teoria do *Big Five* (cinco grandes fatores de personalidade), a qual demonstrou ter correlação maior com a ordem de nascimento do que com o gênero<sup>4</sup>, Sulloway (1996) coloca que os primogênitos são mais autoconfiantes, usam mais seu tamanho e força para defender seus interesses, são mais propensos a cumprir a expectativa dos pais e prontos

---

<sup>4</sup> Pesquisa de Ernst, C. & Angst, J. (1983). *Birth order: Its influence on personality*. Berlin and NY: Springer-Verlag.

para aceitar sua autoridade, sendo mais responsáveis, mais ansiosos e emocionalmente intensos e, dentre homens, apresentarem maior tendência a exibir raiva e nutrir sentimento de revanche. Assim, são mais conformados, convencionais e menos abertos a mudanças.

Os nascidos posteriormente (mais novos), para Sulloway (1996), são especialmente sensíveis para desfavorecer a comparação com irmãos mais velhos, adotando uma postura de busca de algo ainda não descoberto pelos outros irmãos. Essa busca favorece o desenvolvimento da criatividade e realça a abertura a novas experiências, podendo fazer surgir um espírito aventureiro e rebelde, que aceita riscos, geralmente apoiando mudanças sociais igualitárias. Os filhos do meio, quando comparados aos outros irmãos, são mais flexíveis e comprometidos, demonstrando ter habilidades diplomáticas e coalizões com os irmãos, dividindo mais o poder.

A ordem de nascimento, obviamente, não é a única responsável pelo desenvolvimento de certas características em detrimento de outras. Segundo Sulloway (1996), ela interage principalmente com os fatores: gênero, conflito pais-filhos, tamanho da fratria, diferença de idade entre irmãos, idade da perda de uma figura parental, classe social e temperamento. Com relação ao gênero, o autor afirma que a maioria das pesquisas analisa dados considerando ambas as variáveis porque elas promovem estratégias similares. Considerando que organismos sociais buscam acesso a recursos através de dois meios, dominação e cooperação, tem-se que a dominação é um atributo dos primogênitos e também dos homens; e a cooperação é uma tendência dos mais novos e das mulheres.

O conflito entre pais e filhos interage com ordem de nascimento revelando que os primogênitos são os mais particularmente afetados por ele, assim como os mais novos que são também os mais velhos do que os demais irmãos do mesmo sexo. Da mesma forma, quando a fratria assume seus papéis tradicionais ou quando a diferença de idade entre irmãos é moderada, as particularidades devidas à ordem de nascimento tornam-se mais visíveis. A

diferença de idade e a idade da perda de uma figura parental interagem juntas com a ordem de nascimento pelo fato de os mais velhos muitas vezes terem de adotar uma postura de cuidado com os irmãos mais novos para substituir a perda. O temperamento, mais especificamente, a timidez, interage com a ordem de nascimento e com o tamanho da fratria, principalmente, visto que em famílias de até três filhos, geralmente não há diferença, enquanto que em famílias maiores, o primogênito mostra-se mais competente socialmente, sendo os mais novos mais tímidos, na mesma linha dos filhos únicos.

Essa concepção a respeito da influência da ordem de nascimento sobre características de personalidade, elaborada por Frank Sulloway, porém, não discrimina em pormenores diferenças mais específicas, visto que na maioria de suas análises, compara primogênitos com os demais irmãos, citando apenas algumas vezes os filhos únicos e os do meio. Há outro modelo, desenvolvido por Isaacson (Isaacson & Radish, 2002) que, embora coincida em vários aspectos com as idéias de Sulloway, é mais específico.

Isaacson & Radish (2002) relatam haver cinco tipos de personalidade segundo a ordem de nascimento. Os autores ressaltam que não necessariamente a ordem cronológica de nascimento seja a mesma da “ordem de personalidade”, mas que, de modo geral, existem padrões de comportamentos para cada uma das posições. Segundo eles, os tipos de personalidade são: filho único, primogênito, nascido em segundo, nascido em terceiro e nascido em quarto lugares. Os principais traços de acordo com Isaacson e Radish (2002) são:

- Filho único: organizado; agendado; emocionalmente preocupado; reacionário; dependente; sente-se sob pressão; necessita de tempo sozinho; interrompe os outros; projeta pensamentos, sentimentos, e motivações sobre os outros; evita sentir-se decepcionado; pratica a justiça igualitária; espera que os outros sejam justos; faz birra para exercitar seu poder; faz listas; não gosta de intrusão; tem humor sarcástico;

- Primogênito: sente culpa com facilidade; apaziguador; acredita que a justiça se faz quando as pessoas recebem o que merecem; faz perguntas para se auto-orientar; emocionalmente inexpressivo; evita ofender os outros; sonha em conquistar as coisas; não se conhece bem; não se conecta com outros; é mais líder do que administrador de pessoas; comprometido; quer impressionar;
- Nascido em segundo lugar: perfeccionista; faz uso da lógica; avalia bastante; age a favor da paz; sensível à raiva; segue regras; auto-disciplinado; honesto; determinado; prestativo como amigo; gosta de manter locais arrumados; cumpre projetos; experiencia emoções intensas; corrige os outros com frequência;
- Nascido em terceiro lugar: sente-se vulnerável; tem força emocional; prestativo; faz uso do humor como defesa emocional; tem tendência a pensar de forma comparativa; agrada os outros; criativo; acha difícil trabalhar com outros; é amigável, mas só tem um ou dois amigos próximos; sente-se entediado com frequência; não liga para detalhes; pode sentir ansiedade/pânico; ajuda as vítimas;
- Nascido em quarto lugar: sente-se excluído; sente-se imaturo; analítico; desconfiado; faz uso da retaliação; não ouve a si mesmo; acha que os outros não o ouvem; pode ser passivo ou ter de ser “empurrado”; trabalha firme; controla os sentimentos para controlar comportamentos; geralmente esconde a raiva; secreto; sensível à culpa, tem humor insultivo.

Para Sulloway (1996) e Isaacson e Radish (2002), a ordem de nascimento não é determinante rígido da personalidade, mas pode ter uma influência maior do que se encontra na literatura da Psicologia. Ambos concordam que as personalidades segundo a ordem de nascimento são mais visíveis em famílias em que há mais conflito, como abuso, negligência, uso de substância, superproteção, controle inconsistente, punição frequente e exigências

incoerentes por parte dos pais. Acreditam que a diferença de idade também é um fator de influência, visto que um primogênito, por exemplo, cria-se e mantém como filho único quando a diferença de idade do nascido em segundo chega ou passa de 6 anos. Isso também pode ocorrer com as demais ordens. Além disso, para eles, o gênero interage junto com a ordem de nascimento, mas não é um fator tão forte quanto a própria ordem, pois a percepção da preferência e a ameaça de perda de amor parental, em suma, a competição entre irmãos, ocorre independentemente do sexo do irmão.

#### 4.4.2. Ordem de nascimento e percepção da preferência parental.

A percepção dos filhos a respeito do comportamento parental também se mostra relevante no estudo das práticas educativas e autodescrição de adolescentes. Especificamente, esse tema versa sobre tratamento parental diferenciado, ou seja, modos específicos dos pais lidarem com os filhos, variando de um para outro. Em uma pesquisa desenvolvida por Kuperfish (2006), encontrou-se que quase 50% dos participantes revelaram existir preferência dos pais por algum filho, sendo que 37,6% disseram ser si mesmos os favoritos, contra 12,2% que se julgaram desfavorecidos. Além disso, houve correspondência entre a percepção da preferência para pais e mães.

Shebloski, Conger e Widaman (2005) avaliaram as ligações recíprocas entre tratamento parental diferenciado, parcialidade percebida e auto-valorização de 384 díades de irmãos adolescentes, e seus resultados indicaram que a ordem de nascimento foi significativamente associada com a auto-valorização e percepção de tratamento diferenciado de mães e pais.

Numa primeira análise, os primogênitos e aqueles que eram nascidos antes que o irmão (e não eram primogênitos) não demonstraram diferenças de auto-valorização na percepção da parcialidade parental quando comparados ao grupo de irmãos mais novos, os quais indicaram ter menores índices de auto-valorização. No entanto, quando o primeiro grupo foi dividido em



primogênitos e não-primogênitos, os segundos apresentaram menor auto-valorização do que os primeiros. Nesse caso, porém, a auto-valorização dos primogênitos não foi relacionada à percepção do tratamento parental (Sheblonski *et al.*, 2005). Castro e Souza (1978), por sua vez, há alguns anos obteve resultados contrários, os quais indicaram que o caçula teria maior probabilidade de apresentar alta auto-estima, maior do que o filho único ou o primogênito, ao menos dentre os adolescentes. Para a autora, de qualquer forma, é clara a existência de uma relação significativa entre o interesse dos pais pelos filhos e a auto-estima deles.

Sheblonski *et al.* (2005) encontraram outra diferença relacionada à percepção do comportamento parental diferencial, em que os primogênitos foram aqueles que mais perceberam a diferença no tratamento dos pais com relação aos filhos, o que sugere que os adolescentes mais velhos têm maior propensão a observar e comparar o comportamento parental do que adolescentes mais novos. Da mesma forma, os autores encontraram que, quando o membro mais novo da díade considerava que seu par era o filho favorito, sua auto-valorização diminuía. Os autores ressaltam que, embora a percepção dos primogênitos pareça prever o posterior tratamento parental diferencial, não se sabe se são os primeiros que utilizam estratégias específicas para influenciar os pais, ou se eles são mais receptivos com os filhos mais velhos.

Lucchetti (2000) resalta que um dos fatores mais proeminentes na percepção da preferência parental em díades de irmãos diz respeito à forma de comunicação que os pais estabelecem com os filhos. Nesse sentido, quando uma criança percebe que seus pais comunicam-se melhor com um e não com outro, tendem a julgar que a preferência parental existe. Segundo a autora, a percepção do favoritismo influencia a visão dos filhos sobre o funcionamento familiar, qualidade da relação com os irmãos e a visão de sua própria autocompetência. Levy (2000) ainda complementa que, para adolescentes, sentir-se desigual com relação ao irmão é um fator moderador que influencia a tentativa de suicídio, junto a

outros fatores, como parcialidade materna e a ausência de admiração e cuidados por parte do irmão. A autora assinala que a relação entre irmãos, a ordem de nascimento e o sexo estão fortemente relacionados à tentativa de suicídio de adolescentes.

A despeito dos estudos que referenciam possíveis “preferências” dos pais por algum filho específico, como sugerido por Shebloski *et al.* (2005), outros autores (Hertwig, Davis & Sulloway, 2002) argumentam que existe uma pretensão dos pais em investir de forma igualitária entre os filhos, pois a distribuição igualitária do investimento parental reduz o risco de que a linhagem familiar se extinga. No entanto, os autores discutem que é justamente essa tentativa “igualitária”, chamada pelos autores de *equity heuristic*, que gera a desigualdade do investimento entre os filhos em algumas situações. Segundo os autores, a partir de uma contabilidade matemática acerca do investimento parental, pode-se perceber que a tentativa dos pais de serem iguais com os filhos não se mantém quando há três ou mais crianças na família. O quadro a seguir ilustra a hipótese dos autores.

Ordem de nascimento	Filho único	Dois filhos		Três filhos		
		1º	2º	1º	2º	3º
	<div>□</div>					
	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>
	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>
	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>
	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>	<div>□</div>
Investimento	400	250	250	217	167	217
acumulado	100%	63%	63%	54%	42%	54%

Figura 1. Alocação absoluta e relativa de recursos parentais entre os filhos considerando quatro períodos de crescimento, de acordo com a divisão igualitária (baseado em Hertwig, Davis & Sulloway, 2002).

Segundo os autores (Hertwig *et al.*, 2002), quando na família há apenas um filho, ele recebe todo o investimento dos pais. Quando há dois filhos, a soma total do investimento será a mesma entre eles, embora o momento que o investimento ocorra varie. Assim, o primogênito recebe mais dos pais quando tem menos idade, nos anos de vida que antecedem o nascimento do irmão; enquanto o segundo recebe mais quando o irmão já é mais velho e não demanda tanto dos pais, podendo inclusive não residir na mesma casa. A diferença (ou desigualdade) no investimento só aparece, portanto, quando há três filhos na família. Como pode ser visto na figura 1, o filho do meio não dispõe em nenhum momento de uma oportunidade de ser o “único” a receber o investimento, já que vai sempre dividi-lo com o irmão mais velho ou mais novo.

Para os autores (Hertwig *et al.*, 2002), porém, não só o filho do meio apresenta desvantagens. O primogênito pode ser prejudicado com relação à falta de liberdade em atividades mais permissivas por parte dos pais, como emprestar o carro ou chegar tarde em casa. E o caçula pode sofrer com a menor disponibilidade dos pais em cuidá-lo, especialmente no início da vida, pois ainda há os irmãos para serem cuidados também. No entanto, a complexidade dos fatores envolvidos na distribuição de recursos entre os filhos ultrapassa essa análise. Os próprios autores alertam que as circunstâncias moderadoras da distribuição igualitária dependem da duração do período de crescimento, a qual, quanto maior, menos prejudicial será ao filho do meio; ao intervalo entre nascimentos que, quanto maior, também menos prejudicial será ao filho do meio; e o tamanho da fratria (número de irmãos), a qual, quanto maior, menor investimento receberá o filho do meio.

O conceito de “filho do meio”, porém, não se restringe ao segundo filho. Ele inclui todos aqueles que nasceram entre o primeiro e último irmãos, sendo mais freqüente quanto maior o tamanho da família. Nesse sentido, Hertwig *et al.* (2002) alertam que alguns de seus dados são inconsistentes com outros achados. Eles citam que um deles indicou que, em

famílias com 3 a 5 filhos, os segundos-nascidos foram aqueles mais prejudicados em termos de tempo de cuidados, considerando o espaço de nascimento variando de 1 a 4 anos entre os irmãos. Isso quer dizer que o tamanho da família altera significativamente o investimento dos pais com relação aos filhos, em especial com os filhos do meio. Outro dado revelou que os filhos do meio foram os que menos relataram pedir ajuda emocional ou financeira da família quando em necessidade, o que sugere um distanciamento desses dos seus próprios pais ou parentes.

Demais dados trazidos por Hertwig *et al.* (2002) demonstram que um menor número de filhos mais novos foram atendidos em clínicas médicas para crianças, tendo sido menos vacinados/imunizados, na Inglaterra; além de terem apresentado maiores taxas de nutrição empobrecida, nas Filipinas; e maiores taxas de mortalidade em países em desenvolvimento. Dados referentes aos principais problemas encontrados para filhos mais velhos indicam a falta de recursos dos pais em manter o tempo de escolaridade desses.

#### 4.4.3. Ordem de nascimento e QI.

Outro tema bastante citado na literatura sobre a ordem de nascimento refere-se à relação entre essa variável e o coeficiente de inteligência (QI). Um debate entre pesquisadores da área foi publicado recentemente no periódico *American Psychologist*. Rodgers, Cleveland, van den Oord e Rowe (2000), questionando os modelos que propõem que o tamanho da família e a ordem de nascimento influenciam o QI de crianças, no sentido que, quanto maior a família e mais distante a ordem de nascimento, menor o QI, avaliaram dados coletados a partir do *National Longitudinal Survey of Youth*, nos Estados Unidos, de crianças entre 8 e 14 anos. Os autores concluíram que, realmente, os pais de famílias maiores apresentaram QI mais baixo; todavia, contrariando achados de outros pesquisadores, a crença de que crianças criadas em famílias grandes e mais distantes na ordem de nascimento apresentam menor QI

não foi confirmada. Os autores discutem os problemas das pesquisas realizadas acerca do tema, enfatizando a confusão entre ordem de nascimento e idade da criança, e também a mistura de variáveis na análise, pois o tamanho da família é uma medida inter-grupos e a ordem de nascimento, intra-grupo.

As conclusões de Rodgers *et al.* (2000) geraram controvérsias entre os estudiosos da área, principalmente considerando-se as implicações metodológicas de sua pesquisa. Zajonc (2001), por exemplo, alega que o tamanho da família e os efeitos da ordem de nascimento não são variáveis que se transformam em causas. Elas são condições que sustentam, mediam ou previnem um conjunto de diversos resultados, sendo um deles o escore num teste de inteligência. O autor diz que, assim como outras características pessoais imutáveis, como sexo, cor da pele e altura, o tamanho da família e a ordem de nascimento também contribuem na criação de condições favoráveis ou não ao desenvolvimento. Essas variáveis “são traços da ordem social que organizam as estruturas institucionais e normas comportamentais na distribuição diferencial dos recursos escassos, poder e status” (p. 495).

Michalski e Shackelford (2001) também acharam problemas nas conclusões de Rodgers *et al.* (2000). Segundo os autores, a análise da ordem de nascimento no modelo intra-familiar não dá conta de outras variáveis relevantes, como a mudança na dinâmica familiar ao longo dos tempos, especialmente do ponto de vista econômico, ou da própria mudança de atitudes dos pais, que podem se tornar mais calmos e experientes ao terem outros filhos além do primeiro.

Aarmor (2001) foi outro crítico de Rodgers *et al.* (2000) ao discordar que o QI das mães, mais do que o tamanho da família, teve implicações nos escores das crianças. Para ele, faltou ser realizada uma análise de regressão para se saber a relação entre cada um dos fatores: ordem de nascimento, tamanho da família e QI das mães. Além disso, ele acrescenta que numa análise de regressão por ele realizada, a ordem de nascimento apresentou impactos

significativos nas habilidades matemáticas, verbais e de leitura das crianças; da mesma forma, o tamanho da família teve impacto sobre as duas últimas.

No mesmo caminho, a revista *Science* (ed. 316 de 2007) divulgou uma pesquisa em que foi feita uma relação entre ordem de nascimento e inteligência (Kristensen & Bjerkedal, 2007), analisando essa relação segundo duas hipóteses divulgadas na literatura. A primeira seria a hipótese de diferença de escores de QI dos filhos devido à ordem gestacional, ou seja, a ordem de nascimento biológica, natural. A segunda hipótese seria a ordem social da criança dentro da família, levando em consideração a morte do primeiro, e primeiro e segundo filhos combinados, o que faz com que o segundo filho torne-se o primogênito e que o terceiro torne-se o segundo, respectivamente. Isso alteraria a função social da ordem de nascimento. Numa primeira análise, os resultados indicaram que tanto a ordem natural quanto a social relacionaram-se negativamente com o QI; no entanto, a partir de análises de regressão, percebeu-se que o posicionamento social dentro da família foi o fator de peso na diferença de QI, e não a ordem de nascimento gestacional. Esse estudo sugere que não é o fator biológico da ordem de nascimento que diferencia as pessoas, mas a função social, isto é, o modo da família tratar os filhos considerando essa variável.

#### 4.5. Adolescentes e a relação com seus pais

O período da adolescência (do latim *adelesco*: crescer – Cole & Cole, 2003), embora amplamente estudado e de constante interesse para psicólogos, ainda carrega em si uma incerteza no seu próprio significado, pois os estudiosos do tema não definem se ele representa uma *transição* da idade infantil à idade adulta, ou se é em si uma fase de determinadas características. Em algumas comunidades humanas, e em outros tempos, o período que compreende a adolescência não existia, já que a menarca demarcava a vida adulta reprodutiva

das meninas e a capacidade de prover a família dos meninos (Bee, 1996; Berk, 1996; Cole & Cole, 2003).

O pesquisador Barry Bogan, em uma publicação em 1999, relata que o *Homo sapiens* é o único primata que experimenta uma explosão de crescimento após a infância, ou seja, a puberdade. Ele acredita que a adolescência tornou-se uma parte da história da vida humana porque conferiu e confere vantagens reprodutivas à espécie, em parte por permitir que o indivíduo aprenda e pratique o comportamento econômico, social e sexual do adulto antes da reprodução, o que ele chama de “modelo cultural da adolescência” (Cole & Cole, 2003).

A adolescência compreende, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990), a faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos de idade. Para psicólogos do desenvolvimento, essa categorização pode variar, iniciando a partir dos 11 anos (Berk, 1996), ou terminado mais tarde, aos 19 ou 20 anos (Cole & Cole). O que marca seu início, porém, é consenso: a puberdade.

A capacidade de reprodução biológica é o principal fator que demarca a adolescência. A maturidade dos órgãos sexuais vem aliada ao aparecimento das características sexuais secundárias, modificando na noção identitária do adolescente e fazendo emergir as atrações sexuais. Tais modificações implicam necessariamente mudanças em todos os âmbitos da vida do indivíduo, seja social, moral, cognitivo ou afetivo, não se restringindo ao corpo.

Uma das características mais marcantes dessa fase, portanto, diz respeito à noção de eu que é criada. É bastante difundida a idéia de que é a adolescência o período em que o indivíduo constrói sua base para uma personalidade adulta estável. Assim, a identidade pessoal é expressa em termos de crenças gerais, valores e planos de vida, levando ao aparecimento de vários “eus”, cada qual mais adequado a determinados contextos. Para a auto-estima, o que mais conta é a beleza física e a aceitação dos pares; nesse sentido, tudo

depende de como eles julgam os outros, como os outros os julgam e o que eles pensam sobre o próprio ato de julgar.

Nesse momento da vida, o adolescente passa a criar novos tipos de relacionamento com os pares (amigos, pessoas do sexo oposto), pais e autoridades, configurando uma nova rede social de contato. Dele espera-se uma maior independência emocional com relação aos pais, a aprendizagem de papéis sociais de adultos necessária para a posterior sustentação econômica, uma compreensão mais profunda dos valores e da ética de sua cultura e uma maneira de agir socialmente responsável.

Tudo isso reflete na estrutura familiar do adolescente, levando ao aumento dos conflitos que emergem entre os adolescentes e seus pais (cuidadores e/ou outros familiares), o que leva muitos a denominarem essa fase como sendo de “muito tumulto e estresse” (a popular “aborrecência”). Cole e Cole (2003) citam pesquisadores que relatam que a frequência e a intensidade das brigas/conflitos entre pais e filhos adolescentes é maior no seu primeiro estágio (até metade), posteriormente declinando. Esses fatores coincidem com o período em que o adolescente passa menos tempo em casa e muda os vínculos emocionais com seus pares. Além disso, considera-se também que os próprios pais do adolescente estão atingindo uma idade que gera mudanças em suas vidas, provavelmente com maiores responsabilidades no trabalho e com a família, especialmente porque seus pais estão envelhecendo e eles mesmos já não gozam do mesmo vigor físico de quando os filhos eram menores (Carter & McGoldrick, 2001).

A comunicação entre pais e filhos nessa fase representa, portanto, um grande fator de amenização ou de agravamento de um conflito familiar. Wagner, Falcke, Silveira e Mosmann (2002), por exemplo, relatam que o aumento de confronto entre pais e filhos circulam os temas que dizem respeito às regras, valores e crenças familiares, o que pode gerar instabilidade emocional, agressividade, irritabilidade, isolamento e comportamentos sexuais



desafiadores e de risco por parte do adolescente. As autoras ainda sugerem que as mães e os irmãos mais velhos são as pessoas mais procuradas pelos adolescentes para conversar. Cole e Cole (2003), por sua vez, relatam que existem indicativos de que os pais (homens) são mais procurados pelos filhos para tratar de assuntos cujos objetivos são de longo alcance, enquanto as mães são buscadas para discutir questões pessoais, obter conselhos práticos ou confirmação de sentimentos.

A adolescência chama a atenção de estudiosos do comportamento humano por também representar uma fase em que psicopatologias desenvolvem-se. Nessa fase, o índice de depressão, suicídio e transtornos alimentares aumenta, e possíveis dificuldades sofridas na infância podem ser reavivadas e agravadas. Estudos realizados nos Estados Unidos e na Nova Zelândia, por exemplo, indicam que as adolescentes que experimentam um alto nível de conflito familiar passam pela menarca mais cedo do que aquelas que vivem em famílias harmoniosas. Além disso, dentre as meninas que entraram na puberdade relativamente cedo e que tinham imagens corporais desfavoráveis a seu próprio corpo, aquelas que estavam em conflito com suas famílias corriam um risco maior de sofrer distúrbios alimentares crônicos (Cole & Cole, 2003).

Uma pesquisa realizada por Henry, Robinson, Neal e Huey (2006) demonstrou que os adolescentes consideram que um clima familiar adequado existe quando há níveis de coesão e flexibilidade entre as pessoas da família; um equilíbrio entre proximidade (ligação) e individualidade (privacidade) entre elas; liderança igualitária, isto é, quando todos podem opinar e discutir assuntos; quando as decisões disciplinares são democráticas e forma de comunicação é positiva. Com isso, os adolescentes percebem seus pais como pessoas que os apóiam, criadores de um ambiente familiar mais flexível em que as regras e os papéis que cada um desempenha são equilibrados.

Da mesma forma, resultados obtidos por Magagnin e Kõrbes (2000), a partir da avaliação da relação entre autoconceito do adolescente, relacionamento familiar e limites, indicaram que quando o autoconceito do adolescente apresenta escores altos, o relacionamento com os pais e com os irmãos também se mostra bom. Segundo as autoras, os filhos legitimam o estabelecimento de limites por parte dos pais, controlando seu comportamento de forma a ajudá-los a desenvolver autonomia e independência. Por outro lado, quando o autoconceito apresenta escores baixos, o relacionamento com os pais e com os irmãos também apresentou tendências a ser considerado de pior qualidade, sendo que os limites passaram a ser considerados uma prática desgostosa aos adolescentes. Num estudo anterior, Lummerz e Blaggio (1986) também verificaram haver alta correlação entre autoconceito do adolescente e satisfação familiar.

Moilanen (2007) acrescenta que a auto-regulação ao adolescente a curto e longo prazos obtiveram escores positivamente relacionados ao calor emocional (*warmth*) parental, e negativamente relacionado ao controle psicológico. Por sua vez, maior auto-regulação está positivamente relacionada ao bom desempenho escolar, comportamentos pró-sociais e menores índices de problemas de inter e externalização.

Mais especificamente, Weber, Stasiak e Brandenburg (2003) citam que as variáveis mais proeminentes no desenvolvimento da auto-estima dos adolescentes são: expressão afetiva, envolvimento, regras, reforçamento, comunicação positiva, presença de modelo parental, clima conjugal positivo e sentimentos positivos em relação aos pais. Já as punições consideradas inadequadas e a comunicação negativa estiveram significativa e negativamente relacionadas com a auto-estima. Assim, famílias que têm regras e padrões claros, e que são consistentes com relação ao seu cumprimento, criam filhos com maior auto-estima e competência para enfrentar as mais variadas situações.

Na fase adolescente, portanto, os indivíduos passam por um momento de mudanças corporais, sociais, morais e afetivas significativas, em que surgem muitas dúvidas com relação às convenções sociais, à sexualidade, ao que é certo e errado. Conseqüentemente, é um período em que novas negociações com pais e autoridades são feitas, o que influencia diretamente a forma como os pais lidam com os filhos e como os últimos avaliam sua família.

## 5. MÉTODO

### 5.1. Caracterização da pesquisa

Essa pesquisa caracteriza-se como levantamento de dados, de caráter descritivo e exploratório, pois tem como objetivo tornar familiar o problema investigado, possibilitando explicações aprimoradas e novas descobertas sobre a temática abordada (Gil, 1991).

A pesquisa tem um delineamento fatorial, isto é, “um delineamento em que todos os níveis de uma variável (...) são combinados com todos os níveis de todas as outras variáveis” (Cozby, 2003, p. 423). Esse delineamento permite a investigação das interações entre duas ou mais variáveis que, no caso da presente pesquisa, são: os pais (mãe e pai), o gênero dos filhos (masculino ou feminino) e as posições de nascimento (filho único, primogênito, do meio e caçula). O formato desse delineamento é, portanto: 2 x 2 x 4 (Tabela 1), o que resulta em 16 cruzamentos.

TABELA 1

Delineamento da Pesquisa

Pais	Gênero	Ordem de nascimento
Pai	Masculino	Único
		Primogênito
		Do meio
		Caçula
	Feminino	Único
		Primogênito
		Do meio
		Caçula
Mãe	Masculino	Único
		Primogênito
		Do meio
		Caçula
	Feminino	Único
		Primogênito
		Do meio
		Caçula

## 5.2. Participantes

Participaram dessa pesquisa 322 adolescentes entre 13 e 17 anos, sendo a maioria (59,6%) entre 14 e 15 anos, freqüentadores da 8ª. série do ensino fundamental e o 1º. ano do ensino médio. Grande parte (68,9%) mora com os pais, sendo que a escolaridade desses foi correspondente, a maior parte (55,6%), ao ensino superior, completo ou não. Dos 277 (86%) participantes que têm irmãos, a maioria (85,6%) assinalou ter um ou dois irmãos, enquanto apenas 14,4% marcaram ter três ou mais. Os detalhes da composição da amostra podem ser vistos na Tabela 2.

TABELA 2

Caracterização da amostra (N = 322)

Variáveis	n	%
<i>Grupos</i>		
<i>Masculino</i>	132	41,0
Primogênito	51	38,6
Do meio	17	12,9
Caçula	49	37,1
Único	15	11,4
<i>Feminino</i>	190	59,0
Primogênito	64	33,7
Do meio	32	16,8
Caçula	64	33,7
Único	30	15,8
<i>Idade (anos)</i>		
13	68	21,1
14	105	32,6
15	87	27,0
16	58	18,0
17	4	1,3
<i>Com quem mora</i>		
Mãe e pai	222	68,9
Só com a mãe	50	15,5
Mãe e padrasto	25	7,8
Outros	25	7,8
<i>Escolaridade</i>		
<i>Superior</i>		
Completo	159	49,4
Incompleto	20	6,2
<i>Médio</i>		
Completo	68	21,1

Incompleto	29	9,0
<i>Fundamental</i>		
Completo	16	4,9
Incompleto	17	5,3
<i>Não alfabetizado</i>	1	0,3
<i>Não sabe</i>	12	3,7
<hr/>		
<i>Número de irmãos</i>		
Um	155	56,0
Dois	82	29,6
Três	25	9,0
Mais de três	15	5,4

Considerou-se “do meio” os meninos e meninas não-primogênitos e não-caçulas, independente ter havido mais de três filhos na família. Isso porque, se houvesse outras divisões (ex.: 2º e 3º filhos), o número de análises a serem realizadas estaria além dos propósitos dessa pesquisa. Além disso, quanto maior a alocação dos participantes a diferentes grupos, maior o números de cruzamentos a serem feitos, o que fragmenta a análise.

### 5.3. Local

Os dados foram coletados em três instituições da cidade de Curitiba, PR: uma escola estadual (4 turmas); um colégio particular (5 turmas); e uma organização não-governamental que seleciona alunos de escolas públicas da região (8 turmas de cursos extras). Nesse último caso, os adolescentes provieram de pelo menos cinco escolas diferentes, todas localizadas em Curitiba. A escola estadual atende aproximadamente 500 alunos que cursam o ensino fundamental (1ª. a 8ª. séries), sendo que a população usuária caracteriza-se principalmente por pessoas de classe média e baixa, cujos pais têm empregos no setor secundário, sendo parte deles oriundos de favelas. O colégio particular inclui os ensinos infantil, fundamental e médio, com 2.200 alunos matriculados de renda familiar média ou alta. A ONG, por sua vez, atende no momento 360 alunos em Curitiba, oriundos de escolas públicas, com renda familiar

de até quatro salários-mínimos, e histórico escolar com média mínima de 7,0 em todas as disciplinas cursadas e frequência mínima de 90% às aulas.

#### 5.4. Instrumentos

Os instrumentos utilizados nessa pesquisa foram: o Inventário de Estilos Parentais (IEP, Gomide, 2006) e um questionário para as finalidades dessa pesquisa, denominado “Folha Adicional”.

##### 5.4.1. Inventário de Estilos Parentais

Foi utilizado o Inventário de Estilos Parentais – IEP – (anexos A e B), de Gomide (2006), para avaliar como se caracterizam as práticas educativas dos pais em relação às crianças. O Inventário é composto de 42 itens, no qual o participante deve responder indicando a frequência com que a figura materna/paterna age conforme a situação descrita. Assim, responde-se:

- NUNCA: se em 10 ocasiões, ele (a) agiu daquela forma de 0 a 2 vezes.
- ÀS VEZES: se em 10 ocasiões, ele (a) agiu daquela forma de 3 a 7 vezes.
- SEMPRE: se em 10 ocasiões, ele (a) agiu daquela forma de 8 a 10 vezes.

As questões estão distribuídas de maneira que abranjam as sete práticas educativas: (A) monitoria positiva, (B) comportamento moral, (C) punição inconsistente, (D) negligência, (E) disciplina relaxada, (F) monitoria negativa e (G) abuso físico, sendo que a cada variável correspondem seis perguntas. A tabulação dos dados obtidos por meio do Inventário é feita utilizando-se a folha de resposta que contém as sete práticas educativas deste instrumento. Cada resposta NUNCA recebe pontuação 0 (zero); ÀS VEZES, pontuação 1 (um); e SEMPRE, pontuação 2 (dois). O cálculo do índice de estilo parental é feito pela subtração da

soma das disciplinas negativas (C+D+E+F+G) e da soma das positivas (A+B), ou seja, IEP = (A+B)-(C+D+E+F+G) (anexo C).

O IEP fornece um escore, o *iep* (*índice de estilo parental*), um escore bruto que deve ser consultado nas tabelas normativas, nas quais são apresentados os percentis correspondentes aos valores encontrados. Há duas tabelas, uma referente às práticas maternas e outra às paternas. Encontrando-se o valor percentual, observa-se qual estilo parental é predominante. Essa referência é dada através de uma tabela em que os percentis são agrupados nas seguintes categorias: estilo parental *ótimo*; *regular acima da média*; *regular abaixo da média*; e *de risco*. Nessa pesquisa, foram considerados o valor geral do índice de estilo parental (*iep*) e o valor de cada prática isoladamente, para que a análise fosse mais detalhada.

O IEP apresenta três versões: a) em que o filho(a) responde em relação ao pai; b) em relação à mãe; e c) auto-aplicação, em que os pais respondem sobre sua forma de educar os filhos. Nessa pesquisa, foram utilizadas as versões (a) – anexo A - e (b) – anexo B -, visto que os participantes foram os adolescentes - filhos.

#### 5.4.2. Folha Adicional

Junto aos inventários (IEPs), foi anexado um questionário (Folha Adicional - apêndice B) requisitando outros dados dos respondentes. O objetivo principal desse instrumento foi coletar dados adicionais sobre os participantes (questões 1, 2, 3 e 4) e questioná-los sobre preferência parental e autodescrição.

A pergunta 1 (“com quem você mora?”) foi incluída para se ter o controle dos cuidadores que moram com o participante, não necessariamente seus pais. Na consigna da aplicação dos instrumentos foi ressaltado que o adolescente deveria responder sobre a **figura** que representa o papel de pai e de mãe (ou de apenas um) para ele, e não sobre o pai e/ou mãe



biológicos(as), caso a convivência não fosse significativa para responder aos instrumentos. Ressalta-se que a pesquisa não se restringiu e nem excluiu determinadas configurações familiares (nuclear, extensa, reconstituída ou recasada) por considerar que o importante é o cuidador efetivo da criança, e não necessariamente a ligação sanguínea (Wagner, Ribeiro, Arteche & Bornholdt, 1999).

A questão 2 (“qual a maior escolaridade de seus pais ou das pessoas com quem você mora?”) foi inserida porque sugere-se que a escolaridade seja um fator importante nas práticas parentais, apresentando-se como uma variável relevante nas diferenças entre grupos, sendo mais proeminente do que a classe social e raça, por exemplo (Keller, 2007).

As questões 3 e 4 identificaram se o respondente tem irmão(s) ou irmã(s), e a idade deles. Elas serviram de controle para as questões seguintes, já que a identificação da ordem de nascimento para alocação dos participantes nos grupos foi feita pela pesquisadora.

Das questões 5 até a 10, investigou-se se o participante acha que seu pai e/ou mãe têm algum filho preferido (questões 5 e 8), quem é (questões 6 e 9) e porquê acredita que essa preferência existe (questões 7 e 10). Essas perguntas, obviamente, só foram respondidas por filhos não-únicos, tendo sido indicado para que os filhos únicos as pulassem. Elas versam sobre o favoritismo parental, tema incluído visto que na revisão de literatura sobre ordem de nascimento obteve destaque como um fator de influência nas práticas parentais e nas relações entre irmãos (ver especialmente Sheblonski *et al.*, 2005).

A última pergunta (número 11) requisitou que o adolescente cite três características suas que considerasse positivas e três negativas, buscando apreender resumidamente o autodescrição dos participantes considerando que esse é um possível fator de diferenciação das pessoas segundo a ordem de nascimento (ver especialmente Sulloway, 1996; Isaacson & Radish, 2002).

## 5.5. Procedimentos

### 5.5.1 Coleta de dados

A pesquisadora entrou em contato com as escolas, apresentou o projeto e os objetivos da pesquisa. Com o consentimento da direção/coordenação das séries dos participantes foram marcadas, primeiramente, as datas e horários para a entrega os termos de consentimento livre e esclarecido (apêndice A) para os alunos, para que eles os entregassem aos pais. Nessa ocasião foi feita a apresentação da pesquisadora e os objetivos gerais da pesquisa aos alunos, que já foram informados da data da aplicação dos instrumentos, a mesma em que deveriam devolver os termos. A aplicação foi coletiva em sala de aula.

Foram destinados 50 minutos (duração de uma aula) para aplicação dos instrumentos. Os professores responsáveis pelas turmas permaneceram na sala enquanto os alunos respondiam; porém, qualquer dúvida era direcionada à pesquisadora, e não ao professor. Esse detalhe foi esclarecido antes do início da tarefa. Após a entrega do material, foi dada a seguinte consigna:

“Esta pesquisa tem interesse em saber um pouco mais sobre a relação dos adolescentes com seus pais. A (*nome da instituição*) me deu a oportunidade de tê-los como participantes dessa pesquisa, por isso estou contando com vocês. Vocês têm em mãos três questionários. Os dois primeiros, favor conferir, chamam-se Inventário de Estilos Parentais; no entanto, o primeiro refere-se à mãe; e o segundo, ao pai. As perguntas são as mesmas, mas para cada um vocês devem levar em conta a figura parental (mãe/pai) anunciada. Se você não morar com os pais, se eles forem separados ou um deles falecido, considere a pessoa que cuida de você de verdade e escreva quem é no questionário (ex.: tio no IEP do pai; avó no IEP da mãe). (*Consigna do IEP*). O terceiro questionário chama-se Folha Adicional. As perguntas são de fácil entendimento, mas chamo a atenção para a questão 2 (*explicação sobre cada tipo de*

*escolaridade*). Na questão 11, vocês devem citar características de personalidade, psicológicas, comportamentais que crêem ter. As respostas de todos os questionários são pessoais, por isso não há necessidade de confirmar nada com o colega. Não há respostas certas ou erradas, sua sinceridade é o mais importante. Qualquer dúvida, favor levantar a mão que atendo na carteira. Alguma dúvida? Podem começar”.

As dúvidas foram esclarecidas individualmente; quando se repetiam, porém, foram dirimidas coletivamente. À medida que os alunos terminavam de responder, entregavam os questionários à pesquisadora, que confirmava os dados de sexo, idade e preenchimento correto do material. Caso faltasse algo, os questionários eram devolvidos e pedia-se que fossem completados. Caso sobrasse tempo antes do término da aula, permitia-se que os alunos pegassem material escolar e estudassem individual e silenciosamente.

### 5.5.2 Análise dos dados<sup>5</sup>

#### 5.5.2.1. Inventário de Estilos Parentais - IEP

Os dados obtidos através do IEP foram analisados com auxílio do pacote estatístico *Statistical Package for Social Science* (SPSS) versão 11.0, para Windows. Os itens de cada inventário foram tabulados primeiramente à mão na Folha de Respostas do referido instrumento e então digitados no *software* estatístico.

Quando algum item não era respondido, optou-se pelo tratamento de *missing* (não-resposta), desde que a ausência de respostas não ultrapasse 10% do total, ou seja, 4 frases. Apenas dois IEPs foram desconsiderados integralmente por terem ultrapassado o limite, o restante que deixou até 4 itens sem resposta recebeu um valor que seguiu a **moda** das respostas da dimensão correspondente. Por exemplo: se das 6 questões de uma determinada

---

<sup>5</sup> Para todos os testes estatísticos dessa pesquisa, considerou-se  $\alpha=95\%$ , ou seja, um p-valor significativo a 0,05, no mínimo.

dimensão, três recebessem “2 (sempre)”, duas “1(às vezes)” e uma não tivesse resposta, essa era completada pelo “2 (sempre)”, já que essa foi a moda da dimensão, ou seja, ocorreu com maior frequência. Em 13 questionários, porém, houve empate de moda. Nesses casos, a decisão para completar o *missing* dependeu do iep geral. Se o iep geral fosse negativo, a resposta tenderia a indicar o que mantivesse o iep negativo, e vice-versa, atentando que para as duas primeiras categorias os valores assumem a função de elevar o iep e para as demais, de baixá-lo. Isso foi adequadamente resolvido para manter a tendência de respostas e não alterar a qualidade das mesmas.

Os dados foram analisados de forma quantitativa, sendo utilizados a estatística descritiva e os testes de diferenças. A estatística descritiva objetivou descrever a constituição da amostra da pesquisa em termos de frequência (bruta e percentual), médias e desvios-padrão dos valores dos índices de estilo parental (iep). Os testes de diferença foram utilizados para testar as hipóteses da pesquisa com referência às práticas educativas parentais, ou seja, se elas se configuram de diferentes formas considerando o gênero e a ordem de nascimento dos filhos. Para tal, foram comparados os ieps gerais de cada grupo, assim como cada prática educativa separadamente.

Os testes de diferenças utilizados foram três: Mann-Whitney, Kruskal-Wallis e de Comparações Múltiplas. Eles enquadram-se na chamada estatística não-paramétrica e foram escolhidos para análise dessa pesquisa porque os requisitos necessários para que a estatística paramétrica fosse aplicada não foram atingidos. Especificamente, os escores do IEP não tiveram uma distribuição normal, já que os valores do teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov foram: K-S  $d=0,525$ ;  $gl=320$ ;  $p<0,001$ , para as mães; K-S  $d=0,534$ ;  $gl=294$ ;  $p<0,001$ , para os pais. Como esses testes (não-paramétricos) não oferecem a possibilidade de investigar a interação dos fatores (que seriam gênero e ordem de nascimento), foram separadas as

amostra de gênero (masculino e feminino) e em cada uma delas foi feita a comparação das ordens de nascimento, posteriormente.

O teste de Mann-Whitney (U) foi utilizado na comparação dos ieys com referência ao gênero. Como só há duas categorias incluídas nessa variável (masculino e feminino), esse teste foi considerado mais apropriado. O teste de Kruskal-Wallis (H) foi utilizado na comparação das ordens de nascimento, pois admite que a variável assumira mais de duas categorias, sendo “uma prova extremamente útil para decidir se k amostras independentes provêm de populações diferentes” (Siegel, 1975, p. 209).

A partir do resultado do teste de Kruskal-Wallis, foram feitas comparações múltiplas especificamente para as variáveis cujo p-valor indicou haver diferença significativa entre os grupos. Isso é necessário porque o teste de Kruskal-Wallis somente diz se há ou não diferença entre os grupos, mas não indica entre quais (Dancey & Reidy, 2006). Ao se rejeitar a hipótese nula, ainda resta saber quais dos tratamentos diferem, o que justifica o uso das comparações múltiplas, que podem ser encaradas como uma complementação ao teste de Kruskal-Wallis (Pontes e Corrente, 2001). As comparações múltiplas regem por aproximação de escores, indicando uma diferença observada e uma diferença crítica para cada grupo; quando a primeira tem valor mais alto que a segunda, considera-se significativa a diferença dentro do par comparado.

#### 5.5.2.2. Folha adicional

As questões de 1 a 4 da folha adicional foram analisados apenas em termos de frequência, visto que serviram apenas para descrição da amostra. As questões 5, 6, 8 e 9, por sua vez, além de terem recebido uma análise descritiva/qualitativa, também foram objeto de estudo da pesquisa e sofreram tratamento estatístico com o teste do qui-quadrado ( $\chi^2$ ). Foram testadas diferenças para saber se existia ou não a preferência do ponto de vista do respondente

(questões 5 e 8) e, em caso afirmativo, quem era o filho considerado preferido (questões 6 e 9). Nesse último caso, como as opções de resposta eram várias (sete) e as frequências não foram suficientes em algumas delas para aplicação do teste qui-quadrado, o qual necessita de uma frequência mínima de 5 respostas em cada casela para poder rodar adequadamente, considerou-se apropriado agrupar as opções. Assim, foram feitos dois agrupamentos: um relativo ao gênero do filho preferido, incluindo as opções ‘minha irmã mais velha/do meio/mais novo como grupo feminino e ‘meu irmão mais velho/do meio/mais novo’ como masculino; e outro referente à ordem de nascimento, considerando “primogênito” as opções ‘minha irmã mais velha’ e ‘meu irmão mais velho’; “do meio”, ‘minha irmã do meio’ e ‘meu irmão do meio’ e “caçula”, ‘minha irmã mais nova’ e ‘meu irmão mais novo’.

Com relação às questões 7 e 10, que são abertas, foi feita uma categorização dos temas das respostas, as quais tiveram como objetivo elucidar os principais conteúdos que justificam a existência da preferência parental. Uma categorização prévia dos temas foi feita pela pesquisadora principal e, posteriormente, entregue à avaliação de dois juizes para que o índice de concordância dos construtos fosse calculado. Para que uma categoria fosse construída, foi estabelecido o critério de haver, no mínimo, quatro sentenças (aproximadamente 5%) que versassem de modo semelhante para que pudessem ser agrupadas numa categoria. Frequências menores do que quatro encaixaram-se em ‘outros’.

Assim, resultaram três avaliações em pares. As avaliações foram submetidas ao teste Kappa, resultando: para o par (IxV)  $k=0,79$ ; (IxL)  $k=0,84$  e (VxL)  $k=0,82$  (média dos  $kappa=0,76$ ), para as categorias maternas; e (IxV)  $k=0,73$ ; (IxL)  $k=0,82$  e (VxL)  $k=0,74$  (média dos  $kappa=0,82$ ), para as categorias paternas, todos com  $p<0,001$ . Acima de 0,60, o valor kappa é considerado bom, e acima de 0,8, muito bom (Fleiss, Cohen & Everitt, 1969). Reconhece-se que as categorias, portanto, foram satisfatoriamente construídas. As categorias

para pais e mães foram praticamente idênticas, apenas uma categoria a mais foi construída para descrever a preferência paterna: o ‘gênero’ (ver Tabela 3).

TABELA 3

Categorias que Descrevem os Temas Referentes à Preferência Parental

<b>Categoria</b>	<b>Definição: o filho é considerado preferido porque...</b>	<b>Direção da ação</b>
Características positivas	apresenta características físicas e/ou psicológicas que agradam o(a) pai/mãe, sejam elas de cunho afetuosos, desempenho acadêmico, companheirismo, ajuda.	Filho - pais
Ordem de nascimento	é primogênito, do meio ou caçula.	Filho - pais
Tolerância	o pai/mãe é mais tolerante, paciente, briga menos, cobra menos, defende, protege e favorece mais o filho preferido, não se importando para as coisas erradas que ele faça, brigando mais com os outros filhos.	Pais - filho
Atenção	recebe mais atenção do(a) pai/mãe, ou seja, mais carinho, agrado cuidados (zelo), mimo, tendo realizadas suas vontades, inclusive materiais.	Pais - filho
Convivência	o filho preferido convive mais com o(a) pai/mãe, ficando mais juntos, passando mais tempo em presença um do outro.	Recíproca
Afinidade	há uma relação de afeto, apego, proximidade relacional (não física) mais forte entre o filho preferido e o(a) pai/mãe, sugerindo que eles conversam mais, identificam-se reciprocamente.	Recíproca
Outros	demais respostas que não se enquadram nas anteriores por serem muito específicas.	Qualquer
<b>Exclusiva dos pais</b>		
Gênero	é menino ou menina.	Filho - pais

As respostas da questão 11, por outro lado, não foram categorizadas porque não formaram frases; as palavras correspondentes às características positivas e negativas requisitadas foram apenas citadas. Para analisá-las, portanto, foi feita uma Análise Fatorial de Correspondências (AFC), através do *software* francês *SPAD (Système Portable pour l'Analyse de Données textuelles)*, cujo objetivo é “representar um dado conjunto de variáveis através de um menor número de variáveis hipotéticas, ou fatores, que garantam a maior covariação das variáveis observadas. Os fatores resultam da combinação linear dessas variáveis e permitem dar sentido às combinações obtidas e às variáveis que as constituem” (Oliveira & Amâncio, 2005, p. 327). Foi feita uma AFC para o item ‘características positivas’

e outra para ‘características negativas’. Na primeira, consideraram-se as palavras cuja contribuição foi igual ou acima de 2,2; e na segunda, igual ou acima de 2,3, valores que foram as respectivas médias.

Parte dessa pesquisa objetivava relacionar as definições dessa questão (11) com o índice de estilo parental (iep) dos respondentes, buscando saber se haveria associação entre o tipo de palavra utilizada na autodescrição e o escore obtido no iep. No entanto, essa análise não foi utilizada, embora tenha sido feita, porque a contribuição relativa do iep nos fatores foi irrelevante, já que seus cossenos quadrados ficaram abaixo de 0,05.

#### 5.5.3. Aspectos éticos

Esta pesquisa seguiu as normas da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP, 2000), tendo sido encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Catarina. Recebeu aprovação sob o protocolo de número 026/07.



## 8. RESULTADOS

Primeiramente, será feita a descrição da amostra; a seguir, os resultados serão apresentados em três seções. A primeira será relativa às práticas educativas parentais; a segunda à percepção da preferência parental e a terceira à autodescrição.

### 8.1. Comentários sobre a amostra

A amostra pode ser considerada homogênea do ponto de vista da fase de desenvolvimento dos respondentes, devido à idade da maioria; da configuração familiar, pois a maioria mora com os pais, respeitando o modelo de família nuclear; e da escolaridade dos pais. A escolaridade dos pais, embora se sugira ser um fator importante para adoção de um ou outro modelo educativo, não foi aprofundada em pormenores nessa pesquisa, justamente por ter assumido uma distribuição bastante concentrada num tipo, o ensino superior, não sendo adequado fazer comparações com as demais para não se tomar conclusões precipitadas.

Por outro lado, embora a renda não tenha sido requisitada nessa pesquisa, sabe-se que ela foi um fator variante dentre os participantes, pois metade da amostra (50,6%) é estudante de um colégio particular de elite da cidade de Curitiba, enquanto que 86 deles estudam em uma escola estadual e 73, por mais que estudem em escolas particulares, o fazem porque recebem bolsa de uma ONG justamente por terem renda familiar entre 1 e 4 salários-mínimos. A renda não foi avaliada, contudo, porque pesquisas anteriores utilizando o IEP (Gomide, 2006) indicaram que essa variável não contribuiu suficientemente para diferenciar os grupos.

Com relação ao tamanho da família, o número de irmãos dos respondentes demonstra que as famílias, na sua maior parte, são compostas por até cinco membros (pais e três filhos, no máximo). As configurações mais extensas, com mais de três filhos, foram

consideravelmente menos freqüentes, algo já esperado pela diminuição do tamanho da família que vem ocorrendo nos últimos anos.

No que se refere às variáveis principais da pesquisa, gênero e ordem de nascimento, a distribuição da amostra não ficou balanceada como tinha sido proposto no projeto de pesquisa. Inicialmente, tinha-se pensado em obter 20 participantes para cada grupo, o que totalizaria 160. No entanto, para os grupos masculinos de filhos únicos e do meio, não foi possível obter esse n, mesmo aumentando a amostra. Assim, decidiu-se finalizar a aplicação dos questionários quando o n chegou a 322 e trabalhar com os grupos formados a partir dele.

Os grupos de filhos primogênitos e caçulas foram os maiores e mais equilibrados entre si. Os grupos dos filhos únicos e do meio foram menores, sendo quase metade dos anteriores em termos de freqüência, mas também obtiveram um n semelhante entre si. Houve mais meninas respondentes do que meninos, apesar da diferença não ser tão grande. Entretanto, essa configuração, embora não pareada exatamente ou de forma muito parecida, permitiu a análise dos dados normalmente com o uso da estatística não-paramétrica.

## 8.2. Práticas educativas parentais

As práticas educativas parentais, avaliadas pelo instrumento Inventário de Estilos Parentais (IEP, Gomide, 2006), receberam análise estatística quantitativa, como descrito no item 7, “Método”. Inicialmente, são apresentadas as estatísticas descritivas dos grupos; em seguida, os testes de diferenças para o índice de estilo parental (iep) geral e para cada uma das sete práticas educativas, separadamente.

A Tabela 4 mostra as médias e desvios-padrão dos ieps de cada grupo (ordem de nascimento, gênero e ordem de nascimento e somente gênero). Chamam a atenção os valores paternos, que foram quase na sua totalidade menores do que os maternos, embora esse dado seja coerente com a literatura (Furtado, 2005).

TABELA 4

Médias e Desvios-padrão dos Ieps para cada Grupo e no Geral

Grupos	Mãe		Pai	
	Média	DP	Média	DP
<i>Ordem de nascimento</i>				
Primogênito				
<i>Geral</i> (n = 115)	-1,3	10,2	-3,7	11,8
Masculino (n = 51)	-1,73	11,0	-1,79	11,7
Feminino (n= 64)	-1,0	9,6	-5,17	11,7
Do meio				
<i>Geral</i> (n = 49)	0,2	9,9	-1,2	11,0
Masculino (n= 17)	1,23	10,76	1,23	10,5
Feminino (n = 32)	-0,28	9,56	-2,59	11,2
Caçula				
<i>Geral</i> (n = 113)	1,6	8,5	-0,3	9,9
Masculino (n = 49)	1,3	7,75	1,27	8,8
Feminino (n = 64)	1,78	9,0	-1,47	10,6
Único				
<i>Geral</i> (n = 45)	1,6	8,5	0,5	9,2
Masculino (n = 15)	0,87	10,0	-0,43	11,4
Feminino (n = 30)	1,9	6,8	1,0	7,79
<i>Gênero</i>				
Masculino (n = 132)	0,1	9,8	-0,1	10,5
Feminino (n = 190)	0,5	9,1	-2,6	10,9

Com relação às práticas maternas, os meninos obtiveram uma média geral menor do que as meninas, embora próximas. O grupo dos filhos primogênitos foram os que obtiveram a menor média (-1,3), sendo que o grupo dos meninos pontuou um pouco menos do que o das meninas. Os grupos de filhos do meio obtiveram um valor intermediário (0,2), entre os primogênitos e caçulas/ únicos, os quais pontuaram igualmente e com o maior valor (1,6). Referente aos resultados paternos, as meninas obtiveram valor menor do que os meninos. O grupo de filhos primogênitos também foi o que obteve menor média (-3,7), consideravelmente baixa, inclusive. No entanto, o grupo que melhor pontuou foi o dos filhos únicos, seguido dos caçulas e do meio.

A Tabela 5 mostra os valores percentílicos correspondentes aos ieps brutos, baseados nas tabelas normativas materna e paterna (anexo D). Nessas tabelas, os valores percentílicos do iep bruto distribuem-se da seguinte maneira:

**Percentis 75 a 99** – referem-se a um estilo parental **ótimo**, com presença marcante das práticas parentais positivas e ausência das práticas negativas.

**Percentis 55 a 70** – referem-se a um estilo parental **regular, acima da média**, porém aconselha-se a leitura de livros de orientação para pais visando ao aprimoramento das práticas parentais.

**Percentis 30 a 50** – referem-se a um estilo parental **regular, porém abaixo da média**. Aconselha-se a participação em grupos de treinamento para pais.

**Percentis abaixo de 25** – referem-se a um **estilo parental de risco**. Aconselha-se a participação em programas de intervenção especialmente desenvolvidos para pais com dificuldades em práticas educativas ou terapia de grupo, de casal ou individual em que possam ser enfocadas as conseqüências do uso de práticas negativas em detrimento das positivas (Sampaio e Gomide, 2007).

TABELA 5

Intervalos Percentílicos Correspondentes aos Ieps brutos

Grupos	Mãe			Pai		
	Escore bruto	Intervalo percentílico	Classificação	Escore bruto	Intervalo percentílico	Classificação
<i>Ordem de nascimento</i>						
<i>Primogênito</i>						
<i>Geral</i> (n = 115)	-1,3	25-30	Regular abaixo	-3,7	20-25	<b>Risco</b>
Masculino (n = 51)	-1,73	25-30	Regular abaixo	-1,79	30-25	Regular abaixo
Feminino (n = 64)	-1,0	25-30	Regular abaixo	-5,17	20-25	<b>Risco</b>
<i>Do meio</i>						
<i>Geral</i> (n = 49)	0,2	30-35	Regular abaixo	1,2	35-40	Regular abaixo
Masculino (n = 17)	1,23	35-40	Regular abaixo	1,23	35-40	Regular abaixo
Feminino (n = 32)	-0,28	25-30	Regular abaixo	-2,59	25-30	<b>Risco/regular abaixo</b>
<i>Caçula</i>						
<i>Geral</i> (n = 113)	1,6	35-40	Regular abaixo	-0,3	35-40	Regular abaixo
Masculino (n = 49)	1,3	35-40	Regular abaixo	1,27	35-40	Regular abaixo
Feminino (n = 64)	1,78	35-40	Regular abaixo	-1,47	30-35	Regular abaixo

Único						
<i>Geral</i> (n = 45)	1,6	35-40	Regular abaixo	0,5	35-40	Regular abaixo
Masculino (n = 15)	0,87	30-35	Regular abaixo	-0,43	30-35	Regular abaixo
Feminino (n = 30)	1,9	35-40	Regular abaixo	1,0	35-40	Regular abaixo
<i>Gênero</i>						
Masculino (n = 132)	0,1	30-35	Regular abaixo	-0,1	35-40	Regular abaixo
Feminino (n = 190)	0,5	30-35	Regular abaixo	-2,6	25-30	<b>Risco/regular abaixo</b>

Todos os grupos obtiveram uma classificação ‘regular, porém abaixo da média’ para os IEPs maternos. Embora essa não seja uma classificação considerada boa, ela não é de risco, mantendo-se média. Com relação aos IEPs paternos, contudo, as meninas receberam classificação ‘risco’, sofrendo maior influência dos grupos das primogênitais e do meio. Corroborando os dados da Tabela 4, o grupo dos primogênitos foram os únicos classificados na zona de risco, enquanto que os do meio ficaram numa posição limítrofe entre ‘regular’ e ‘de risco’, na avaliação dos pais.

Esses dados sugerem haver diferenças em uma ou mais prática(s) educativa(s) e entre dois ou mais grupos. Para avaliar a existência de diferenças, foram aplicados os testes estatísticos, descritos no item do Método, e cujos resultados estão demonstrados na Tabela 6. Nesse primeiro momento, as variáveis gênero e ordem de nascimento foram consideradas separadamente. Foi aplicado o teste Mann-Whitney (U) para comparar o gênero (masculino e feminino) e o Kruskal-Wallis (H) para a ordem de nascimento, para mães e pais.

TABELA 6

Médias dos Postos, Teste U de Mann-Whitney para Gênero, H de Kruskal-Wallis para Ordem de Nascimento, Referentes à Mãe e ao Pai

Práticas	Gênero	Mãe			Gênero	Pai		
		Média dos postos	Ordem de nasc.	Média dos postos		Média dos postos	Ordem de nasc.	Média dos postos
<i>Mon. Positiva</i>	Masc.	149,02	Prim.	156,96	Masc.	158,83	Prim.	147,69
	Fem.	168,46	Do meio	162,57	Fem.	139,35	Do meio	125,99
			Caçula	157,04			Caçula	153,85
			Único	176,26			Único	155,84
	U = 10875,5	p = 0,062	H = 1,66	p = 0,64	U = 11910,0	p = 0,051	H = 3,92	p = 0,27
<i>Comp. moral</i>	Masc.	144,59	Prim.	156,18	Masc.	139,54	Prim.	142,70
	Fem.	171,53	Do meio	150,37	Fem.	153,23	Do meio	140,82
			Caçula	158,84			Caçula	152,44
			Único	187,28			Único	155,81

		<b>U = 10295,5</b>	<b>p = 0,01*</b>	H = 4,64	p = 0,2	U = 9537,0	p = 0,17	H = 1,34	p = 0,71
<i>Pun. Incons.</i>	Masc.	152,48		Prim.	179,79	Masc.	140,85	Prim.	167,71
	Fem.	166,06		Do meio	156,26	Fem.	152,28	Do meio	123,16
				Caçula	143,27			Caçula	140,12
				Único	158,66			Único	140,07
		U = 11329,5	p = 0,2	<b>H = 0,17</b>	<b>p = 0,027*</b>	U = 9698,5	p = 0,25	<b>H = 11,03</b>	<b>0,01*</b>
<i>Negligência</i>	Masc.	157,65		Prim.	169,40	Masc.	127,28	Prim.	155,17
	Fem.	162,48		Do meio	144,54	Fem.	162,05	Do meio	146,24
				Caçula	161,01			Caçula	141,74
				Único	153,69			Único	143,08
		U = 12006,0	P = 0,64	H = 2,82	p = 0,42	<b>U = 8029,0</b>	<b>p = 0,001**</b>	H = 1,48	p = 0,68
<i>Disc. Relaxada</i>	Masc.	156,36		Prim.	161,05	Masc.	129,53	Prim.	144,50
	Fem.	163,37		Do meio	161,87	Fem.	160,43	Do meio	151,20
				Caçula	159,79			Caçula	150,36
				Único	159,36			Único	143,53
		U = 11837,0	p = 0,5	H = 0,028	p = 0,99	<b>U = 8306,0</b>	<b>p = 0,02*</b>	H = 0,43	p = 0,93
<i>Mon. Negativa</i>	Masc.	151,40		Prim.	166,79	Masc.	143,62	Prim.	160,67
	Fem.	166,81		Do meio	175,82	Fem.	150,29	Do meio	143,41
				Caçula	143,09			Caçula	140,50
				Único	171,32			Único	134,19
		U = 11187,5	p = 0,14	H = 6,56	p = 0,08	U = 10039,0	p = 0,5	H = 4,4	p = 0,22
<i>Abuso físico</i>	Masc.	156,74		Prim.	179,25	Masc.	149,84	Prim.	173,94
	Fem.	162,11		Do meio	166,50	Fem.	145,82	Do meio	116,97
				Caçula	143,09			Caçula	139,60
				Único	148,38			Único	131,19
		U = 11886,5	p = 0,51	<b>H = 11,18</b>	<b>p = 0,01*</b>	U = 10804,0	P = 0,67	H = 20,53	<b>p=0,0001***</b>
<i>iep</i>	Masc.	160,60		Prim.	143,16	Masc.	161,07	Prim.	131,60
	Fem.	160,43		Do meio	162,15	Fem.	137,74	Do meio	150,57
				Caçula	172,64			Caçula	156,95
				Único	173,08			Único	163,12
		U = 12393,0	p = 0,98	H = 6,8	p = 0,078	<b>U = 12185,0</b>	<b>p = 0,02*</b>	H = 6,34	p = 0,09

Diferenças significativas a \* 0,05, \*\* 0,01 e \*\*\*0,001.

A partir da Tabela 6, observa-se que o índice de estilo parental (iep) paterno foi estatisticamente diferente com relação ao gênero ( $p < 0,05$ ), o que não ocorreu com as mães. Avaliando as médias dos postos de gênero, para os pais, tem-se que o valor do grupo feminino foi mais baixo do que o masculino. Portanto, a diferença assinalada pelo teste revela que as meninas avaliaram seus pais de forma mais rígida do que os meninos, obtendo ieps mais baixos. No que se refere à ordem de nascimento, a estatística H não revelou haver diferenças significativas para um  $\alpha = 95\%$ ; contudo, tanto para os pais ( $p = 0,09$ ), quanto para as mães ( $p = 0,078$ ), o valor de  $p$  ficou entre 0,05 e 0,1, o que indica uma tendência dos pais em tratar, sim, os filhos de diferentes maneiras ou de, ao menos, os filhos os avaliem de formas diversas.

Considerando as práticas educativas com relação ao gênero, observa-se que as mães obtiveram um resultado significativo no que tange ao ‘comportamento moral’, apenas. O grupo feminino avaliou as mães como mais atuantes nessa prática do que os meninos ( $U =$

10295;  $p < 0,05$ ). Com relação aos pais, duas práticas resultaram em um p-valor significativo: negligência ( $U = 8029$ ;  $p < 0,01$ ) e disciplina relaxada ( $U = 8306$ ;  $p < 0,05$ ). Em ambas, as meninas obtiveram escores mais elevados do que os meninos, o que indica que os pais são mais negligentes e têm mais dificuldade em manter regras do ponto de vista das filhas. A monitoria positiva paterna ficou limítrofe em termos de p-valor ( $p = 0,051$ ), o que indica uma tendência dos pais em monitorar positivamente com mais frequência os meninos do que as meninas.

No que se refere à ordem de nascimento, ambos (pais e mães) revelaram resultados significativamente diferentes para as práticas de punição inconsistente e abuso físico. No entanto, como explicado no item 7, o teste de Kruskal-Wallis não permite saber entre quais grupos encontra-se tal diferença. Observando as médias dos postos, os primogênitos somaram os resultados mais altos nas duas categorias, tanto para mães quanto para pais, o que sugere que haja diferença entre esse grupo e outro(s) e que ele sofra mais com as referidas práticas. A seguir, a Tabela 7 mostra os resultados considerando os oito subgrupos da pesquisa, formados a partir do cruzamento de gênero e ordem de nascimento.

TABELA 7

Médias e Teste H para Todos os Grupos

Práticas	Mãe						Pai					
	Médias			Est.			Médias			Est.		
	Primog.	Meio	Caç.	Ún.	H	p	Primog.	Meio	Caç.	Ún.	H	p
<i>Mon. Pos.</i>												
Masc.	8,5	9,0	9,0	8,9	0,27	0,97	7,6	6,9	8,3	7,9	2,86	0,41
Fem.	9,3	9,3	9,2	9,9	0,56	0,67	7,2	6,3	7,2	7,6	1,83	0,61
<i>Cpto. moral</i>												
Masc.	7,5	8,1	8,2	9,3	6,67	0,08	7,2	7,5	8,0	8,0	1,72	0,63
Fem.	9,0	8,4	8,8	9,0	2,25	0,52	8,0	7,8	8,1	8,2	0,32	0,95
<i>Pun. Incons.</i>												
Masc.	4,4	3,6	3,8	4,7	2,63	0,45	4,0	3,2	3,4	4,1	2,7	0,44
Fem.	5,0	4,4	4,0	4,1	8,34	<b>0,04*</b>	4,8	3,0	3,9	3,4	10,76	<b>0,013*</b>
<i>Negligência</i>												
Masc.	3,4	2,5	3,0	3,7	2,43	0,49	4,1	3,4	3,4	3,9	2,48	0,48
Fem.	3,4	2,9	3,2	2,7	2,91	0,40	5,2	5,1	4,7	4,3	0,88	0,83
<i>Disc. Relax.</i>												
Masc.	2,9	2,9	3,2	2,7	0,46	0,93	1,8	2,2	2,2	1,8	2,53	0,47
Fem.	3,2	3,4	3,0	3,3	0,35	0,95	2,9	2,8	2,7	2,7	0,20	0,98
<i>Mon. Neg.</i>												
Masc.	5,5	5,5	4,8	5,1	1,74	0,63	4,2	3,5	4,3	4,7	1,75	0,63
Fem.	5,6	5,9	5,1	5,8	4,81	0,19	5,0	4,6	3,9	3,5	10,13	<b>0,017*</b>
<i>Abuso fís.</i>												
Masc.	1,5	1,4	1,0	1,0	1,90	0,59	2,5	0,8	1,8	1,9	0,16	<b>0,027*</b>
Fem.	2,0	1,4	1,0	0,9	11,43	<b>0,0096**</b>	2,5	1,2	1,5	0,8	13,35	<b>0,004*</b>

Diferenças significativas a \*0,05; \*\*0,001.

Os dados da Tabela 7 dizem respeito ao objetivo principal da presente pesquisa, por avaliarem não só o gênero e a ordem de nascimento no geral, mas para cada subgrupo separadamente. Como esperado, as diferenças surgiram para as práticas de punição inconsistente e abuso físico maternos e paternos; porém, em grupos específicos. Para as mães, ambas as práticas resultaram num *p* que assinala diferença significativa no grupo feminino.



Isso quer dizer que, dentre as meninas, a ordem de nascimento foi um fator que moderou as diferenças nessas práticas, o que não ocorreu com os meninos.

Para os pais, a punição inconsistente também surgiu no grupo feminino, e não masculino; porém, o abuso físico foi presente nos dois grupos (masculino e feminino). Em ambos os sexos, portanto, a ordem de nascimento também moderou a avaliação dessas categorias. Contudo, um fator interessante que não surgiu na análise prévia geral diz respeito à monitoria negativa paterna em relação às meninas. Inclusive dentro desse grupo, houve diferenças ligadas à ordem de nascimento. A Tabela 8 ilustra os valores percentílicos correspondentes às médias dos ieaps brutos de cada subgrupo.

TABELA 8

Percentis Correspondentes aos Ieps Brutos das Práticas Educativas para Todos os Grupos

Práticas	Mãe												Pai											
	Primogênito			Do meio			Caçula			Único			Primogênito			Do meio			Caçula			Único		
	Iep bruto	Per- centil	Clas.	Iep bruto	Per- centil	Clas.	Iep bruto	Per- centil	Clas.	Iep bruto	Per- centil	Clas.	Iep bruto	Per- centil	Clas.	Iep bruto	Per- centil	Clas.	Iep bruto	Per- centil	Clas.	Iep bruto	Per- centil	Clas.
<i>Mon. Pos.</i>																								
Masc.	8,5	25-30	<b>Ri/ RAb</b>	9,0	35	<b>RAb</b>	9,0	35	<b>RAb</b>	8,9	30-35	<b>RAb</b>	7,6	30-35	<b>RAb</b>	6,9	20-25	<b>RAb/ Ri</b>	8,3	40-45	RAb	7,9	30-35	RAb
Fem.	9,3	35-40	<b>RAb</b>	9,3	35-40	<b>RAb</b>	9,2	35-40	<b>RAb</b>	9,9	35-40	<b>RAb</b>	7,2	30-35	<b>RAb</b>	6,3	20-25	<b>RAb/ Ri</b>	7,2	30-35	RAb	7,6	30-35	RAb
<i>Comp. moral</i>																								
Masc.	7,5	25-30	<b>Ri/ RAb</b>	8,1	35-40	<b>RAb</b>	8,2	35-40	<b>RAb</b>	9,3	50-55	<b>RAc/ ME</b>	7,2	30-35	<b>RAb</b>	7,5	30-35	<b>RAb</b>	8,0	30-35	RAb	8,0	30-35	RAb
Fem.	9,0	50	<b>ME</b>	8,4	35-40	<b>RAb</b>	8,8	35-40	<b>RAb</b>	9,0	50	<b>ME</b>	8,0	30-35	<b>RAb</b>	7,8	30-35	<b>RAb</b>	8,1	45-50	RAb/ ME	8,2	45-50	RAb/ ME
<i>Pun. Incon.</i>																								
Masc.	4,4	30-35	<b>RAb</b>	3,6	45-50	RAb/ ME	3,8	45-50	RAb/ ME	4,7	30-35	<b>RAb</b>	4,0	40	<b>RAb</b>	3,2	40-45	<b>RAb</b>	3,0	40-45	RAb	4,1	25-30	<b>RAb/ Ri</b>
Fem.	5,0	30	<b>RAb</b>	4,4	30-35	<b>RAb</b>	4,0	45	<b>RAb</b>	4,1	30-35	<b>RAb</b>	4,8	25-30	<b>RAb/ Ri</b>	3,0	55	<b>ME/ RAc</b>	3,9	40-45	RAb	3,4	40-45	RAb
<i>Negligência</i>																								
Masc.	3,4	20-25	<b>RAb/ Ri</b>	2,5	35-40	<b>RAb</b>	3,0	35	<b>RAb</b>	3,7	20-25	<b>RAb/ Ri</b>	4,1	20-25	<b>Ri</b>	3,4	30-35	<b>RAb</b>	3,4	30-35	RAb	3,9	30-35	RAb
Fem.	3,4	20-25	<b>RAb/ Ri</b>	2,9	35-40	<b>RAb</b>	3,2	20-25	<b>RAb/ Ri</b>	2,7	35-40	<b>RAb</b>	5,2	15-20	<b>Ri</b>	5,1	15-20	<b>Ri</b>	4,7	20-25	<b>Ri</b>	4,3	20-25	<b>Ri</b>
<i>Disc. Relax.</i>																								
Masc.	2,9	55-60	<b>ME</b>	2,9	55-60	<b>RAc</b>	3,2	35-40	<b>RAb</b>	2,7	55-60	<b>RAc</b>	1,8	65-70	RAc	2,2	50-55	<b>ME/ RAc</b>	2,2	50-55	ME/ RAc	1,8	65-70	RAc
Fem.	3,2	35-40	<b>RAb</b>	3,4	35-40	<b>RAb</b>	3,0	55	ME/ RAc	3,3	35-40	<b>RAb</b>	2,9	50-55	<b>ME/ RAc</b>	2,8	50-55	<b>ME/ RAc</b>	2,7	50-55	ME/ RAc	2,7	50-55	ME/ RAc
<i>Mon. neg.</i>																								
Masc.	5,5	45-50	RAb/ ME	5,5	45-50	RAb/ ME	4,8	65-70	<b>RAc</b>	5,1	45-50	RAb/ ME	4,2	45-50	RAb/ ME	3,5	65-70	<b>ME/ RAc</b>	4,3	45-50	RAb/ ME	4,7	45-50	RAb/ ME
Fem.	5,6	45-50	RAb/ ME	5,9	45-50	RAb/ ME	5,1	45-50	RAb/ ME	5,8	45-50	RAb/ ME	5,0	45	RAb	4,6	45-50	RAb/ ME	3,9	65-70	ME/ RAc	3,5	65-70	ME/ RAc
<i>Abuso fís.</i>																								
Masc.	1,5	45-50	RAb/ ME	1,4	45-50	RAb/ ME	1,0	45	<b>RAb</b>	1,0	45	<b>RAb</b>	2,5	15-20	<b>Ri</b>	0,8	45-50	RAb/ ME	1,8	25-30	<b>RAb/ Ri</b>	1,9	25-30	<b>RAb/ Ri</b>
Fem.	2,0	20	<b>Ri</b>	1,4	45-50	RAb/ ME	1,0	45	<b>RAb</b>	0,9	45-50	RAb/ ME	2,5	15-20	<b>Ri</b>	1,2	25-30	<b>RAb/ Ri</b>	1,5	25-30	<b>RAb/ Ri</b>	0,8	45-50	RAb/ ME

Legenda: **RAb**: Regular abaixo da média**RAc**: Regular acima da média**ME**: Média**Ri**: risco

A Tabela 8 ilustra os dados de forma mais aprofundada, confirmando a tendência dos resultados anteriormente descritos. O grupo dos primogênitos foi o que mais se aproximou ou efetivamente entrou na área de risco, segundo as tabelas normativas. Com relação às mães, os primogênitos apresentaram risco para o subgrupo feminino na prática de abuso físico; e mantiveram-se limítrofes, ou seja, muito próximos do risco, para as práticas de negligência (masculino e feminino), e monitoria positiva e comportamento moral do subgrupo masculino. No quesito comportamento moral, já tínhamos visto que as meninas tinham pontuado melhor na análise geral, e na análise percentílica ficaram na média, consideravelmente acima dos meninos.

Os filhos do meio, relativos à mãe, não chegaram à área de risco em nenhuma das práticas, pontuando, inclusive, acima dos demais, visto que obtiveram cinco classificações entre ‘regular abaixo da média’ e ‘média’, e uma acima da média, essa última referente à ‘disciplina relaxada’ do subgrupo masculino. Os caçulas também não foram classificados na área de risco em nenhuma categoria, apenas ficaram limítrofes para a prática de negligência no subgrupo feminino. Por outro lado, o subgrupo masculino de caçulas ficou acima da média para monitoria negativa materna. Os filhos únicos, como os do meio, não chegaram à zona de risco, mas ficaram limítrofes para negligência do grupo masculino. Assim como os do meio, para os meninos filhos únicos os valores mais altos foram referentes à disciplina relaxada materna.

Na avaliação dos pais, os primogênitos foram mais negativos. Atingiram a zona de risco em duas práticas: negligência e abuso físico, para ambos os grupos (masculino e feminino). Ficaram limítrofes no risco para a prática ‘punição inconsistente’, segundo as filhas. A prática melhor pontuada para esse subgrupo foi ‘disciplina relaxada’, tanto para os meninos, cuja classificação foi ‘regular, acima da média’, quanto para as meninas, cuja classificação ficou entre ‘média’ e ‘regular, acima da média’.

Os filhos do meio atingiram a área de risco com relação aos pais para a prática de negligência, do grupo feminino, apenas. A monitoria positiva ficou limítrofe com risco, para ambos os gêneros; assim como o abuso físico, nesse caso segundo as filhas. A prática de ‘disciplina relaxada’ foi a que obteve melhor pontuação, considerando os dois subgrupos; porém, para os meninos, a prática melhor pontuada foi ‘monitoria negativa’. Isso sugere que os filhos do meio são menos cobrados do que os irmãos mais velhos.

As meninas caçulas foram classificadas no ‘risco’ apenas para negligência; entretanto, ficaram limítrofes no risco para ‘abuso físico’, junto com os meninos. Para o grupo dos caçulas, a prática melhor pontuada também foi ‘disciplina relaxada’, estando entre ‘média’ e ‘regular, acima da média’, para ambos os subgrupos. As filhas únicas atingiram o ‘risco’ para negligência paterna; e os filhos ficaram no limite entre ‘regular, abaixo da média’ e ‘risco’ para ‘punição inconsistente’ e ‘abuso físico’. Novamente, a prática de ‘disciplina relaxada’ obteve a melhor classificação, com percentis acima de 50, tanto para as meninas quanto meninos.

Em suma, com relação às mães, as classificações mais baixas dos grupos analisados foram concernentes à prática de ‘negligência’, especialmente para os primogênitos de ambos os sexos, para as meninas caçulas e para os meninos filhos únicos. Da mesma forma, para os pais, a prática de menor pontuação foi a negligência, em que todos os subgrupos femininos atingiram o risco, e também os meninos primogênitos. Seguindo a negligência, o ‘abuso físico’ ficou limítrofe no risco para as meninas do meio e caçulas, e meninos caçulas e únicos, chegando ao risco para os primogênitos. Por outro lado, tanto as mães quanto os pais pontuaram melhor na prática de ‘disciplina relaxada’, embora haja diferenças entre eles. Para as mães, os percentis variaram de 35 a 60; enquanto para os pais, de 50 a 70. Sugere-se que, com relação à implementação e manutenção de regras, os pais são mais firmes e consistentes do que as mães.

Como visto na Tabela 7, e complementado na Tabela 8, os dados sinalizam diferenças das práticas parentais com relação aos subgrupos avaliados nessa pesquisa. Ainda não se sabe, entretanto, onde se encontram essas diferenças devido à restrição do teste H utilizado. Para tanto, optou-se pelo uso das comparações múltiplas, explicitadas no item 7, as quais então permitiram a análise das diferenças entre os grupos. Os resultados encontram-se na Tabela 9.

TABELA 9

Comparações Múltiplas para as Práticas em que Houve Diferenças

Gênero	Práticas	Mãe			Pai			
		Ordens	Dif. Obs.	Dif. Crít.	Sig.	Dif. Obs.	Dif. Crít.	Sig.
Feminino	Pun. incon.	Primogênito - do meio	13,5	31,2	NÃO	33,3	29,5	SIM
		Primogênito - caçula	26,6	25,5	SIM	17,4	23,9	NÃO
		Primogênito - único	21,8	32,3	NÃO	25,4	32,0	NÃO
		Do meio - caçula	13,1	31,2	NÃO	15,9	29,6	NÃO
		Do meio- único	8,3	31,0	NÃO	7,9	36,5	NÃO
		Caçula - único	4,7	32,3	NÃO	8,0	32,1	NÃO
	Mon. Negat.	Primogênito - do meio	-	-	-	10,7	29,5	NÃO
		Primogênito - caçula	-	-	-	22,9	23,9	NÃO
		Primogênito - único	-	-	-	32,1	32,0	SIM
		Do meio- caçula	-	-	-	12,2	29,6	NÃO
		Do meio- único	-	-	-	21,3	36,4	NÃO
		Caçula - único	-	-	-	9,2	32,1	NÃO
	Negligência	Primogênito - do meio	-	-	-	-	-	-
		Primogênito - caçula	-	-	-	-	-	-
		Primogênito - único	-	-	-	-	-	-
		Do meio - caçula	-	-	-	-	-	-
		Do meio- único	-	-	-	-	-	-
		Caçula - único	-	-	-	-	-	-
	Abuso físico	Primogênito - do meio	15,5	31,2	NÃO	29,3	29,5	NÃO
		Primogênito - caçula	29,9	25,5	SIM	24,0	23,9	SIM
		Primogênito - único	25,1	32,3	NÃO	31,3	32,0	NÃO
		Do meio - caçula	13,5	31,2	NÃO	5,3	29,6	NÃO
		Do meio - único	9,6	37,0	NÃO	1,9	36,4	NÃO
		Caçula - único	3,8	32,3	NÃO	7,2	32,1	NÃO
Masculino	Abuso físico	Primogênito - do meio	-	-	-	28,7	26,6	SIM
		Primogênito - caçula	-	-	-	10,7	19,6	NÃO
		Primogênito - único	-	-	-	11,1	28,6	NÃO
		Do meio- caçula	-	-	-	17,9	16,7	NÃO
		Do meio - único	-	-	-	17,5	33,9	NÃO
		Caçula - único	-	-	-	0,3	28,7	NÃO

A Tabela 9 indica entre quais grupos houve diferença para práticas parentais em que se tinha obtido um p-valor significativo. Com relação às mães, surgiram duas diferenças,

enquanto que para os pais, quatro. Das seis comparações, apenas uma referiu-se ao subgrupo masculino. Para as mães, as diferenças surgiram entre os mesmos grupos, primogênitos e caçulas, nas duas práticas. As primogênitãs alegaram sofrer mais ‘punição inconsistente’ e ‘abuso físico’ do que os caçulas. Para os pais, as diferenças apareceram para primogênitos com relação às demais ordens. No subgrupo feminino, as primogênitãs atribuíram valores mais altos a eles na punição inconsistente, diferenciando-se dos filhos do meio; da monitoria negativa, diferenciando-se dos filhos únicos; e do abuso físico, diferenciando-se dos caçulas. Para o subgrupo masculino, a única diferença referiu-se à comparação dos primogênitos com os filhos do meio, sendo o primeiro mais abusado fisicamente.

Em resumo, todos os dados apresentados revelaram haver uma tendência dos pais em diferirem suas práticas educativas considerando o gênero e a ordem de nascimento dos filhos, seja em separado ou em interação. As mães, como sugere a literatura já citada, no geral obtiveram valores mais altos do que os pais, sendo que os dados que apresentaram diferenças nos grupos foram menos frequentes do que para eles. Não houve diferenças com relação ao gênero; e com referência à ordem de nascimento, apenas as meninas avaliaram as mães distintamente, sendo que as diferenças apareceram para primogênitãs e caçulas. As primeiras alegaram sofrer mais com punição inconsistente e abuso físico por parte das mães.

Os pais, por sua vez, foram avaliados de forma mais rígida pelas filhas do que pelos filhos, sendo a diferença de escores do gênero estatisticamente significativa. Os meninos revelaram diferença de ordem de nascimento apenas para a prática de abuso físico paterno, em que os primogênitos alegaram apanhar mais do que os do meio. As meninas primogênitãs diferenciaram-se das do meio para punição inconsistente; das caçulas para abuso físico e das filhas únicas para monitoria negativa. De modo geral, tanto na avaliação dos pais quanto das mães, os primogênitos foram os mais rigorosos e obtiveram escores que assinalaram diferenças significativas com relação às demais ordens.

### 8.3. Percepção da preferência parental

A percepção da preferência parental foi avaliada através das questões 5 a 10 da folha adicional. Esse tema foi incluído porque se acredita que a percepção da preferência ou favoritismo parental influencia a avaliação que os filhos têm sobre os pais, e também sua própria auto-avaliação. Os dados obtidos pela análise desse conteúdo receberam uma descrição qualitativa, no que se refere às questões abertas (7 e 10), e quantitativa para as demais.

Na análise desse item, dos 322 respondentes da pesquisa, excetuou-se 45 por serem filhos únicos. Assim, dos 277 restantes, 90 acreditam existir preferência paterna e 182 não (5 não responderam); e 77 acreditam existir preferência materna e 197 não (3 não responderam). Do total, 48 assinalaram existir a preferência, enquanto 155 responderam que não há, para ambos (pai e mãe), o que resultou numa relação significativa ( $\chi^2=44,67$ ,  $gl=1$ ,  $p<0,001$ ). Isso quer dizer que, na maioria dos casos, quando o participante acreditava existir preferência do pai, também o fazia com relação à mãe, assim como quando julgava não existir tal favoritismo. A relação foi mais forte considerando as respostas negativas, visto que as positivas (existência da preferência para pai e mãe juntos) foram menos frequentes (ver Tabela 10).

TABELA 10

#### Percepção da Preferência Parental

Preferência Paterna							
<i>Grupos</i>		Primogênito		Do meio		Caçula	
	<i>Total</i>	n	%	n	%	n	%
Masculino	29 (100%)	14	48,3	3	10,3	12	41,4
Feminino	61 (100%)	31	50,8	15	24,6	15	24,6
<i>Total</i>	90 (100%)	45	50	18	20	27	30

Preferência Materna							
<i>Grupos</i>		Primogênito		Do meio		Caçula	
	<i>Total</i>	n	%	n	%	n	%
Masculino	27 (100%)	11	40,7	3	11,1	13	48,1
Feminino	50 (100%)	24	48	9	18	17	34
<i>Total</i>	77 (100%)	35	45,4	12	15,6	30	38,9

Os dados da Tabela 10 demonstram que a percepção da preferência paterna é maior do que a materna, e que as meninas responderam positivamente a essa questão com mais frequência do que os meninos. Essa diferença de gênero foi significativa para a percepção paterna ( $\chi^2 = 5,4$ ; gl=1;  $p < 0,05$ ), mas não materna [ $\chi^2 = 2,5$ ; gl=1;  $p = 0,113$  (ns)], ou seja, as meninas avaliam existir a preferência paterna com maior frequência do que os meninos, mas os gêneros não se diferenciaram entre si quanto à materna.

Considerando a variável ‘ordem de nascimento’, observa-se que os primogênitos percebem a preferência parental de forma mais intensa do que os demais. Na avaliação das mães, contudo, essa diferença não foi significativa [ $\chi^2 = 0,8$ ; gl=2;  $p = 0,65$  (ns)], o que significa que os grupos (primogênitos, do meio e caçulas) não se diferenciaram quanto à percepção da preferência materna. Com relação aos pais, por outro lado, a ordem de nascimento foi um fator relevante, já que houve diferença entre grupos ( $\chi^2 = 6,8$  gl=2,  $p < 0,05$ ). Especificamente, a diferença encontrou-se entre os primogênitos e caçulas ( $\chi^2 = 5,7$ ; gl=1;  $p < 0,05$ ), e não com relação às outras ordens: primogênito *versus* do meio [ $\chi^2 = 0,056$ ; gl=1;  $p = 0,81$  (ns)]; e do meio *versus* caçula [ $\chi^2 = 2,01$ ; gl= 1;  $p = 0,15$  (ns)]. A Tabela 11 apresenta quem são considerados os filhos preferidos dos pais.



TABELA 11

Filhos Preferidos Segundo os Respondentes por Gênero e Ordem de Nascimento

Filho preferido	Total	Mãe					Total	Pai				
		Gênero		Ordem de nasc.				Gênero		Ordem de nasc.		
		Masc.	Fem.	Prim.	Meio	Caçula		Masc.	Fem.	Prim.	Meio	Caçula
Eu	14	8	6	7	1	6	26	7	19	6	7	13
Irmã mais velha	12	3	9	-	2	10	7	2	5	-	3	4
Irmã do meio	4	-	4	2	1	1	6	2	4	2	-	4
Irmã caçula	16	4	12	13	3	-	25	7	18	21	4	-
Irmão mais velho	10	5	5	-	1	9	5	3	2	-	-	5
Irmão do meio	5	2	3	1	-	4	5	1	4	2	2	1
Irmão caçula	16	5	11	12	4	-	16	7	9	14	2	-
Total (fp)	Mãe	Pai	Geral	Total (fp)	Mãe	Pai	Geral					
Masculino	31	38	69	Primogênito	22	12	34					
Feminino	32	26	58	Do meio	9	11	20					
				Cacula	32	41	73					

Observando a Tabela 11, o filho considerado preferido não variou muito quanto ao gênero, não sendo significativa essa diferença nem na avaliação das mães [ $\chi^2=1,4$ ; gl=1;  $p=0,24$  (ns)], nem dos pais [ $\chi^2=0,7$ ; gl=1;  $p=0,4$  (ns)]. No entanto, as frequências dos grupos de ordem de nascimento diferenciaram-se de forma relevante. Os votos para si mesmos ('eu') atingiram apenas 18,8% do total para as mães e 28,8% para os pais, ou seja, foram consideravelmente menos frequentes do que os votos para os irmãos.

Para ambos os pais, os filhos do meio receberam menor número de votos como filhos preferidos, seguidos dos primogênitos, enquanto os caçulas foram os mais votados. Na avaliação dos pais, particularmente, a diferença entre os grupos de primogênitos e caçulas foi significativa ( $\chi^2=10,53$ ; gl=1;  $p<0,001$ ), sendo que os primeiros alegaram com mais frequência que os preferidos são os caçulas, enquanto que metade desses julgaram si próprios como favoritos. Assim, dentro das fratrias, ser menino ou menina não foi um fator forte na percepção da preferência, enquanto que a posição ordinal de nascimento o foi.

As questões 7 e 10 da folha adicional coletaram os conteúdos que justificam a percepção da preferência parental. As respostas foram categorizadas segundo a Tabela 3, e serão apresentadas na íntegra de acordo com a categoria a que pertencem para, a seguir, serem

analisadas de forma quantitativa. Dos 77 participantes que alegaram existir preferência materna, 71 justificaram tal resposta, assim como 81 dos 90 que referenciaram preferência paterna, o que resulta em 152 frases distribuídas nas categorias (apêndices C e D).

Para as mães, ‘ordem de nascimento’ foi a categoria que obteve maior número de respostas, tendo sido assinalada principalmente por primogênitos e filhos do meio. Em seguida, situou-se a categoria ‘características positivas’, cuja maior contribuição foi dada pelos caçulas. As demais categorias se mantiveram próximas entre si, marcando entre 5 e 8. Os sete primogênitos que julgaram si próprios como filhos preferidos não se concentraram numa categoria específica, mas não se incluíram em ‘tolerância’ e ‘atenção’. No entanto, dos 25 primogênitos que votaram nos caçulas como os preferidos, 13 justificaram essa preferência através da ordem de nascimento (8) e tolerância (5), 10 distribuíram-se nas demais categorias e três não justificaram.

Dos 12 filhos do meio que acreditam existir preferência materna, apenas um julgou si mesmo como preferido, incluindo-se na categoria ‘afinidade’; dos 11 votos restantes, 7 foram justificados pela ‘ordem de nascimento’ e 4 incluíram-se nas categorias ‘convivência’, ‘atenção’ e ‘tolerância’. Nenhum filho do meio justificou de forma a se enquadrar em ‘características positivas’, ‘afinidade’ e ‘outros’ ao avaliar os irmãos como preferidos.

Seis filhos caçulas votaram em si mesmos como preferidos das mães, sendo que 4 deles foram incluídos na ‘ordem de nascimento’. No entanto, os caçulas votaram nos primogênitos como preferidos com mais frequência do que a si mesmos, contribuindo com 19 votos a eles. Desse total, 16 foram votos justificados, em que 8 encaixaram-se na categoria ‘características positivas’ e os outros 8 distribuíram-se nas demais, exceto para ‘convivência’. Dos 5 votos aos irmãos do meio, 4 também foram incluídos em ‘características positivas’.

Assim, para os primogênitos, a ‘ordem de nascimento’ foi um fator de avaliação da preferência como referência ao irmão julgado preferido, e não si mesmos. O contrário serviu

para os caçulas, os quais avaliaram si mesmos como preferidos justamente por serem mais novos. Por outro lado, os caçulas crêem existir preferência materna com referência aos irmãos, especialmente mais velhos, através das ‘características positivas’ que julgam que esses têm.

Na análise das justificativas paternas, a categoria em que mais respostas se encaixaram foi ‘características positivas’, cuja maior contribuição deveu-se aos primogênitos e, em seguida, aos caçulas. Ela diferenciou-se por apenas uma resposta de ‘ordem de nascimento’, que obteve uma distribuição mais homogênea entre as ordens. Com relação aos primogênitos que escolheram si mesmos como preferidos, não houve um padrão de escolha; todavia, 35 deles votaram nos caçulas como preferidos, e das 33 justificativas avaliadas, 15 concentraram-se nas categorias ‘características positivas’ (8) e ‘ordem de nascimento’ (7), cinco em ‘tolerância’, 4 ‘atenção’ e 8 nas demais. Também não houve padrão de resposta (7) para os filhos do meio que responderam acreditar que são eles os preferidos. Dos 6 votos que eles deram aos caçulas, três enquadraram-se em ‘ordem de nascimento’.

Em contrapartida, dos 27 caçulas, 13 consideraram-se os preferidos dos pais, sendo que as categorias mais votadas foram ‘ordem de nascimento’ (5) e ‘gênero’ (3); a categoria ‘características positivas’ recebeu apenas dois votos. Na justificativa dos caçulas que acham que o primogênito é o favorito (9), cinco encaixaram-se em ‘características positivas’. Quanto à categoria ‘gênero’, a qual recebeu oito votos, observa-se que os quatro primogênitos votaram em meninos, enquanto que apenas um menino foi votado dentre os quatro caçulas, sendo três meninas. Nenhum filho do meio citou preferência por gênero.

O padrão de respostas justificando a preferência paterna foi semelhante ao materno, pois em ambos as categorias em que as respostas foram mais numerosas foram ‘ordem de nascimento’ e ‘características positivas’. As categorias restantes variaram um pouco mais do

que as maternas, entre 4 e 10. Para melhor visualização da distribuição dos temas entre as ordens de nascimento, ver a Tabela 12.

TABELA 12

Distribuição dos Votos nas Categorias de Preferência Parental de acordo com a Ordem de Nascimento, para Mães e Pais

Categorias	Total	Mãe			Total	Pai		
		Prim.	Meio	Caçula		Prim.	Meio	Caçula
Carac. Positivas	18	5	-	13	20	12	-	8
Ordem nasc.	20	9	7	4	19	9	5	5
Tolerância	8	5	1	2	9	6	1	2
Atenção	7	3	1	3	10	5	4	1
Convivência	8	5	2	1	6	2	2	2
Afinidade	5	2	1	2	4	1	1	2
Outros	5	2	-	3	5	4	1	-
Gênero (exclusivo pais)	-	-	-	-	8	4	-	4
<b>Total</b>	<b>71</b>	<b>31</b>	<b>12</b>	<b>28</b>	<b>81</b>	<b>42</b>	<b>14</b>	<b>25</b>

Como os dados referentes aos pais e às mães são semelhantes, ao juntá-los podemos visualizar de forma mais geral a contribuição de cada categoria na percepção da preferência parental (figura 2).

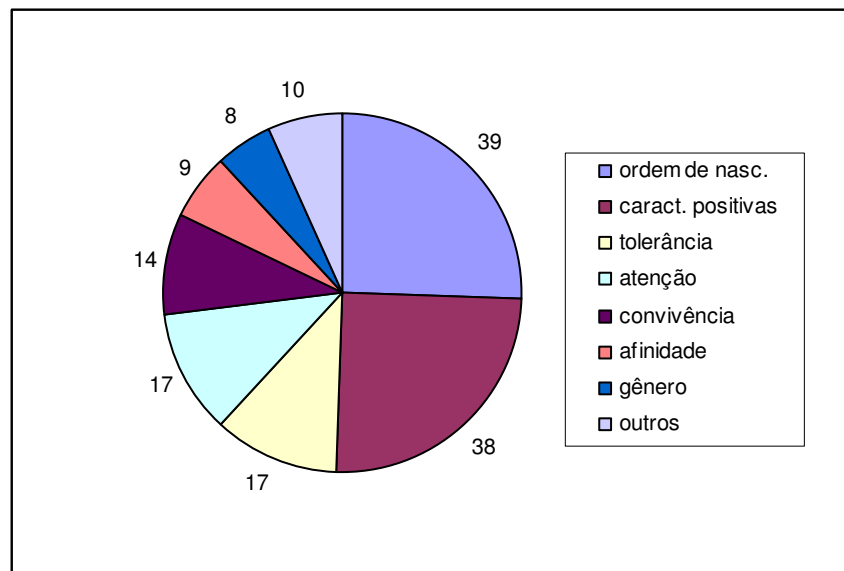


Figura 2. Contribuição de cada categoria na justificativa da preferência parental (para mães e pais juntos); N=152.

Em suma, as categorias ‘ordem de nascimento’ e ‘características positivas’ são as responsáveis por metade do total de respostas que justificam a preferência parental, tanto para pais quanto mães. Em seguida, os fatores de maior peso em ordem decrescente foram ‘tolerância’ e ‘atenção’, ocupando 23% do total; ‘convivência’, ‘afinidade’ e ‘gênero’, com 20%, e ‘outros’, com 7%. Assim, do ponto de vista dos adolescentes, a ordem de nascimento e um fator de maior relevância do que o gênero do irmão na avaliação da preferência dos pais, sendo tão importante quanto as características comportamentais consideradas de qualidade que estão presentes no relacionamento entre pais e filhos.

Para aprofundar a análise da preferência parental, procurou-se relacionar os questionários dos participantes cujas respostas foram positivas (sim) para preferência parental com seus respectivos IEPs. O objetivo foi observar se a avaliação positiva da preferência parental teria uma relação positiva ou negativa com os índices de estilo parental do participante. Para tal, foi feito um agrupamento dos escores do IEP. Primeiramente, os escores foram divididos em 4 grupos, partindo do valor máximo ao mínimo. Foram elaborados, assim, 2 grupos cujos iep's eram negativos (categorias 1 e 2) e 2 positivos (categorias 3 e 4), tanto para pais quanto para mães.

Aplicando o teste qui-quadrado para avaliar a associação entre essas categorias e a avaliação da preferência parental, obteve-se  $\chi^2=40,2$ ; gl=3;  $p<0,001$ , para os pais, e  $\chi^2=31,3$ ; gl=3;  $p<0,001$ , para mães. Esse resultado indicou uma associação entre as duas variáveis; no entanto, como havia duas categorias para cada seção do IEP (positiva e negativa), não ficou claro entre quais havia associação. Assim, as categorias 1 e 2 foram agrupadas em uma (1: iep negativo), cujos índices variaram do valor mínimo até zero, e as 3 e 4 em outra (2: iep positivo), em que os índices variaram de 1 ao valor máximo (Tabela 13).

TABELA 13

Frequências de Respostas Sobre Preferência Parental Considerando o Valor do IEP

<b>Categorias IEP</b>	<b>Mãe</b>			<b>Pai</b>		
	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Total</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Total</b>
1- negativo (mín. - zero)	48 (41,4%)	68 (58,6%)	116 (100%)	70 (49%)	72 (51%)	142 (100%)
2- positivo (1 - máx.)	29 (18,3%)	129 (81,7%)	158 (100%)	20 (15,4%)	110 (84,6%)	130 (100%)
<i>Total</i>	77 (28%)	197 (72%)	274 (100%)	90 (33%)	182 (67%)	272 (100%)

A partir da Tabela 13, constata-se que os participantes cujos valores do IEP foram positivos avaliaram existir preferência parental com menos frequência do que aqueles cujos índices foram negativos. Observa-se que, para os primeiros, a taxa de resposta positiva quanto à preferência parental ficou abaixo de 19%, enquanto que, para os segundos, ela elevou-se para mais de 40%, chegando a quase 50% para os pais do grupo dos escores negativos. Utilizando o qui-quadrado nos valores da Tabela 14 para avaliar essa diferença, obteve-se  $\chi^2=33,7$ ; gl=1;  $p<0,001$ , para pais, e  $\chi^2=16,43$ ; gl=1;  $p<0,001$ , para mães. Portanto, esses resultados indicam que há associação entre percepção da preferência parental e o índice de estilo parental, no sentido que, quanto maior o índice, menor a percepção da preferência, e vice-versa.

### 8.3. Autodescrição

Embora essa pesquisa não tenha tido como objetivo maior tratar de autodescrição, especialmente de adolescentes, considerou-se interessante ao menos levantar alguns dados que pudessem contribuir para o estudo do gênero e da ordem de nascimento. Os resultados dessa parte da pesquisa foram analisados baseando-se na última questão (11) da folha adicional, em que foram requisitadas características positivas e negativas dos participantes segundo a auto-percepção deles mesmos. Inicialmente, pretendia-se observar se o tipo de

palavra estaria relacionado ao índice de estilo parental; no entanto, como explicado no item 7, essa relação não se fez relevante. Assim, o objetivo da análise das palavras firmou-se apenas em levantar possíveis semelhanças e disparidades intra e entre os grupos formados nessa pesquisa.

A partir da Análise Fatorial de Correspondência (AFC), tanto para características positivas (Tabela 14), quanto negativas (Tabela 15), foram obtidos quatro fatores. Para ambas, o primeiro fator foi o gênero. Isso indica que, em termos de autodescrição, os papéis sociais definidos pelo gênero parecem ser mais fortes do que os da ordem de nascimento. Para as características positivas, os primeiro e segundo fatores foram responsáveis por 67,12% da inércia total; para as negativas, os mesmos fatores somaram 65,85%. Por serem os fatores de maior contribuição, apenas eles foram considerados nas Figuras 2 e 3.

TABELA 14

Análise Fatorial de Correspondências para Características Positivas

Fator	De fora para dentro				De dentro para fora			
	Modalidades	Coord.	CPF	Cos <sup>2</sup>	Modalidades	Coord.	CPF	Cos <sup>2</sup>
Primeiro, Autovalor = 0,07	Masculino	-0,46	58,4	0,98	Feminino	0,29	36,9	0,98
Inércia = 46,48%	<b>Elementos</b>	<b>Coord.</b>	<b>CPF</b>	<b>Cos<sup>2</sup></b>	<b>Elementos</b>	<b>Coord.</b>	<b>CPF</b>	<b>Cos<sup>2</sup></b>
	Bom	-0,98	6,9	0,8	Confiável	0,36	2,6	0,64
	Bonito	-0,76	11,3	0,9	Otimista	0,64	7,3	0,77
	Engraçado	-0,22	2,5	0,25	Persistente	0,30	2,6	0,92
	Esperto	-0,90	8,9	0,87	Sincero	0,27	7,1	0,75
	Fiel	-0,90	7,4	0,54				
	Inteligente	-0,36	10,6	0,91				
	Legal	-0,37	5,5	0,51				
Segundo, Autovalor = 0,03	Conversador				Engraçado			
	Único	-0,53	58,6	0,72	Caçula	0,19	21,1	0,35
	<b>Elementos</b>	<b>Coord.</b>	<b>CPF</b>	<b>Cos<sup>2</sup></b>	<b>Elementos</b>	<b>Coord.</b>	<b>CPF</b>	<b>Cos<sup>2</sup></b>
	Amoroso	-0,27	2,9	0,22	Brincalhão	0,26	2,8	0,34
	Compreensivo	-0,32	8,4	0,66	Carinhoso	0,21	4,7	0,39
	Confiante	-0,76	11,8	0,86	Divertido	0,21	3,1	0,51
	Conversador	-0,74	13,4	0,81	Engraçado	0,29	10,2	0,46
	Criativo	-0,38	4,6	0,74	Espontâneo	0,30	2,5	0,66
	Otimista	-0,30	3,7	0,17	Respeitoso	0,28	2,9	0,51
					Responsável	0,25	2,6	0,36
Terceiro,	Divertido				Companheiro			
	Caçula	-0,25	40,6	0,6	Primogênito	0,29	53,7	0,78

Autovalor= 0,0274

Inércia = 18,39%	<b>Elementos</b>	<b>Coord.</b>	<b>CPF</b>	<b>Cos<sup>2</sup></b>	<b>Elementos</b>	<b>Coord.</b>	<b>CPF</b>	<b>Cos<sup>2</sup></b>
	Amigo	-0,13	6,4	0,46	Amoroso	0,45	9,1	0,6
	Calmo	-0,27	3,9	0,42	Brincalhão	0,27	3,4	0,37
	Confiável	-0,23	2,8	0,27	Companheiro	0,27	11,2	0,98
	Engraçado	-0,22	6,4	0,26	Comunicativo	0,64	7,4	0,67
	Legal	-0,26	7,0	0,26	Determinado	0,32	3,3	0,61
	Responsável	-0,27	3,4	0,43	Feliz	0,23	3,9	0,54
	Simpático	-0,12	2,9	0,30	Paciente	0,44	3,6	0,46
					Sincero	0,15	5,3	0,22
Honesto					Fiel			
Quarto, Autovalor= 0,0216	Único	-0,30	25,9	0,22	Do meio	0,43	69,8	0,78
Inércia= 14,49%	<b>Elementos</b>	<b>Coord.</b>	<b>CPF</b>	<b>Cos<sup>2</sup></b>	<b>Elementos</b>	<b>Coord.</b>	<b>CPF</b>	<b>Cos<sup>2</sup></b>
	Bonito	-0,22	3,1	0,08	Atencioso	0,33	7,7	0,52
	Calmo	-0,28	5,6	0,47	Bem-humorado	0,16	3,1	0,25
	Comunicativo	-0,41	3,8	0,27	Esperto	0,33	3,8	0,12
	Conversador	-0,32	3,7	0,16	Estudioso	0,29	7,8	0,89
	Honesto	-0,34	9,9	0,51	Fiel	0,76	16,9	0,39
	Legal	-0,25	8,0	0,23	Gentil	0,64	9,5	0,88

O primeiro fator das características positivas contrapôs os gêneros (masculino x feminino), sendo responsável por quase 47% da contribuição total. As palavras mais freqüentes citadas pelos meninos foram ‘bonito’ e ‘inteligente’; enquanto para as meninas foram ‘otimista’ e ‘sincero’. Observando o padrão de respostas de cada gênero, percebe-se que o lócus da escolha das palavras é diferente. Para os meninos, as palavras mais freqüentes remetem a como eles crêm ser vistos pelos outros (amigos, pais, sociedade), o que caracteriza certa externalidade da definição; enquanto que para as meninas, a referência utilizada são elas em relação a elas mesmas, o que sugere mais internalidade. O segundo fator diferenciou os padrões de resposta de filhos únicos e caçulas. Para os primeiros, as palavras mais freqüentes foram ‘conversador’ e ‘confiante’; para os segundos, a principal foi ‘engraçado’, marcando grande diferença das demais. A Figura 3 mostra a disposição gráfica do cruzamento dos fatores 1 e 2.



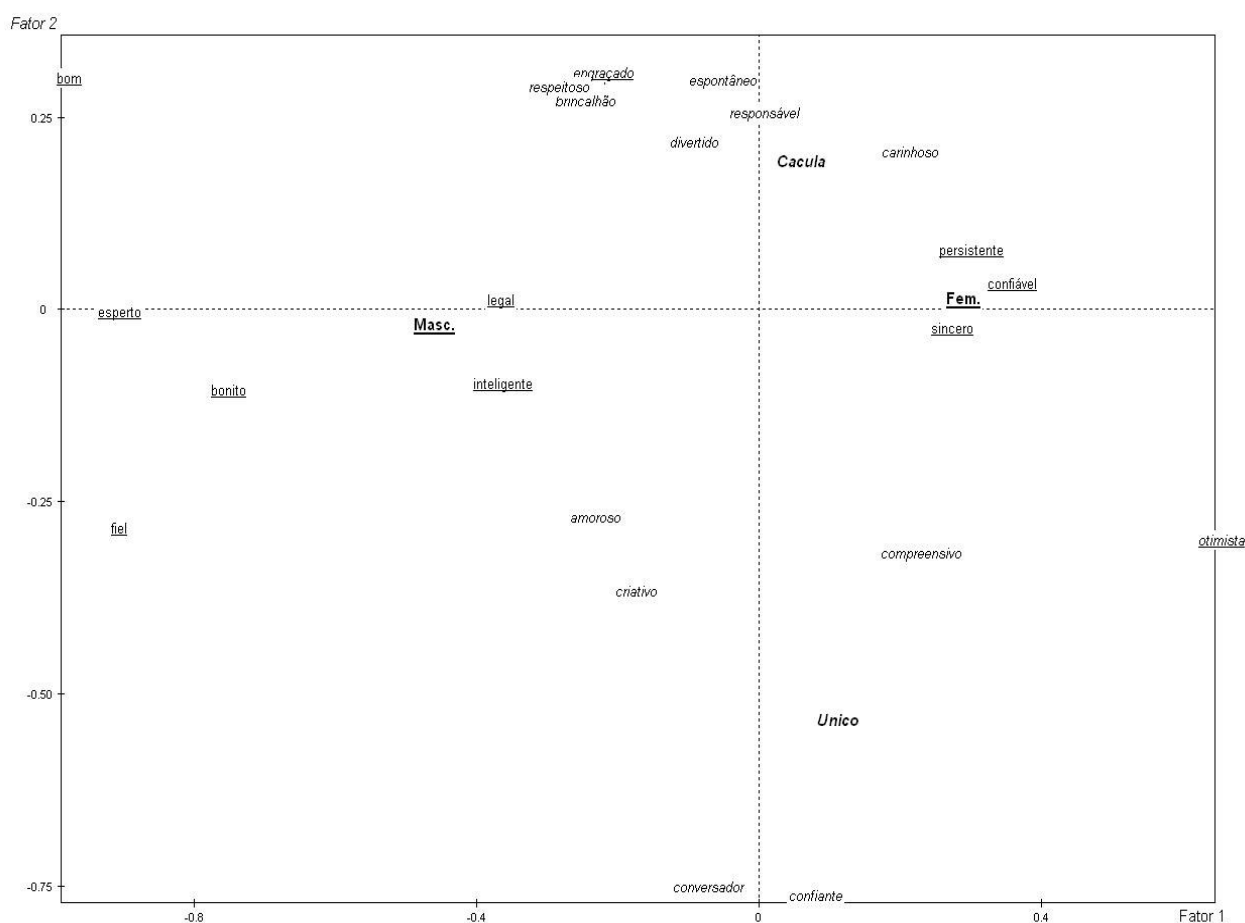


Figura 3. Disposição gráfica dos dois primeiros fatores da análise de correspondências para características positivas.

Observa-se pela Figura 3 que as palavras descritoras dos meninos e dos filhos únicos estão mais dispersas no gráfico, o que sugere uma variabilidade maior de citações. As palavras referentes às meninas e aos caçulas estão mais próximas, o que sugere que foram respondidas pelas mesmas pessoas. Especificamente, a característica ser ‘otimista’, foi mais freqüente para meninas filhas únicas; e ‘engraçado’ para meninos caçulas.

O terceiro fator opôs primogênitos e caçulas. Os caçulas mantiveram o mesmo tipo de resposta do segundo fator, ou seja, caracterizam-se como divertidos, tendo sido citadas as palavras ‘legal’, ‘amigo’ e ‘engraçado’ em maior e quase igual freqüência. Os primogênitos, por sua vez, caracterizaram-se através das palavras ‘companheiro’ e ‘amoroso’ e, em menor

escala, ‘comunicativo’. O quarto fator diferenciou os filhos únicos dos filhos do meio, em que os primeiros julgaram-se ‘honestos’ e ‘legais’ e os segundos ‘fiéis’, sendo essa característica (fidelidade) muito mais freqüente do que as demais para o mesmo grupo.

A análise fatorial para as características negativas gerou fatores parecidos, com exceção daquele formado pela comparação entre primogênitos e caçulas para características positivas, que deu lugar à oposição entre primogênitos e filhos do meio. O primeiro fator das características negativas também foi o gênero, como já mencionado, sendo responsável por quase 40% da inércia total. A palavra mais citada pelo grupo masculino foi ‘pentelho’, que indica perturbar, incomodar os outros com certa freqüência e intensidade. Essa palavra ficou bem acima da média das demais da modalidade, o que sugere que ela tem grande força descritora para os meninos. As meninas, por sua vez, julgam que suas características negativas mais proeminentes são ser ‘egoístas’ e ‘orgulhosas’. Novamente, o ponto de vista utilizado por meninos e meninas variou, sendo que os primeiros parecem considerar mais o outro como referência para a autodescrição, ao contrário das meninas (Tabela 15).

TABELA 15

Análise Fatorial de Correspondências para Características Negativas

Fator	De fora para dentro				De dentro para fora			
	Modalidades	Coord.	CPF	Cos <sup>2</sup>	Modalidades	Coord.	CPF	Cos <sup>2</sup>
Primeiro, Autovalor	Masculino	-0,43	48,5	0,81	Feminino	0,22	25,4	0,81
= 0,065  Inércia = 38,86%	Elementos	Coord.	CPF	Cos <sup>2</sup>	Elementos	Coord.	CPF	Cos <sup>2</sup>
	Bagunceiro	-0,40	2,9	0,64	Egoísta	0,46	6,5	0,70
	Burro	-0,64	3,8	0,29	Estressado	0,22	3,8	0,43
	Chato	-0,17	2,7	0,47	Impaciente	0,23	3,1	0,66
	Desorganizado	-0,24	2,4	0,43	Impulsivo	0,53	3,3	0,52
	Esquecido	-0,57	3,7	0,86	Irresponsável	0,39	2,9	0,55
	Folgado	-0,60	5,0	0,45	Orgulhoso	0,58	6,3	0,86
	Grosso	-0,42	5,7	0,80	Pessimista	0,47	3,0	0,41
	Mentiroso	-0,44	2,3	0,57	Sensível	0,43	2,6	0,36
	Pentelho	-1,14	15,0	0,91				
	Preguiçoso	-0,19	4,6	0,88				
Segundo, Autovalor	Contraditório				Introspectivo			
	Do meio	-0,45	36,2	0,49	Único	0,37	18,9	0,32
	Elementos	Coord.	CPF	Cos <sup>2</sup>	Elementos	Coord.	CPF	Cos <sup>2</sup>
	Burro	-0,94	11,9	0,63	Desorganizado	0,26	4,0	0,50

= 0,045 Inércia= 26,99%	Crítico	-0,32	2,8	0,20	Insistente	0,49	8,8	0,95
	Desatento	-0,54	7,9	0,62	Irritado	0,30	6,9	0,69
	Egoísta	-0,28	3,5	0,26	Teimoso	0,19	4,3	0,64
	Estúpido	-0,42	2,4	0,37	Tímido	0,28	8,9	0,98
	Folgado	-0,38	2,9	0,18				
	Impulsivo	-0,51	4,3	0,47				
	Mal-humorado	-0,21	5,0	0,36				
	Metido	-0,80	10,7	0,75				
<hr/>								
Terceiro, Autovalor	Mal-humorado				Crítico			
	Primogênito	-0,29	48,7	0,69	Do meio	0,37	34,4	0,32
= 0,0313 Inércia = 18,77%	<b>Elementos</b>	<b>Coord.</b>	<b>CPF</b>	<b>Cos<sup>2</sup></b>	<b>Elementos</b>	<b>Coord.</b>	<b>CPF</b>	<b>Cos<sup>2</sup></b>
	Ciumento	-0,33	9,0	0,66	Bagunceiro	0,25	2,4	0,26
	Desatento	-0,33	4,3	0,24	Brabo	0,21	2,3	0,24
	Exigente demais	-0,36	4,3	0,82	Chorão	0,50	4,8	0,34
	Folgado	-0,50	7,1	0,31	Crítico	0,60	14,1	0,70
	Mal-humorado	-0,26	10,8	0,54	Estúpido	0,45	3,8	0,42
	Pessimista	-0,33	3,1	0,20	Sensível	0,50	7,4	0,50
					Temperamental	0,30	3,8	0,59
<hr/>								
Quarto, Autovalor	Desobediente				Pessimista			
	Único	-0,52	66,9	0,65	Caçula	0,18	21,3	0,21
= 0,0256 Inércia= 15,39%	<b>Elementos</b>	<b>Coord.</b>	<b>CPF</b>	<b>Cos<sup>2</sup></b>	<b>Elementos</b>	<b>Coord.</b>	<b>CPF</b>	<b>Cos<sup>2</sup></b>
	Ansioso	-0,16	2,8	0,73	Brabo	0,20	2,6	0,22
	Briguento	-0,17	3,5	0,96	Irresponsável	0,27	3,5	0,27
	Chato	-0,17	6,8	0,47	Orgulhoso	0,22	2,3	0,12
	Desatento	-0,23	2,6	0,12	Pentelho	0,34	3,3	0,08
	Desobediente	-0,52	9,5	0,60	Perfeccionista	0,25	3,4	0,52
	Estressado	-0,21	9,3	0,42	Pessimista	0,41	6,0	0,32
	Irritado	-0,17	4,0	0,23	Preocupado	0,28	2,3	0,38
					Respondão	0,30	4,7	0,97
					Vingativo	0,39	4,4	0,56

O segundo fator contrapôs os filhos do meio com os únicos, sendo que as palavras mais frequentes para os primeiros foram ‘burro’ e ‘metido’; e para os segundo ‘tímido’ e ‘insistente’. Com relação aos filhos do meio, os elementos principais que compuseram a modalidade soam contraditórios, visto que ser ‘burro’ e ‘metido’ são incompatíveis. Assim, esse dado sugere que o grupo de filhos do meio, nesse fator, dividiu-se de forma um tanto extrema. Os elementos do grupo dos filhos únicos, porém, tiveram uma distribuição mais homogênea. A figura 4 apresenta o cruzamento dos fatores 1 e 2.

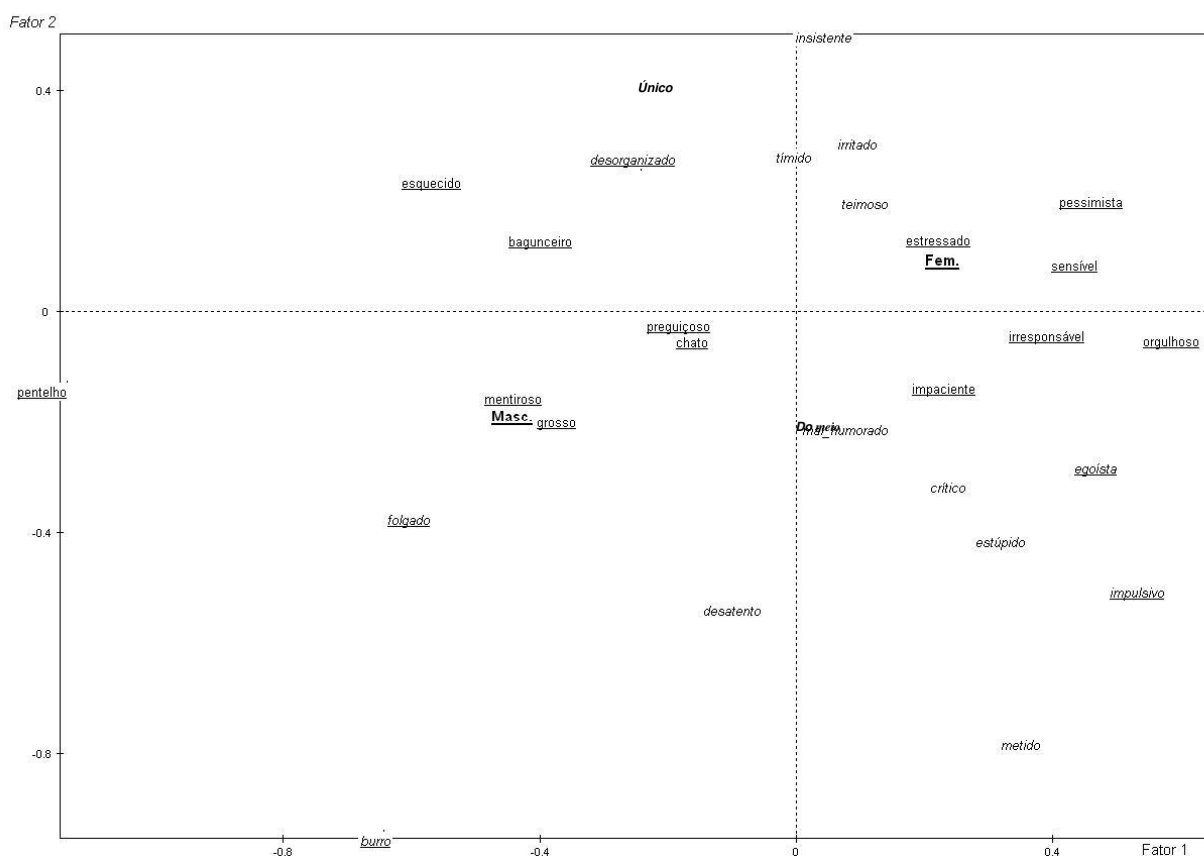


Figura 4. Disposição gráfica dos dois primeiros fatores da análise de correspondências para características negativas.

A partir da figura 4, observam-se facilmente as diferenças de gênero, pois as palavras ‘mentiroso’, ‘grosso’ e ‘folgado’ estão muito próximas do masculino, e as palavras ‘estressado’, ‘pessimista’ e ‘sensível’ mais próximas do feminino. Os meninos filhos únicos relatam maior desorganização, e as meninas filhas únicas mais timidez, irritação e teimosia. Para os filhos do meio, a palavra ‘folgado’ foi mais presente; as filhas do mesmo grupo citaram ser egoístas e impulsivas.

O terceiro fator diferenciou o grupo dos primogênitos dos filhos do meio. Os primogênitos consideraram como características negativas serem ‘mal-humorados’ e ‘ciumentos’, em comparação com os do meio, os quais se julgaram bastantes ‘críticos’. Ser crítico, para eles, foi o fator de maior peso, mantendo considerável distância de média com

relação aos outros elementos. Ser ‘sensível’ foi a característica que, embora tenha obtido apenas metade da média do ‘crítico’, também ficou acima das demais de maneira relevante.

Para o quarto e último fator, opuseram-se os filhos únicos dos caçulas. Com quase igual frequência, os filhos únicos consideraram-se ‘desobedientes’ e ‘estressados’ e, em menor escala, ‘chatos’. Para os caçulas, a distribuição de elementos não variou muito, a característica diferencial para eles foi julgarem-se ‘pessimistas’, e também ‘respondões’ e ‘vingativos’.

A análise da autodescrição considerando gênero e ordem de nascimento indicou de maneira mais visível a diferença entre meninos e meninas. As comparações entre as ordens contribuíram menos na formação dos fatores e por vezes também soaram um tanto contraditórias; no entanto, elas sinalizam haver diferenças, talvez sutis, entre as formas mais frequentes dos adolescentes se autodefinirem. Isso foi indicado pela frequência maior ou menor das palavras que surgiram para cada modalidade em comparação com outra.

## 9. DISCUSSÃO

O objetivo principal desse trabalho foi coletar dados a respeito das práticas educativas parentais considerando duas variáveis em especial: o gênero e a ordem de nascimento. De maneira geral, o gênero sempre está presente como variável de pesquisa, seja como alvo de análise ou como controle demográfico; no entanto, a ordem de nascimento não tem a mesma relevância, e pouca pesquisa a respeito dela é feita no Brasil. Justamente para instigar o estudo sobre esse fator – ordem de nascimento – essa pesquisa interessou-se em levantar dados a respeito de como as práticas parentais podem ou efetivamente diferenciam-se de acordo com a posição ordinal de nascimento de seus filhos. Além disso, para complementar, avaliou se existe preferência parental e por meio de que ela é justificada, e de possíveis padrões de palavras de autodescrição utilizadas por adolescente entre 13 e 17 anos. Assim, a discussão dos resultados obtidos seguirá as três etapas dos resultados: as práticas educativas parentais, a preferência parental e a autodescrição, em que serão retomadas as hipóteses do início da pesquisa.

### 9.1. Práticas educativas parentais

O primeiro resultado importante obtido através do IEP foi em parte a favor da hipótese 1 da pesquisa, em que se versou que há diferenças nas práticas educativas maternas e paternas. Os escores maternos foram mais altos do que os paternos de modo geral. A literatura da Psicologia (Furtado, 2005; Gomide, 2006) já mencionou em outras pesquisas que os pais geralmente recebem uma avaliação mais inadequada pelos filhos do que as mães, em que o papel esperado do pai não corresponde ao real (Furtado, 2005).

Ainda, os valores dos ieps femininos foram mais baixos na avaliação dos pais, diferenciando-se significativamente do grupo masculino. Para as mães, essa diferença não

ocorreu. Isso sugere que as meninas são tratadas de modo diferente pelos pais, sofrendo mais com as práticas negativas quando comparadas aos meninos. Se retomarmos a hipótese de Keller e Zach (2002) a respeito do investimento parental, encontramos que algumas pesquisas que indicam que há preferência dos pais em investirem mais nos meninos do que nas meninas, ao menos em ambientes mais estáveis e previsíveis (Volland, 1998). Historicamente, o sexo masculino teve mais força social do que o feminino, e não podemos descartar que apenas a partir do final desse século que o sexo feminino passou a ser olhado de outra forma, lutando para se igualar ao masculino em termos de direitos, especialmente profissionais. A mudança no tratamento parental nesse contexto, embora exista, pode ainda não se mostrar efetivamente na sociedade.

Avaliando mais de perto, porém, os resultados indicaram que quanto a determinadas práticas educativas, tanto as mães quanto os pais comportam-se de modo diferente com filhas e filhos. Para as mães, o comportamento moral foi mais alto para as meninas, mantendo-se limítrofe no risco para os meninos, assim como a monitoria positiva. Contrariamente, os meninos tiveram escores mais altos do que as meninas em monitoria positiva quando avaliaram seus pais. As meninas, por sua vez, alegam sofrer mais negligência e disciplina relaxada por parte deles. Ora, se as meninas têm modelo de comportamento moral mais alto por parte das mães, e os meninos são mais monitorados positivamente por parte dos pais, sugere-se que a identificação sexual existe. Essa informação está de acordo com alguns indícios da literatura (Crouter & McHale, 1995; Lamb, 1997; Keller e Zach, 2002) que demonstram que as mães interagem mais com suas filhas e os pais com seus filhos, correspondendo a uma identificação sexual: mãe - filha mulher e pai - filho homem. Roelofs *et al.* (2006) também afirmam que a presença de fatores negativos (como rejeição, ansiedade) no comportamento paterno parece ter mais impacto sobre os meninos, ao mesmo tempo que os mesmos fatores nas mães afetam mais as meninas.

Com relação à influência da ordem de nascimento sobre as práticas maternas, os resultados indicaram diferenças apenas para as meninas. As primogênitãs relataram sofrer mais punição inconsistente e abuso físico do que as caçulas. Para os pais, as primogênitãs também se diferenciaram das filhas do meio por sofrerem mais punição inconsistente; das caçulas pelo abuso físico e das filhas únicas pela monitoria negativa. Os meninos relataram diferença apenas para o abuso físico, sendo que os primogênitãs alegam apanhar mais do que os irmãos do meio. De maneira geral, portanto, as primogênitãs relataram haver mais punição inconsistente e abuso físico tanto por parte de mães quanto de pais. Especificamente com relação aos pais, os meninos primogênitãs também relataram sofrer mais abuso físico, o que confirma em parte a hipótese 2 da pesquisa; porém, os meninos só a confirmam com relação aos pais, enquanto as meninas consideram que apanham de ambas as figuras parentais. Além disso, as meninas primogênitãs também alegaram sofrer mais monitoria negativa paterna.

Sofrer com mais punição inconsistente significa que os primogênitãs recebem uma educação mais baseada no humor dos pais do que contingente ao tipo de comportamento emitido por eles (Gomide, 2006). O padrão de interação entre pais e filhos torna-se, portanto, instável e dependente do bom ou mau-humor dos pais; e nesse ambiente, os filhos passam a ter dificuldades em aprender valores morais e podem aprender a manipular e desrespeitar figuras de autoridade. Segundo Berri (2004), a punição inconsistente está fortemente ligada ao abuso físico, visto que a frequência e intensidade do bater variam segundo o estado de humor do agente punidor, sendo que, quanto mais nervoso, mais vezes e com mais força o faz. Essa afirmação vai ao encontro aos dados obtidos, visto que os primogênitãs também alegam apanhar mais do que os grupos das demais ordens. Assim, faz sentido que o mesmo grupo que diz sofrer mais com a punição inconsistente também seja abusado fisicamente com mais frequência. Ehrensaft *et al.* (2003) alertam que a falta de consistência em estabelecer consequências adequadas para os comportamentos dos filhos está associada ao



desenvolvimento da agressividade; assim, a punição inconsistente e o abuso físico colocam em risco especialmente os primogênitos. Esse dado, contudo, contraria os achados de Laurent e Sebastian (2005), segundo os quais os primogênitos foram aqueles que tiveram menor número de transgressões leves e graves na França. Seria necessário um estudo dessa espécie no Brasil para ver se haveria ou não tal correspondência.

No que se refere aos maiores índices de monitoria negativa paterna sofridas pelas primogênicas, Hertwig *et al.* (2002) alegam que os primeiros filhos, ao mesmo tempo que recebem grande investimento dos pais principalmente enquanto ainda são filhos únicos (antes do nascimento dos irmãos), também podem vir a ser prejudicados com a falta de liberdade e maiores restrições em certas atividades. É justamente sobre isso que versa a monitoria negativa: excesso de fiscalização dos pais sobre os filhos, restringindo seu campo de ação natural. Aqui a hipótese 3 se confirma, embora apenas com relação aos pais; e a hipótese 6 não se confirma, visto que os filhos únicos não pontuaram mais em monitoria negativa do que os demais, como era esperado.

A monitoria negativa em excesso, ou seja, o controle exagerado com baixo envolvimento afetivo, está relacionada ao desenvolvimento de psicopatologias como ansiedade e depressão (Pettit *et al.* 2001; Gulone *et al.*, 2003; Oldehinkel *et al.*, 2006), que são fatores de internalização do comportamento (Achenbach, 1991). O fato de ter sido mais elevada para as meninas primogênicas demonstra a interação entre gênero e ordem de nascimento. Como La Rosa (1998) apontou em sua pesquisa, as meninas primogênicas de nível sócio-econômico baixo apresentam maiores índices de ansiedade-estado. Embora não tenha sido avaliada aqui, a renda pode ter influenciado esse resultado de maneira mais específica, visto que as classes respondentes da pesquisa variaram nesse quesito, embora não de forma extrema. Existe a possibilidade das primogênicas serem mais cobradas pelos pais no

sentido de ajudar em casa, inclusive cuidando dos irmãos mais novos, como aponta o autor anteriormente mencionado.

Na realidade, as diferenças encontradas sugerem que os primogênitos apresentam mais desvantagens com relação aos irmãos por terem apresentado escores mais altos para práticas negativas. Isso parece contrariar alguns estudos (Sulloway, 1996; Keller & Zach, 2002; Herrera *et al.*, 2003; Larent & Sebastian, 2005) que sugerem que os primogênitos apresentam várias vantagens com relação aos demais irmãos, por receberem mais investimento. No entanto, antes de se chegar a conclusões precipitadas, há de se considerar dois fatores:

1. *Inexperiência dos pais.* Os pais podem realmente tratar os primogênitos de forma mais inconsistente e fazerem uso do ‘bater’ de maneira mais freqüente e/ou intensa. Se assim o for, isso pode acontecer pela inabilidade deles em usar outras estratégias de controle do comportamento e de interação afetiva com os filhos, justamente por eles ainda não terem tido experiência prévia como pais (Michalski & Shackelford, 2001).

2. *Percepção dos primogênitos.* Ao responder o IEP, os participantes primogênitos podem ter sido mais rígidos e talvez mais extremistas nas suas respostas do que os respondentes das demais ordens. Shebloski *et al.* (2005) sugerem que são exatamente os primogênitos que avaliam o funcionamento familiar de forma mais acurada, percebendo diferenças do tratamento parental que talvez fossem imperceptíveis ou desconsideradas pelos irmãos.

Entretanto, além de discutir os resultados que foram estatisticamente diferentes, vale a pena comentar também outros indicativos encontrados na pesquisa, especialmente as duas hipóteses restantes com relação ao IEP. A hipótese 4, sobre maiores índices de estilo parental para caçulas e filhos únicos, foi confirmada tanto para as mães quanto para os pais. Esses grupos obtiveram os escores mais altos, inclusive iguais quando se referiram às mães, quando comparados aos primogênitos e do meio. Os primogênitos, devido ao já discutido acima,

ficaram na última classificação. E os do meio, conforme a hipótese 5, mantiveram-se ‘no meio’, com valores intermediários entre primogênitos e caçulas/únicos.

Esses dados confirmam o que Hertwig *et al.* (2002) comentam sobre a divisão do investimento parental, que aparece nas práticas pelos pais adotadas. Para os autores, os filhos únicos têm a ‘vantagem’ de receber todo o investimento dos pais, não tendo irmãos com quem dividir e competir. Os caçulas, embora não sejam filhos únicos, têm grande possibilidade de serem tratados como tais quando seus irmãos mais velhos já estiverem crescidos o suficiente para não dependerem mais dos pais, ou quando efetivamente saírem de casa. Os autores também citam essa vantagem para os primogênitos, que são efetivamente únicos até seu(s) irmão(s) nascerem; entretanto, a presente pesquisa não mostrou diferenças positivas a favor deles. Por último, Hertwig *et al.* (2002) justificam que os filhos do meio nunca têm a oportunidade de serem únicos, pois sempre haverá o irmão mais velho e o mais novo com quem dividir a atenção e investimentos dos pais, não sendo possível terem uma fase de ‘filhos únicos’. Realmente, nessa pesquisa, o grupo de filhos do meio obteve índices de estilo parental intermediários, que indicam que eles não são tratados de forma extrema nem nas práticas positivas, nem nas negativas.

O estudo dos filhos únicos também necessita de mais investimento de pesquisas, pois muito pouco é publicado a seu respeito no país. Embora alguns autores (Sulloway, 1996; Hertwig *et al.*, 2002; Isaacson & Raish, 2002) sugiram que o comportamento dos filhos únicos em muito se pareça com o dos primogênitos, principalmente enquanto os irmãos não nascem e quando a diferença de idade entre eles é grande (6 anos ou mais), tudo muda quando o novo membro chega na família, e por essa experiência o filho único nunca passa. É interessante saber como é o relacionamento dos filhos únicos em família quando não há irmãos com quem competir pelo amor dos pais.

## 9.2. Percepção da preferência parental

A percepção da preferência parental não chegou a quase 50%, como ocorreu para Kuperfish (2006), e sim a 28% para mães e 33% para pais do total de participantes. Isso pode ter ocorrido por uma diferença de amostra, ou pela facilidade dos respondentes em assinalar 'não' nas questões referentes ao tema e então não precisar justificar em forma de texto, o que poderia desmotivar alguns. Mas, como para a autora, houve correspondência entre preferência materna e paterna nessa pesquisa, isto é, a maioria dos que assinalaram existir preferência para mães, também o fizeram com relação aos pais.

As meninas, da mesma forma como foram mais rígidas na avaliação dos pais no IEP, também assinalaram existir preferência parental com mais frequência do que os meninos, no que concernem os pais. Para as mães, não houve diferença entre os gêneros. Considerando a ordem de nascimento, os primogênitos, especialmente meninas, perceberam diferenças no tratamento parental despendido aos filhos. Esse dado está de acordo com a afirmação de Shebloski *et al.* (2005) de que os primogênitos e adolescentes mais velhos percebem mais a diferença da relação dos pais com os filhos, possivelmente por sentirem mais as mudanças trazidas pelos novos membros que entram na família.

Talvez o fato de os primogênitos julgarem os irmãos mais novos como preferidos dos pais, e não eles próprios, possa se dever à diferença do jeito que os pais lidam com os filhos do ponto de vista desse grupo. Se eles crêem ou efetivamente apanham mais, recebem conseqüências inconsistentes e são mais cobrados pelos pais do que os irmãos seguintes podem considerar que justamente o abrandamento dessas práticas já seja um fator que revele favoritismo. Por outro lado, os caçulas também se consideram preferidos pelos pais com mais frequência do que os demais (primogênitos e do meio), embora tenham votado nos irmãos mais velhos e do meio como preferidos, além deles próprios. Para Castro e Souza (1978), os

caçulas têm maior auto-estima do que primogênitos e filhos do meio e, se assim o for, esse fator pode ter sido responsável pela maior contribuição auto-direcionada sobre o favoritismo desse grupo.

Como muitos estudos apontam (Lummertz & Blaggio, 1986; Levy, 2000; Luchetti, 2000; Magagnin & Körbes, 2000; Weber *et al.*, 2003; Moilan, 2007), nessa pesquisa também foi encontrada associação entre a existência da preferência parental com a percepção do funcionamento familiar. Os filhos cujos índices de estilo parental foram negativos assinalaram existir preferência parental com muito mais frequência do que os que obtiveram índices positivos. E vale ressaltar que os participantes votaram nos irmãos como preferidos com muito mais frequência do que a si mesmos. Isso indica que, quando os filhos recebem ou sentem o tratamento parental de forma mais negativa, tendem a achar que seus irmãos, e não eles próprios, são os favoritos dos pais. A esse respeito, Sulloway (1996) e Isaacson e Radish (2002) afirmam que, em famílias harmoniosas, em que o tratamento parental é adequadamente dividido entre os filhos, as diferenças entre irmãos devidas à ordem de nascimento não são fortes.

Com relação aos temas de justificativa para a preferência, as duas categorias mais votadas foram ‘ordem de nascimento’ e ‘características positivas’. Isso quer dizer que a posição ordinal do irmão na fratria foi tão relevante quanto as qualidades comportamentais descritas pelas características positivas, como ser afetuoso, carinhoso, companheiro, prestativo, inteligente, estudioso. Para Luchetti (2000), a diferenciação que um irmão faz do outro na avaliação do favoritismo rege-se principalmente através da forma de comunicação que existe entre a figura parental e o filho julgado preferido. Observando as justificativas dos participantes sobre o tema, sugere-se que as características positivas contenham em si o componente de comunicação adequada, visto que eles julgam que a relação entre pais e filhos seja mais harmoniosa. Entretanto, a diferenciação pela ordem de nascimento ainda carece de

explicação, pois ela encobre o que a posição de nascimento contém em si que faz com que os pais tratem os filhos de forma diferente.

Outro dado interessante levantado nessa pesquisa é que foi a ordem de nascimento, e não o gênero, o fator que mais influenciou a preferência. Para as mães, inclusive, a categoria de gênero não foi estabelecida por falta de votos dessa qualidade. Para os pais, embora existente, ela foi pouco votada. Isso vai ao encontro a opinião de outros pesquisadores (Sullo way, 1996; Hertwig *et al.*, 2002; Isaacson & Radish, 2002; Keller & Zach, 2002), que atribuem mais importância a diferenças de ordem de nascimento do que ao gênero na diferenciação do tratamento parental.

### 9.3. Autodescrição

A discussão sobre a autodescrição considerando os grupos formados nessa pesquisa foi mais complicada de ser feita, pois faltam referências na literatura que expliquem os resultados obtidos na pesquisa, além da limitação da questão, que pretendia apenas verificar se existiam diferenças entre as principais palavras escolhidas na autodescrição. A hipótese 9 da pesquisa, que esperava que os componentes (palavras) fosse semelhantes intra-grupos e diferentes entre os grupos, foi confirmada em parte, pois apenas entre os fatores formados essa comparação pôde ser feita. Com relação à hipótese 10, sobre os tipos de palavras e o valor do índice de estilo parental, não foi encontrada nenhuma associação. No entanto, vale lembrar que a simplicidade da questão não foi capaz de avaliar autodescrição no sentido de auto-estima dos adolescentes, o que responderia melhor a hipótese.

O resultado mais visível avaliado na questão 11 diz respeito à diferença de gênero entre as palavras escolhidas na autodescrição. As meninas diferenciaram-se dos meninos de maneira significativa, tanto para as características negativas quanto positivas. Esse dado contraria a pesquisa de Ernst e Angst (1983), que achou correlação mais forte entre os cinco

tipos de personalidade (*Big Five*) e ordem de nascimento do que com o gênero. Segundo os autores, isso quer dizer que as diferenças de personalidade dadas pelos conceitos do *Big Five* não se mostraram fortes com relação ao gênero, e sim com a ordem de nascimento, o que não foi confirmado nessa pesquisa. Por outro lado, o presente estudo não avaliou a personalidade em si e, portanto, essa informação deve ser tomada com precaução.

De toda forma, o gênero foi o principal fator de distribuição das palavras, o que indica que os estereótipos relacionados aos papéis sociais são mais claros na nossa sociedade do que aqueles relacionados à ordem de nascimento. De fato, os tipos de palavras escolhidas pelos adolescentes para se autodescreverem foram diferentes, no sentido que as meninas tomaram si próprias como referência dos comportamentos, enquanto os meninos parecem se apoiar na opinião dos outros, ou no modo como acham que são vistos por eles. No que se refere à ordem de nascimento, os fatores que surgiram para ambas as características (positivas e negativas) foram praticamente os mesmos, com exceção de um, que opôs primogênitos e caçulas, para as positivas, e primogênitos e do meio, para negativas.

Para as características positivas, o segundo fator opôs filhos únicos e caçulas. As palavras mais citadas pelos primeiros foram ‘conversador’ e ‘confiante’. Essas palavras sugerem que os filhos únicos têm certa habilidade social, ao menos, ao conversar, e se mostram mais auto-confiantes do que os caçulas. Os caçulas, por sua vez, consideram-se engraçados, fator que também surgiu na comparação deles com os primogênitos, que gerou o terceiro fator. A característica de divertimento, portanto, foi diferencial para os caçulas ao serem comparados aos filhos únicos e primogênitos.

No terceiro fator, os primogênitos também sugeriram ter a habilidade de serem comunicativos, além de companheiros e amorosos. Segundo Sulloway (1996) e Isaacson e Radish (2002), os primogênitos e os filhos únicos podem apresentar características parecidas porque os primeiros passam pela experiência dos segundos, ao menos por um tempo. Para

eles, os primogênitos são mais auto-confiantes e hábeis socialmente do que os irmãos mais novos. Isso também foi sugerido por esses resultados. Os mais novos, todavia, são mais abertos a novas experiências e mais criativos ao pensarem em estratégias competitivas para serem favorecidos; nesse sentido, o fato de se considerarem divertidos pode ser uma forma particular deles se comportarem. Também para Herrera *et al.* (2003), os caçulas são mais criativos, emotivos e extrovertidos.

A última dimensão foi composta por filhos únicos e do meio. Os filhos únicos consideram-se honestos e legais, em maior frequência, e o padrão de elementos utilizados denota habilidade comunicativa, por citarem serem calmos, comunicativos e conversadores. Os filhos do meio também sugerem ter competências sociais nesse fator; entretanto, de outra forma. As palavras escolhidas (fiel, gentil, atencioso) sugerem uma preocupação em agradar os outros, no sentido de corresponder expectativas, em ser cooperativo. Para Sulloway (1996), os filhos do meio são mais flexíveis e comprometidos, demonstrando ter habilidades diplomáticas. E para Isaacson e Radish (2002), os nascidos em segundo e terceiro lugares (que equivalem aos do meio, nessa pesquisa), são amigáveis e prestativos.

Para as características negativas, esses mesmos grupos (únicos e do meio) opuseram-se no segundo fator. Entretanto, a formação dos elementos ficou confusa, pois, ao mesmo tempo em que os filhos únicos relataram ter certa habilidade social nas características positivas, eles assinalaram ser tímidos, irritados (e não calmos), e teimosos. Por outro lado, Sulloway (1996) também aponta que os filhos únicos e os filhos mais novos são mais tímidos quando comparados aos primogênitos. Para o grupo dos filhos do meio, os elementos foram mais dispersos e em maior quantidade, o que dificulta a visualização de um padrão de respostas. De forma um tanto extrema, parece que esse grupo se dividiu entre aqueles que se consideram desfavorecidos intelectualmente (palavras ‘burro’ e ‘desatento’) e aqueles que denotam certo ar de superioridade, julgando-se metidos, egoístas e estúpidos.



O terceiro fator, que contrapõe os primogênitos dos filhos do meio, revelou mais consistência com a literatura revisada. Os primogênitos julgaram-se mais mal-humorados e ciumentos, o que vai ao encontro ao que afirma Sulloway (1996), de que os primogênitos são mais ciumentos de sua posição, tendo mais tendência a exibir raiva e terem emoções intensas. Fazendo o contraponto, os filhos do meio julgam-se críticos em alta escala, e também sensíveis, o que é apoiado por Isaacson e Radish (2002), que dizem que os mais novos são mais vulneráveis, sensíveis à raiva e à culpa, e que também são detalhistas e perfeccionistas, o que poderia contribuir para serem mais críticos do que os mais velhos.

Por último, os filhos únicos se diferenciaram dos caçulas. Os primeiros consideram-se desobedientes e estressados, o que pode apoiar a idéia de Isaacson e Radish (2002) de que eles fazem birra para conseguirem o que querem, mas também contrariar Herrera *et al.* (2003), em cuja pesquisa a desobediência correspondeu mais ao caçulas do que aos únicos. Porém, a característica ‘ser chato’ apontada pelos filhos únicos concorda com a idéia de que os filhos únicos são ‘desagradáveis’, segundo a pesquisa de Herrera *et al.* (2003). Os caçulas, que se consideram pessimistas, respondões e vingativos, de certa forma correspondem ao modelo de Isaacson e Radish (2002), quando os autores dizem que os nascidos em quarto (e último) lugar acham que os outros não o ouvem, sentem-se imaturos, e também têm o humor insultivo, o que poderia ser ilustrado pela característica ‘respondão’.

Assim, embora esse trabalho não tenha objetivado definir padrões claros de palavras a serem associadas à ordem de nascimento, ele pôde contribuir para fazer pensar que existem dados que vêm se repetindo através das pesquisas e que sugerem consistência, mas que há outros muito confusos que necessitam de mais investimento para serem esclarecidos. Alerta-se a Psicologia, portanto, ao estudo da ordem de nascimento como um fator de peso no entendimento do ser humano. Para concluir, a Tabela 16 organiza as hipóteses da pesquisa e suas respectivas correspondências ou não à realidade, de acordo com esse estudo.

TABELA 16

## Respostas às Hipóteses da Pesquisa

Hipótese	Apoiada?
1. As práticas educativas parentais são diferentes com relação a meninos e meninas, conforme a ordem de nascimento	Sim, para pais (diferença meninos e meninas)
2. Os primogênitos, especialmente meninos, sofrem mais abuso físico (apanharão mais);	Sim, e meninas também, para pais e mães
3. As primogênitais (meninas) sofrem mais monitoria negativa, ou seja, serão mais cobradas continuamente;	Sim, para pais
4. Os caçulas e filhos únicos apresentam maiores índices de estilo parental geral (ieps);	Sim, para pais e mães
5. Os filhos do meio apresentam ieps intermediários (não-extremos);	Sim, para pais e mães
6. Filhos únicos sofrem mais monitoria negativa;	Não
7. Os primogênitos indicam haver preferência parental com maior frequência	Sim, para pais
8. Os caçulas são os mais indicados como preferidos dos pais	Sim, para pais
9. Há componentes (palavras) semelhantes intra-grupos e diferentes entre-grupos	Sim, dentro dos fatores
10. O tipo de palavra descritora tem relação com o valor do índice de estilo parental	Não

## 10. CONCLUSÃO

O objetivo dessa pesquisa foi avaliar a influência do gênero e da ordem de nascimento nas relações familiares, especialmente no que diz respeito às práticas educativas parentais. Também foram levantados dados a respeito da percepção da preferência parental e da autodescrição dos adolescentes, por serem temas relativos ao principal e que poderiam contribuir para o campo do desenvolvimento humano dentro da Psicologia.

Conforme a literatura pesquisada, o gênero influencia o tratamento que os pais dispensam aos filhos especialmente devido à identificação sexual que ocorre. Assim, de maneira geral as mães se identificam mais com as filhas, e os pais, com os filhos. Embora esse tenha sido um dado encontrado também nessa pesquisa, ele foi menos proeminente com relação às mães do que aos pais. Quase não houve diferenças entre meninos e meninas que se referiram as primeiras, enquanto os pais foram avaliados de forma mais negativa pelas meninas.

No que se refere à ordem de nascimento, os principais resultados demonstram que há diferenças especialmente entre os filhos primogênitos e os mais novos. Os primogênitos, tanto meninas quanto meninos, alegaram apanhar mais dos pais, e também sofrer mais com a punição inconsistente, que é uma prática muito influenciada pelo humor. Isso sugere que os pais, possivelmente pela inexperiência no novo papel que desempenham, sejam mais propícios a serem influenciados por variáveis externas que predispõe ao bom ou mau-humor e comportem-se de forma variável no lar, influenciando diretamente a educação dos filhos. Ao fazerem isso, a probabilidade de usar o controle físico (bater) eleva-se.

Além disso, as meninas primogênicas alegam sofrer mais com monitoria negativa por parte dos pais (figura paterna), ou seja, elas consideram que são mais cobradas, recebem regras repetidamente sem necessidade e têm seu comportamento mais controlado por eles.

Essa prática pode aparecer mais na relação dos pais com os primeiros filhos pela expectativa deles de que os filhos, no caso, as filhas, tenham comportamentos adequados ao que se espera deles, sejam obedientes e cumpram seu dever de filhos. Esperava-se que essa prática também aparecesse em maior frequência para os filhos únicos; entretanto, pelo contrário, foi demonstrado que eles diferenciam-se dos primogênitos justamente por não serem monitorados negativamente na mesma intensidade.

Interessante que também foram justamente os primogênitos que acreditam que os pais, principalmente o pai, têm um filho preferido, e que esse filho não são eles mesmos, mas os caçulas. Esses, por sua vez, concordam com os irmãos mais velhos ao se auto-elegerem os preferidos. Para os filhos do meio, a maior quantidade de votos marcou a categoria relativa à ordem de nascimento. Assim, a posição ordinal de nascimento mostrou-se um fator de peso na discriminação da preferência parental, muito mais forte do que o gênero.

Com relação às palavras autodescritoras citadas pelos participantes e avaliadas segundo os fatores resultantes, observa-se que existem indicações de padrões característicos que diferenciam os grupos segundo o gênero e a ordem de nascimento, embora mais pesquisa seja necessária a esse respeito para dirimir dúvidas quanto, por exemplo, a habilidade social de filhos únicos – se têm mais propensão a serem tímidos ou hábeis socialmente, e a autodescrição dos filhos do meio, pois foram esses grupos que resultaram dados mais contraditórios.

A interação entre as variáveis (práticas educativas parentais, percepção da preferência e autodescrição) indica que estão relacionadas de forma a serem moderadas pelo gênero e ordem de nascimento. Adotando o conceito de Baron & Kenny (1986), o moderador é uma variável que influencia a direção e/ou força da relação entre uma variável preditora e a variável resultante e pode mudar a probabilidade de resultados negativos na presença de risco.

Dessa forma, o gênero e a ordem de nascimento alteram a forma como os pais e filhos se comportam numa relação recíproca.

No caso de famílias em que há irmãos, especialmente a relação fraternal ganha visibilidade. Além da relação direta entre pais e filhos, avaliada pelo IEP, a pesquisa também indicou que a forma como os adolescentes responderam ao instrumento foi fortemente influenciada pela percepção do favoritismo parental, o que significa que a diferenciação que eles fazem entre eles próprios e os irmãos contribui para o modo como avaliam os pais. Então, a competição entre irmãos pelo amor dos pais, como sugere as teorias evolucionistas e psicológicas, parece realmente ter tanto quanto ou mais força na formação da personalidade do que o tratamento parental.

#### Limitações da pesquisa

Toda pesquisa apresenta limitações por fazer um recorte da realidade, e não dar conta de avaliar o todo ao mesmo tempo. Por isso, vários estudos devem ser desenvolvidos sobre o mesmo tema a fim de se formar um arcabouço teórico consistente. A presente pesquisa teve o objetivo de levantar alguns dados e provocar questionamentos aos interessados sobre o tema, embora seus achados sejam restritos.

Algumas limitações dizem respeito ao número e à forma que os participantes foram alocados para cada grupo. O número de filhos do meio e filhos únicos foi menor do que o esperado, e isso de certa forma empobreceu a análise mais profunda desses grupos. O tamanho das famílias também variou, e houve famílias em que o segundo filho de uma díade foi considerado caçula da mesma forma que o terceiro ou quarto das famílias maiores. Para pesquisas futuras, é interessante que sejam separadas as famílias por número de filhos, avaliando-as separadamente: como díades, tríades, etc. Cuidar com o sexo dos irmãos também favorece o controle de variáveis intervenientes. Talvez a desmotivação de certos participantes de responder as questões abertas da Folha Adicional, embora o espaço dado fosse de apenas

duas linhas, possa ter influenciado e diminuído a frequência positivas de respostas para a preferência parental. E com relação ao estudo de autodescrição, instrumentos melhor elaborados, de preferência já validados, podem ser utilizados para melhor apreender possíveis diferenças entre os grupos.

#### Sugestões para futuras pesquisas

Os dados coletados nessa pesquisa, embora tenha suas limitações, sinalizam diferenças no tratamento parental dispensado aos filhos, dependendo do gênero e da ordem de nascimento. Algumas questões podem ser retomadas pela Psicologia para se ter uma resposta mais adequada sobre a influência da ordem de nascimento na dinâmica familiar, especialmente na tentativa de entender as diferenças mais patentes entre primogênitos e demais filhos que surgiram nessa pesquisa. A principal forma de avaliar isso seria separar o real tratamento adotado pelos pais na educação dos filhos e a percepção dos filhos sobre ele. Nesse caso, o mais adequado seria fazer um levantamento de dados/opiniões dos membros sobre a percepção deles sobre a família, e então comparar essas informações com dados mais objetivos, como cenas de filmagem que retratam o que de fato acontece ou em situações estruturadas *in loco*.

Algumas sugestões para futuras pesquisas estão elencadas a seguir, visto terem sido consideradas importantes e ainda não esclarecidas:

- Relação entre ordem de nascimento, percepção da preferência parental e auto-estima;
- Tipos de personalidades e ordem de nascimento;
- Habilidades sociais e ordem de nascimento, especialmente para filhos únicos;
- Percepção familiar e filhos gêmeos;
- Psicopatologias e ordem de nascimento;
- QI e ordem de nascimento, pois o Brasil não participa da discussão internacional sobre esse tema.

## 11. REFERÊNCIAS

- Achenbach, T. M. (1991). Manual for the Youth Self-report. Burlington, VT: University of Vermont.
- Alencar, E. M. S. (1982). A criança na família e na sociedade. Petrópolis: Vozes.
- Alvarenga, P. & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. Psicologia: Reflexão e Crítica, 14(3), 449-460.
- Armor, D. J. (2001). On family size and intelligence. American Psychologist, 56(6/7), 521-522.
- Bandeira, M; Goetz, E. R.; Vieira, M. L. & Pontes, F. A. R. (2005). O cuidado parental e o papel do pai no contexto familiar. In: F. A. R. Pontes; C. M. C. Magalhães; R. S. C. Brito; W. L. B. Martin. (orgs.). Temas pertinentes à construção da psicologia contemporânea. (pp. 191-230). Belém: EDUEPA.
- Barber, B. K. (1996). Parental psychological control: Revisiting a neglected construct. Child Development, 65, 1120-1136.
- Baron, R. M. & Kenny, D. A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. Journal of Personality and Social Psychology, 51, 1173-1182.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. Child Development, 37, 887 - 907.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. Developmental Psychology Monograph, 4(1), 1-103.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. Journal Of Early Adolescence, 11(1), 56-95
- Bee, H. (1996). A criança em desenvolvimento. 7ª. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Berk, L. E. (1996). Infants, children and adolescents. 2ª. ed. Illinois State University: Allyn and Bacon.
- Berri, G. (2004). Programa de Intervenção em Práticas parentais para Mães de Adolescentes em Conflito com a Lei. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Infância e da Adolescência. Curitiba - UFPR.

- Bolsoni-Silva, A. T. & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. Estudos de Psicologia, 7(2), 227-235.
- Bowlby, J. (1990). Apego: A natureza do vínculo. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes. Originalmente publicado em 1969.
- Bussab, V. S. R. (2000). A família humana vista da perspectiva etológica: natureza ou cultura? Interação, 4, 9-22.
- Bussab, V. S. R. & Ribeiro, F. L. (1998). Biologicamente cultural. In: L. de Souza, M. F. Q. de Freitas e M. M. P. Rodrigues (orgs). Psicologia - reflexões (im)pertinentes. (pp. 175-193). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Caracushansky, S. (1972). Ordem de nascimento e alguns aspectos do comportamento avaliados através de estórias para completar. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Carvalho, M.C.N. (2003). Efeito das práticas educativas parentais sobre o comportamento infrator de adolescentes. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia da Infância e Adolescência. Curitiba: UFPR.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. 2<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Artmed.
- Castro e Souza, Y. (1978). Auto-imagens de adolescentes de Presidente Prudente: Um estudo exploratório. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Christenfeld, N. J. S. & Hill, E. A. (1995). Whose baby are you? Nature, 378, 669.
- Cole, M. & Cole, S. R. (2003). O desenvolvimento da criança e do adolescente. 4<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, F. T.; Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. Psicologia: Reflexão e Crítica, 13(3), 465-473.
- Cozby, P. C. (2003). Métodos de pesquisa em ciências do comportamento. São Paulo: Atlas.
- Crouter, A. C. & McHale, S. M. (1995). The family context of gender intensification in early adolescence. Child Development, 66, 37-329.
- D'Avila-Bacarji, K. M. L.; Marturano, E. M. & Elias, L. C. (2005). Suporte parental: um estudo sobre crianças com queixas escolares. Psicologia em Estudo (Maringá), 10(1), 107-115.



- Dancey, C. P. & Reidy, J. (2006). Estatística sem matemática para psicologia. Porto Alegre: Artmed.
- Daniel, B.; Featherstone, B.; Hooper, B. & Scourfield, J. (2005). Why gender matters for every child matters. British Journal of Social Work, 35(8), 1343-1355.
- Darling, N, Steinberg, L (1993) Parenting style as a context: An integrative model. Psychological Bulletin, 113(3), 487-496.
- Dodge, K. A.; Pettit, G. S. & Batters, J. E. (1994). Socializations mediators of the relation between socioeconomic status and child conduct problems. Journal of Child Development, 65, 649-665.
- Darwin, C. (1982). A origem das espécies (Ilustrada). Brasília: Melhoramentos (Ed. Universidade de Brasília).
- Ehrensaft, M. K.; Wasserman, G. A.; Verdelli, L.; Greenwald, S.; Miller, L. S & Davies, M. (2003). Maternal antisocial behavior, parenting practices, and behavior problems in boys at risk for antisocial behavior. Journal of Child and Family Studies, 12(1), 27-40.
- Eibl-Eibesfeldt, I. (1989). Human ethology. New York: Aldine de Gruyter.
- Ernst, C. & Angst, J. (1983). Birth order: Its influence on personality. Berlin and NY: Springer-Verlag
- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasil.
- Fleiss, J. L.; Cohen, J. & Everitt, B. S. (1969). Large sample standard errors of kappa and weighted kappa. Psychological Bulletin, 72, 323-327.
- Fuchs, S. C.; Tavares, M. B.; Fuchs, F. C.; Diligenti, F. Abreu, J. R. P. & Rohde, L. A. (2004). Características de comportamento do filho único vs filho primogênito e não-primogênito. Revista Brasileira de Psiquiatria, 26(1), 17-23.
- Furtado, E. R. G. (2005). Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Gaylord, N. K.; Kitzmann, K. M. & Lockwell, R. L. (2003). Child characteristics as moderators of the association between family stress and children's internalizing, externalizing, and peer rejection. Journal of Child and Family Studies, 12(2), 201-213.
- Gershoff, E. T. (2002). Corporal punishment by parents and associated child behaviors and experiences. Psychological Bulletin, 128, 539-579.
- Gil, A. C. (1991). Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas.

- Glória, D. M. A. (2005). Relação entre escolaridade e diferenças constitutivas das fratrias. Paidéia, 15(30), 31-42.
- Gomide, P. I. C. (2001). Efeitos das práticas educativas parentais no desenvolvimento do comportamento anti-social. In: M. L. Marinho & V. E. Caballo (orgs). Psicologia clínica e da saúde (pp. 33-53). Londrina (Brasil), Granada (Espanha): Uel, Apicsa.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In: A. Del Prette & Z. A. Del Prette (orgs). Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção (pp. 21-60). Campinas: Alínea.
- Gomide, P.I.C. & Guimarães, A. M. (2003). Efeitos das práticas educativas sobre o comportamento anti-social em crianças e adolescentes. Relatório de pesquisa PIBIC/CNPq não publicado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.
- Gomide, P. I. C. (2004). Pais presentes pais ausentes. Petrópolis: Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2006). Inventário de Estilos Parentais (IEP), modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Vozes.
- Guttmannova, K. (2005). Development of externalizing and internalizing behavior problems during middle childhood: risk and protective factors. Dissertation Abstracts International, 66, 2-B. (UMI No. AA13166291).
- Hastings, P. (2005). Links among gender, inhibition, and parental socialization in the development of prosocial behavior. Merrill-Palmer Quarterly, 51(4), 467-493.
- Henry, C.; Robinson, L. C.; Neal, E. A. & Huey, E. L. (2006). Adolescent perceptions of overall family system functioning and parental behaviors. Journal of Child and Family Studies, 15(3), 308-318.
- Herrera, N. C.; Zajonc, R. B.; Wieczorkowska, G. & Cichomski, B. (2003). Beliefs about birth rank and their reflection in reality. Journal of Personality and Social Psychology, 85(1), 142-150.
- Hertwig, R.; Davis, J. N. & Sulloway, F. J. (2002). Parental investment: how an equity motive can produce inequality. Psychological Bulletin, 128(5), 728-745.
- Isaacson, C. & Radish, K. (2002). The birth order effect: How to better understand yourself and others. Avon: Adams Media.
- Jaffe, N. (2004). The relationship of birth order, parenting styles, and gender on sensation seeking. Dissertation Abstracts International, 65, 5-B (UMI No. 2682).
- Keller, H. (2000). Human parent-child relationships from an evolutionary perspective. Journal American Behavioral Scientist, 43(6), 957-969.

- Keller, H. (2003). Ontogeny as the interface between biology and culture. Evolutionary considerations. In: T. S. Saraswathi (ed.). Cross-cultural perspectives in human development: theory, research and applications (pp. 102-127). New Delhi: Sage.
- Keller, H. (2007). Cultures of infancy. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Keller, H. & Zach, U. (2002). Gender and birth order as determinants of parental behaviour. International Journal of Behavioral Development, 20(2), 177-184.
- Kristensen, P. & Bjerkedal, T. (2007). Explaining the relation between birth order and intelligence. Science, 316, 1717.
- Kuperfish, S. (2006). Parental favoritism, self-esteem and locus of control. Dissertation Abstracts International, 66, 10-B. (UMI No. 5686).
- Lamb, M. E. (1997). The role of father in child development. 3<sup>a</sup> ed. New York: Willey.
- Lamborn, S. D.; Mounts, N. S.; Steinberg, L. & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. Child Development, 62, 1049-1065.
- La Rosa, J. (1996). Lócus de controle, sexo, nível sócio-econômico e ordem de nascimento. Psico (Porto Alegre), 27(2), 199-212.
- La Rosa, J. (1998). Ansiedade, sexo, nível sócio-econômico e ordem de nascimento. Psicologia: Reflexão e Crítica, 11(1), 59-70.
- Laurent, B. & Sebastian, R. (2005). Birth order and youth delinquent behaviour: testing the differential parental control hypothesis in a French representative sample. Psychology, Crime & Law, 11(1), 73-85.
- Levy, S. R. (2000). The influence of sibling relations on adolescent suicidal behavior. Dissertation Abstracts International, 61, 3-B (UMI N° AAI9967287).
- Lucchetti, A. E. (2000). Children's perceptions of parental favoritism as mediating the relationship between discrepant parent-children communication and child outcomes. Dissertation Abstracts International, 60, 7-A (UMI N° AEH9937082).
- Lummertz, J. G. & Blaggio, A. M. B. (1986). Relações entre autoconceito e nível de satisfação familiar em adolescentes. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 38(2), 158-166.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em: E. M. Hetherington (Org.), Handbook of child psychology. V. 4. Socialization, personality, and social development. 4<sup>a</sup> ed. (pp. 1-101). New York: Wiley.

- Magagnin, C. & Korbes, J. M. (2000). Autoconceito do adolescente, relacionamento familiar e limites. Alethéia, 12, 65-81.
- Michalski, R. L. & Shackelford, T. K. (2001). Methodology, birth order, intelligence, and personality. American Psychologist, 56(6/7), 520-521.
- Moinlanen, K. L. (2007). The Adolescent Self-Regulatory Inventory: The development of a questionnaire of short-term and long-term self-regulation. Journal of Youth and Adolescence, 36(6), 835-848.
- Montandon, C. (2005). As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. Educação & Sociedade, 26(91), 485-507.
- Muller, R.; Hunter, J. E. & Stollak, G. (1995). The intergenerational transmission of corporal punishment: a comparison of social learning and temperament models. Child Abuse & Neglect, 19(11), 1323-1335.
- Nurco, D. & Lerner, M. (1996). Vulnerability to narcotic addiction: Family structure and functioning. Journal of Drug Issues, 26, 1007-1025.
- Oldehinkel, A. J.; Veenstra, R.; Ormel, J.; de Winter, A. F. & Verhulst, F. C. (2006). Temperament, parenting and depressive symptoms in a population sample of preadolescents. Journal of Child Psychology and Psychiatry, 47(7), 684-695.
- Oliveira, E. A.; Frizzo, G. B. & Marin, A. H. (2000). Atitudes maternas diferenciais para com meninos e meninas de quatro e cinco anos. Psicologia: Reflexão e Crítica, 13(3), 363-371.
- Oliveira, A. & Amâncio, L. (2005). A análise fatorial de correspondências no estudo das representações sociais – As representações sociais do suicídio na adolescência. Em: A. S. Moreira; B. V. Camargo; J. C. Jesuino & S. M. Nóbrega (Orgs). Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais (pp. 323 - 362). João Pessoa: UFPB.
- Otta, E. (1994). O sorriso e seus significados. Petrópolis: Vozes.
- Patterson, G. R.; Reid, J. B. & Dishion, T. J. (1992) Antisocial boys. Eugene: Castalia Publishing Co.
- Pettit, G. S.; Laird, R. D.; Dodge, K. A.; Bates, J. E. & Criss, M. M. (2001). Antecedents and behavior-problem outcomes of parental monitoring and psychological control in early adolescence. Child Development, 72(2), 583-598.
- Pontes, A. C. F. & Corrente, J. E. (2001). Comparações múltiplas não-paramétricas para delineamento com um fator de classificação simples. Revista de Matemática e Estatística, 19, 179-197.

- Ribas, A. F. P. & Seidl de Moura, M. L. (2004). Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. Psicologia: Reflexão e Crítica, 17(3), 315-322.
- Ribas, A. F. P.; Seidl de Moura, M. L. & Ribas Junior (2003). Responsividade materna: levantamento bibliográfico e discussão conceitual. Psicologia: Reflexão e Crítica, 16(1), 137-145.
- Rodgers, J. L.; Cleveland, H. H.; van den Oord, E. & Rowe, D. C. (2000). Resolving the debate over birth order, family size, and intelligence. American Psychologist, 55(6), 599-612.
- Rodrigues, M. M. P. (1998a). Evolução do investimento parental em primatas, o caso do *Homo sapiens*. In: L. Souza; M. F. Q. Freitas; M. M. P. Rodrigues (orgs). Psicologia: reflexões (im)pertinentes (pp. 273-292). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rodrigues, M. M. P. (1998b). Investimento parental: determinantes biológicos e sociais. Temas em Psicologia, 6(3), 199-204.
- Roelofs, J; Meesters, C.; ter Huurne, M.; Bamelis, L. & Muris, P. (2006). On the links between attachment style, parental rearing behaviors, and internalizing and externalizing problems in non-clinical children. Journal of Child and Family Studies, 15(3), 319-332.
- Sampaio, I. T. A. & Gomide, P. I. C. (2007). Inventário de estilos parentais (IEP-Gomide, 2006): Percurso de padronização e normatização. Psicologia Argumento, 25(48), 15-26.
- Seifer, R.; Sameroff, A. J.; Anagnostopolou, R. & Elias, P. K. (1992). Mother-infant interaction during the first year: Effects of situation, maternal mental illness, and demographic factors. Infant Behavior and Development, 15, 405 - 426.
- Shebloski, B.; Conger, K. J. & Widaman, K. F. (2005). Reciprocal links among differential parenting, perceived partiality, and self-worth a three-wave longitudinal study. Journal of Family Psychology, 19(4), 633-642.
- Siegel, S. (1975). Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil Ltda.
- Stanton, B. F.; Xiaoming, L.; Galbraith, J.; Cornick, G.; Feigelman, S.; Kaljee, L. & Zhou, Y. (2000). Parental underestimates of adolescent risk behavior: A randomized, controlled trial of a parental monitoring intervention. Journal of Adolescent Health, 26(1), 18-26.
- Stattin, H. & Kerr, M. (2000). Parental monitoring: A reinterpretation. Child Development, 71(4), 1072-1085.
- Straus, M. A; Sugarman, D. B. & Giles-Sims, J. (1997). Spanking by parents and subsequent antisocial behavior of children. Arch Pediatric Adolescence Medicine, 151, 761-767.

- Sulloway, F. J. (1996). Born to rebel: Birth order, family dynamics, and creative lives. New York: Pantheon Books.
- Teixeira, M. A. P.; A. M. & Wottrich, S. H. (2006). Escala de práticas parentais (EPP): Avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. Psicologia: Reflexão e Crítica, 19(3), 433-441.
- Trindade, Z. A. & Menandro, M. C. S. (2002). Pais adolescentes: Vivência e significação. Estudos de Psicologia (Natal), 7(1), 15-23.
- Trivers, R. L. (1974). Parent-offspring conflict. American Zoologist, 14, 249-264.
- Veenstra, R.; Lindenberg, S.; Oldehinkel, A. J.; De Winter, A. F. & Ormel, J. (2006). Temperament, environment, and antisocial behavior in a population sample of preadolescent boys and girls. International Journal of Behavior Development, 30(5), 32-42.
- Voland, E. (1998). Evolutionary ecology of human reproduction. Annual Review of Anthropology, 27, 347-374.
- Wagner, A.; Falcke, D.; Silveira, L. M. B. O.; Mosmann, C. P. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. Psicologia em Estudo, 7 (1), 75-80.
- Wagner, A.; Ribeiro, L. S.; Arteché, A. X. & Bornholdt, E. A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico de adolescentes. Psicologia: Reflexão e Crítica, 12(1), 147-156.
- Weber, L. N. D.; Stasiak, G. R. & Brandenburg, O. J. (2003). Percepção da interação familiar e auto-estima de adolescentes. Alethéia, 17(18), 95-105.
- Weber, L. N. D.; Prado, P. M.; Viezzer, A. P. & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. Psicologia: Reflexão e Crítica, 17(3), 323-331.
- Wendland, J. (2001). A abordagem clínica das interações pais-bebê: perspectivas teóricas e metodológicas. Psicologia: Reflexão e Crítica, 14(1), 45-56.
- Wood, J. J.; McLeod, B. D.; Sigman, M.; Hwang, W. C.; Cho, B. C. (2003). Parenting and childhood anxiety: Theory, empirical findings and future directions. Journal of Childhood Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines, 44 (1), 134-151.
- Zajonc, R. B. (2001). The family dynamics of intellectual development. American Psychologist, 56(6/7), 490-496.

## 12. LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	ALOCÇÃO ABSOLUTA E RELATIVA DE RECURSOS PARENTAIS ENTRE OS FILHOS CONSIDERANDO QUATRO PERÍODOS DE CRESCIMENTO, DE ACORDO COM A DIVISÃO IGUALITÁRIA (BASEADO EM HERTWIG, DAVIS & SULLOWAY, 2002).	42
FIGURA 2	CONTRIBUIÇÃO DE CADA CATEGORIA NA JUSTIFICATIVA DA PREFERÊNCIA PARENTAL (PARA MÃES E PAIS JUNTOS); N=152.	84
FIGURA 3	DISPOSIÇÃO GRÁFICA DOS DOIS PRIMEIROS FATORES DA ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIAS PARA CARACTERÍSTICAS POSITIVAS.	89
FIGURA 4	DISPOSIÇÃO GRÁFICA DOS DOIS PRIMEIROS FATORES DA ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIAS PARA CARACTERÍSTICAS.	92

### 13. LISTA DE TABELAS

TABELA 1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	52
TABELA 2	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	53
TABELA 3	CATEGORIAS QUE DESCREVEM OS TEMAS REFERENTES À PREFERÊNCIA PARENTAL	63
TABELA 4	MÉDIAS E DESVIOS-PADRÃO DOS IEPS PARA CADA GRUPO E NO GERAL	67
TABELA 5	INTERVALOS PERCENTÍLICOS CORRESPONDENTES AOS IEPS BRUTOS	68
TABELA 6	MÉDIAS DOS POSTOS, TESTE U DE MANN-WHITNEY E H DE KRUSKAL-WALLIS PARA ORDEM DE NASCIMENTO, REFERENTES À MÃE E AO PAI	69
TABELA 7	MÉDIAS E TESTE H PARA TODOS OS GRUPOS	72
TABELA 8	PERCENTIS CORRESPONDENTES AOS IEPS BRUTOS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA TODOS OS GRUPOS	74
TABELA 9	COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS PARA AS PRÁTICAS EM QUE HOVE DIFERENÇAS	77
TABELA 10	PERCEPÇÃO DA PREFERÊNCIA PARENTAL	79



TABELA 11	FILHOS PREFERIDOS SEGUNDO OS RESPONDENTES POR GÊNERO E ORDEM DE NASCIMENTO	81
TABELA 12	DISTRIBUIÇÃO DOS VOTOS NAS CATEGORIAS DE PREFERÊNCIA PARENTAL DE ACORDO COM A ORDEM DE NASCIMENTO, PARA MÃES E PAIS	84
TABELA 13	FREQÜÊNCIAS DAS RESPOSTAS SOBRE PREFERÊNCIA PARENTAL CONSIDERANDO O VALOR DO IEP	86
TABELA 14	ANÁLISE FATORIAL DE CORRESPONDÊNCIAS PARA CARACTERÍSTICAS POSITIVAS	87
TABELA 15	ANÁLISE FATORIAL DE CORRESPONDÊNCIAS PARA CARACTERÍSTICAS NEGATIVAS	90
TABELA 16	RESPOSTAS ÀS HIPÓTESES DA PESQUISA	106

## 14. LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

### Abreviaturas

P	Filho primogênito
M	Filho do meio
C	Filho caçula
F	Respondente do sexo feminino
M	Respondente do sexo masculino
Pref	Filho considerado preferido

### Siglas

IEP	Inventário de Estilos Parentais
iep	Índice de estilo parental

## **15. APÊNDICES**

Apêndice A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Senhor(a):

Meu nome é Izabela T. A. Sampaio, sou aluna de mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, e venho por meio deste convidar seu (sua) filho(a) a participar de uma pesquisa intitulada **“Relação Entre Práticas Educativas Parentais, Gênero e Ordem de Nascimento dos Filhos”**. Essa pesquisa tem por objetivo entender como se caracterizam as práticas de cuidado dos pais com os filhos entre 14 e 17 anos de idade, especialmente no que diz respeito ao gênero (se menino ou menina) e à ordem de nascimento, ou seja, se filho único, primogênito, do meio ou caçula. Esse trabalho está sendo desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Mauro Luiz Vieira.

**A participação é voluntária.** Caso você aceite que seu (sua) filho(a) participe, solicito a permissão para que os dados obtidos através do questionário possam ser utilizados pela pesquisadora. Os dados referentes à identificação do(a) seu(sua) filho(a) **não** serão divulgados, e somente os pesquisadores terão acesso a eles. A participação na pesquisa não oferece riscos ou qualquer tipo de desconforto e poderá ser interrompida a qualquer momento. Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas pela escola ou através do fone (48) 3721- 8606 (prof. Mauro) e (41) 9134-4883 (Izabela).

Eu, Sr(a) .....  
considero-me informado(a) sobre a pesquisa **“Relação entre Práticas Educativas Parentais, Gênero e Ordem de Nascimento dos Filhos na Segunda-infância”**, realizada pela aluna do Programa de Pós-graduação em Psicologia, e autorizo a participação do(a) meu(minha) filho(a)..... ,  
consentindo que os questionários sejam aplicados e utilizados para coleta e análise de dados.

Curitiba,        /        / 2007.

---

Assinatura do pai ou responsável

**FOLHA ADICIONAL**

**Instruções**

Por favor, responda as próximas questões sinceramente. Não há respostas certas ou erradas, é a sua opinião que conta. Para as questões de múltipla escolha, faça um X no quadrado ao lado correspondente. Se tiver dúvidas, chame a pesquisadora.

Izabela Tissot Antunes Sampaio

**Questões**

**1. Com quem você mora? (não considere irmãos, primos ou outros).**

☐ Mãe e pai

☐ Pai e madrasta

☐ Só com a mãe

☐ Avô e avó

☐ Só com o pai

☐ Só com a avó

☐ Mãe e padrasto

☐ Outros \_\_\_\_\_

**2. Qual a maior escolaridade de seus pais, ou da(s) pessoa(s) com quem você mora?**

☐ Não alfabetizado

☐ Ensino Médio Completo

☐ Ensino Fundamental Incompleto

☐ Ensino Superior Incompleto

☐ Ensino Fundamental Completo

☐ Ensino Superior Completo

☐ Ensino Médio Incompleto

☐ Não sei

**3. Você tem irmã(os)?**

☐ Sim (passe para a questão 4).

☐ Não (passe para a questão 11).

**4. Se você respondeu “Sim” na questão anterior, indique abaixo qual a idade e sexo (irmã ou irmão) dos seus irmã(os).**

☐ Irmã  anos

☐ Irmão  anos

☐ Irmã  anos

☐ Irmão  anos

☐ Irmã  anos

☐ Irmão  anos

☐ Irmã  anos

☐ Irmão  anos

**5. Na sua opinião, seu pai tem um filho(a) preferido(a)?**

☐ Sim (passe para as questões 6 e 7).

☐ Não (passe para a questão 8).

**6. Se sim, quem você acha que é o filho(a) preferido(a) de seu pai?**

☐ Eu

☐ Minha irmã mais velha

☐ Meu irmão mais velho

☐ Minha irmã do meio

☐ Meu irmão do meio

☐ Minha irmã mais nova

☐ Meu irmão mais novo

## FOLHA ADICIONAL

continuação

7. Por que você acha que existe essa preferência de seu pai?

---

---

8. Na sua opinião, sua mãe tem um filho(a) preferido(a)?

- ☐ Sim (passe para as questões 9 e 10 ).
- ☐ Não (passe para a questão 11).

9. Se sim, quem você acha que é o filho(a) preferido(a) de sua mãe?

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Eu                    |   |
| <input type="checkbox"/> Minha irmã mais velha | <input type="checkbox"/> Meu irmão mais velho |
| <input type="checkbox"/> Minha irmã do meio    | <input type="checkbox"/> Meu irmão do meio    |
| <input type="checkbox"/> Minha irmã mais nova  | <input type="checkbox"/> Meu irmão mais novo  |

10. Por que você acha que existe essa preferência de sua mãe?

---

---

11. Escreva três características suas que considere positivas e três que considere negativas.

POSITIVAS



1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_

NEGATIVAS



1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_

Muito obrigada!!!!

## Apêndice C

### Justificativas da Percepção da Preferência Materna Segundo as Categorias

---

#### **1- CARACTERÍSTICAS POSITIVAS:**

- P “Talvez por ela gostar mais do pai da minha irmã e pela gravidez dela ter sido mais fácil” (F, 15, pref: irmã do meio).
- P “Porque elas são as mais novas e elas agradam mais minha mãe” (F, 13, pref: irmã do meio).
- P “Porque sou sua companheira e que sou carente de carinho por parte de pai” (F, 14, pref: eu).
- P “Talvez por ser mais responsável que meu irmão, e ela não conseguir controlar meu irmão, e eu sempre compreendo ela, e meu irmão chega a xingá-la” (F, 15, pref: eu).
- P “Porque ela não traz problemas, não é rebelde e é filha do seu marido” (F, 13, pref: irmã mais nova).
- C “Porque eu sou meio levado e meu irmão não” (M, 15, pref: irmão mais velho).
- C “Porque ele é o mais carinhoso com ela” (F, 14, pref: irmão do meio).
- C “Porque ele foi embora morar com a namorada e tudo é para eles, mas eu nem ligo, eu não entendo como preferência, e sim ajuda” (M, 15, pref: irmão do meio).
- C “Pois ela tira notas melhores, se esforça mais e ela é mais séria” (M, 13, pref: irmã mais velha).
- C “Porque ele tira notas melhores que as minhas, mas ela gosta de mim” (M, 13, pref: irmão mais velho).
- C “Porque elas passam os fins de semana sempre juntas, gostam das mesmas coisas... já eu e minha mãe temos pensamentos diferentes, e ela me critica por isso” (F, 13, pref: irmã mais velha).
- C “Porque ela é mais esperta e responsável” (F, 13, pref: irmã do meio).
- C “Porque sou mais obediente que minha irmã, e mais carinhosa” (F, 14, pref: eu).
- C “Por ser o mais quietinho e que tira as melhores notas” (F, 15, pref: irmão do meio).
- C “Porque minha irmã é mais carinhosa e às vezes tenho a impressão de que elas se dão melhor” (F, 15, pref: irmã mais velha).
- C “Porque ela pensa que minha irmã é perfeita” (F, 15, pref: irmã mais velha).
- C “Pelo fato de ela ser mulher e tirar notas maiores e estudar mais” (M, 15, pref: irmã mais velha).
- C “Porque ele é mais estudioso e aplicado” (M, 16, pref: irmão mais velho).
- 

#### **2- ORDEM DE NASCIMENTO:**

- P “Por meu irmão ser mais novo” (F, 13, pref: irmão mais novo).
- P “Por ser mais novo. Um saco!” (F, 13, pref: irmão mais novo).
- P “Porque ela é pequena, etc.” (F, 14, pref: irmã mais nova).
- P “Porque eu sou mais velha, e sou “escrava” dela” (F, 14, pref: eu).
- P “Por ela ser mais nova e precisar de mais atenção para tudo” (F, 15, pref: irmã mais nova).
- P “Por ser a mais nova (temos 7 anos de diferença) e não ter tido um pai muito presente na sua infância (última vez que ele viu minha irmã ela tinha 1 ano e 4 meses)” (F, 13, pref: irmã mais nova).
- P “Acredito por ser a mais nova, ela fica mais tempo com ela, ela é mais companheira” (M, 15, pref: irmã mais nova).
- P “Porque ele é mais novo, parece mais frágil, talvez. Não sei” (F, 15, pref: irmão mais novo).

---

P “Porque minha irmã é pequena” (F, 16, pref: irmã mais nova).  
M “Penso que é por ela ser menor, por ela ser a “bebê” da família ela ganha mais atenção, é a preferida dela” (F, 14, pref: irmã mais nova).  
M “Acho que porque ele é o menor de nós que somos mais velhos” (F, 16, pref: irmão mais novo).  
M “Porque é a mais nova. Defende em tudo” (F, 16, pref: irmã mais nova).  
M “Porque ele é menor” (F, 16, pref: irmão mais novo).  
M “Por ser mais criança, ela precisa de mais atenção” (F, 16, pref: irmã mais nova).  
M “Porque foi sua primeira filha, e elas se identificam mais, não é que eu não me dê com ela” (F, 13, pref: irmã mais velha).  
M “Por ele ser mais novo, e com muitos anos distante de mim, e também por proteger mais ele” (M, 15, pref: irmão mais novo).  
C “Eu sou o mais novo e ela conversa mais comigo” (M, 15, pref: eu).  
C “Pois eu sou o caçula” (M, 13, pref: eu).  
C “Porque eu sou o mais novo” (M, 14, pref: eu).  
C “Por eu ser o filho mais novo” (M, 15, pref: eu).

---

### **3- TOLERÂNCIA:**

P “Porque ela acha que eu sou muito ruim pra ele porque ele é criança” (F, 16, pref: irmão mais novo).  
P “Pois não lhe dá broncas quando é necessário/briga menos com ela” (F, 13, pref: irmã mais nova).  
P “Pirralho. Sempre defende ele das coisas que faço” (M, 14, pref: irmão mais novo).  
P “Porque ela só briga comigo, e sempre quer fazer as coisas com o meu irmão” (F, 15, pref: irmão mais novo).  
P “Porque ela deixa minha irmã fazer muitas coisas que eu nunca fazia com a idade que ela tem. Mima e protege ela às vezes” (F, 16, pref: irmã mais nova).  
M “Porque ela sempre a protege e acha desculpas para seus erros” (F, 15, pref: irmã do meio).  
C “Porque minha irmã parou de estudar, não trabalha, tem um filho e mora sozinha. Se ela pede alguma coisa pra minha mãe, ela corre e faz. E eu que estudo, trabalho, ela sempre diz não, e além que a minha mãe tem que cuidar do filho da minha irmã” (F, 14, pref: irmã mais velha).  
C “Porque ela me compara de maneira que minha mãe me humilha” (M, 13, pref: irmã mais velha).

---

### **4- ATENÇÃO:**

P “Porque minha irmã tem muito medo de perder minha mãe, por isso minha mãe gosta mais dela” (F, 14, pref: irmã mais nova).  
P “Porque às vezes aparenta que ela dá mais atenção para ele” (F, 14, pref: irmão mais novo).  
P “Porque às vezes ele dá mais atenção a ela do que a mim, mesmo meu “problema” sendo maior que o dela” (F, 13, pref: irmã mais nova).  
M “Não, só penso que ele ganha e sempre ganhou tudo e eu tive que trabalhar sempre pra conseguir” (M, 16, pref: irmão mais velho).  
C “Porque tenho e dou mais atenção pra ela e ajudo mais ela no seu dia-a-dia” (M, 16, pref: eu).  
C “Por meu pai defender mais eu, minha mãe ajuda ele em tudo” (F, 14, pref: irmão mais velho).  
C “Porque ele sempre tem o que quer e eu não” (F, 16, pref: irmão mais velho).

---



---

**5- CONVIVÊNCIA:**

P “Porque ela passa mais tempo com ela” (M, 15, pref: irmã mais nova).

P “Porque eu não moro mais com ela, mas meu irmão mora” (F, 15, pref: irmão mais novo).

P “Porque ela convive muito mais comigo do que com minha irmã” (M, 15, pref: eu).

P “Porque meu irmão mais novo mora com ela” (M, 13, pref: irmão mais novo).

P “Por eu ser o que sempre está próximo e ser o mais velho” (M, 15, pref: eu).

M “Porque a minha irmã passa mais tempo em casa e acaba limpando, arrumando... (cuidando da casa)” (F, 14, pref: irmã mais velha).

M “Primeiro por ser de um pai diferente e depois que ele fica mais tempo em casa” (M, 14, pref: irmão mais novo).

---

**6- AFINIDADE:**

P “Pois eu e minha mãe temos uma relação de mãe e filho (mãe amigona)” (M, 1, 15, pref: eu).

P “Porque ele é idêntico a ela” (F, 14, pref: irmão mais novo).

M “Porque eu sou mais ligada a ela” (F, 14, pref: eu).

C “Porque os dois conversam mais e ela faz todas as vontades dele” (F, 14, pref: irmão mais velho).

C “Porque minha irmã se parece mais com ela, tanto em características físicas e psicológicas” (F, 16, pref: irmã mais velha).

C “Por elas terem mais contato e mais afinidades” (F, 16, pref: irmã mais velha).

---

**7- OUTROS:**

P “Acho que porque eu moro longe dela” (F, 13, pref: eu).

P “Porque minha irmã mais nova não tem pai” (M, 16, pref: irmã mais nova).

C “Porque ela é filha de sangue dela e eu e as outras duas somos adotadas” (F, 17, pref: irmã mais velha).

C “Porque ela confia mais nele do que em mim e minha irmã” (F, 14, pref: irmão mais velho).

C “Por ser o único menino” (F, 15, pref: irmão do meio).

---

*Legenda:*

*P: primogênito, M: do meio, C: caçula (para respondentes)*

*F: feminino, M: masculino (para respondentes)*

*Número: idade do respondente*

*pref: filho considerado preferido.*

---

## Apêndice D

### Justificativas da Percepção da Preferência Paterna Segundo as Categorias

---

#### **1- CARACTERÍSTICAS POSITIVAS:**

- P “Não sei ao certo, mas porque ela faz tudo direitinho do jeito dele” (M, 15, pref: irmã mais nova).
- P “Pelo jeito que eles me tratam, meu pai principalmente, minha irmã do meio, ela é mais carinhosa com ele do que eu” (F, 13, pref: irmã do meio).
- P “Porque meu irmão é bobinho, chato e inofensivo. Meu pai tem muito ciúmes de mim” (F, 14, pref: irmão mais novo).
- P “Talvez porque ela seja melhor ou se preocupa mais com ele do que eu” (F, 14, pref: irmã mais nova).
- P “Porque ela passou num bom colégio e não sei direito por que” (F, 15, pref: irmã do meio).
- P “Porque ela puxa muito o saco dele” (F, 14, pref: irmã mais nova).
- P “Porque ela é bonita e educada especificamente com ele” (M, 13, pref: irmã mais nova).
- P “Porque ele briga comigo quando ele apronta, coloca toda a culpa em mim, “puxa o saco” dele” (F, 14, pref: irmão mais novo).
- P “Porque ela é muito mais simpática e meiga com meus pais do que eu” (M, 13, pref: irmã mais nova).
- P “Porque ele sempre faz tudo que ela quer e a chama com apelidos carinhosos” (F, 13, pref: irmã mais nova).
- P “Porque ela é mais esperta e responsável” (F, 13, pref: irmã do meio).
- P “Porque sou mais parecida com ele, temos os mesmos pensamentos” (F, 14, pref: eu).
- C “Porque sou meio levado e meu irmão não” (M, 15, pref: irmão mais velho).
- C “Porque eu sou educada com ele” (F, 14, pref: eu).
- C “Ela é mais madura e conversa mais com ele” (M, 15, pref: irmã mais velha).
- C “Por ela fazer sempre o que ele manda sem se opor” (F, 15, pref: irmã do meio).
- C “Porque nossas semelhanças são muitas e bem visíveis” (M, 15, pref: eu).
- C “Porque meu irmão faz o que ele quer, tudo ele é certo e eu sempre sou criticada” (F, 16, pref: irmão mais velho).
- C “Porque ele é mais estudioso e aplicado” (M, 16, pref: irmão mais velho).
- C “Porque ela é o orgulho da casa porque é inteligente” (F, 16, pref: irmã mais velha).

#### **2- ORDEM DE NASCIMENTO:**

- P “Por meu irmão ser mais novo” (F, 13, pref: irmão mais novo).
- P “Porque eu nasci primeiro e eu também agrado mais ele” (F, 13, pref: eu).
- P “Por ela ser a mais nova, e é a última filha” (F, 15, pref: irmã mais nova).
- P “Porque ela é a mais nova” (F, 13, pref: irmã mais nova).
- P “Por eu ser o filho mais velho, e ser muito apegado a ele jogando bola e outros esportes” (M, 13, pref: eu).
- P “Porque ele diz que nós estamos crescidas (eu e minha irmã do meio)” (F, 14, pref: irmã mais nova).
- P “Não sei, talvez porque ele é mais novo” (M, 15, pref: irmão mais novo).
- P “Acredito por ser a mais nova, ela fica mais tempo com ele, ela é mais companheira” (M, 15, pref: irmã mais nova).
- P “Porque ela é menor, sendo assim dá menos preocupação para ele” (F, 16, pref: irmã mais nova).
- M “Penso que é por ela ser menor, por ela ser a “bebê” da família ela ganha mais atenção, é a

preferida dele” (F, 14, pref: irmã mais nova).

M “Porque nós somos os mais novos e ficamos mais com eles” (F, 16, pref: eu).

M “Por ser o mais novo e está sempre com ele onde ele vai” (M, 16, pref: irmão mais novo).

M “Porque foi a primeira filha dele, e ele convive mais com ela” (F, 13, pref: irmã mais velha).

M “Por ele ser novo, e com muitos anos distante de mim” (M, 15, pref: irmão mais novo).

C “Porque eu sou a caçula, e ele faz minhas vontades” (F, 14, pref: eu).

C “Porque eu sou a irmã mais nova” (F, 14, pref: eu).

C “Por eu ser o caçula ele me defende mais e as coisas que às vezes eu faço ele fala que é meu irmão” (F, 14, pref: eu).

C “Pois sou o mais novo” (M, 14, pref: eu).

C “Porque sou a mais nova e ele passa muito tempo fora, isso desde pequena” (F, 15, pref: eu).

### **3- TOLERÂNCIA:**

P “Porque ele dá muita corda, levo muitas broncas por causa deles e ele nem me escuta, já vem me enchendo o saco, xingando, etc. E sempre defende eles” (F, 14, pref: irmã mais nova).

P “Sempre dá a razão para ela” (F, 15, pref: irmã mais nova).

P “Pirralho. Sempre defende ele das coisas que faço” (M, 14, pref: irmão mais novo).

P “Ele dá tudo que meu irmão quer mesmo fazendo coisas erradas e eu não ganho mesmo fazendo coisas boas” (M, 15, pref: irmão mais novo).

P “Porque ele é mais autoritário e agressivo com meu irmão do que comigo” (F, 15, pref: eu).

P “Ele faz as coisas erradas e meu pai às vezes não faz nada, diz para deixar quieto porque ele é criança” (F, 16, pref: irmão mais novo).

M “Ele a favorece em alguns aspectos. Cobra de mim coisas que ele não cobra dela” (F, 14, pref: irmã mais nova).

C “Porque eu brigo com ele e ele não fala nada. Quando minha irmã fala alguma coisa ele briga muito com ela” (F, 14, pref: eu).

C “Pois mesmo que todos digam que a razão é minha, ela insiste em dizer que minha irmã está certa” (M, 13, pref: irmã do meio).

### **4- ATENÇÃO:**

P “Não sei direito, ele nunca teve atenção, carinho, compreensão comigo e isso me deixa muito triste” (F, 14, pref: irmão mais novo).

P “Porque ela está fazendo várias descobertas, o que pode impressioná-lo, e acaba dando mais atenção a ela” (M, 14, pref: irmã mais nova).

P “Porque às vezes ele dá mais atenção a ela do que a mim, mesmo meu “problema” sendo maior que o dela” (F, 13, pref: irmã mais nova).

P “Porque se ele realmente me adorasse/amasse ele iria tentar se comunicar comigo ou pelo menos tentar me visitar” (F, 13, pref: irmã mais nova).

P “Porque ela faz tudo que eu peço e do jeito que eu quero” (F, 15, pref: eu).

M “Pela atenção maior que ele dá a elas, às vezes há preferência em algumas situações” (F, 16, pref: irmã mais velha).

M “Porque para todas as outras filhas ele briga, ou não está nem aí, mas eu e o meu irmão ele está sempre implicando, falando, protegendo” (F, 13, pref: eu).

M “Porque ele tem mais zelo comigo e sempre me chama para acompanhá-lo em tudo que pode” (F, 15, pref: eu).

M “Pois desde pequena ele dá mais atenção a ela como também mostra-se mais preocupado” (F, 16, pref: irmã mais nova).

C “Porque ele dá mais atenção para ela. Na verdade, tudo que ela quer ele dá, e para mim é sempre os restos dela” (F, 17, pref: irmã do meio).

#### **5- CONVIVÊNCIA:**

P “Porque eu não moro com ele e minha irmã, sim. Ele convive mais com ela que comigo, e ele nem lembra quantos anos eu tenho” (F, 13, pref: irmã mais nova).

P “Porque ele convive muito mais comigo do que com minha irmã” (M, 15, pref: eu).

M “Porque ele convive mais com ela e porque ela sempre faz tudo certo” (F, 13, pref: irmã mais velha).

M “Não sei bem certo, mas penso que é pela convivência” (F, 16, pref: irmã mais nova).

C “Porque meus irmãos são filhos do seu primeiro casamento e moram em Londrina” (M, 15, pref: eu).

C “Por ter convivido com ela por mais tempo, pois logo que eu nasci meus pais se separaram” (F, 14, pref: irmã mais velha).

#### **6- AFINIDADE:**

P “Por afinidade” (F, 16, pref: irmão mais novo).

M “Porque eu sempre fui a mais apegada com ele, eu adoro ele e ele me adora” (F, 14, pref: eu).

C “Porque depois que minha mãe morreu meu irmão se grudou a ele” (M, 14, pref: irmão do meio).

C “Porque ele teve alguns desentendimentos com a minha irmã e geralmente estamos mais próximos do que ele e a minha irmã” (F, 15, pref: eu).

#### **7- GÊNERO:**

P “Porque ele é menino, sempre está defendendo ele, ele joga futebol, etc.” (F, 14, pref: irmão do meio).

P “Porque o meu irmão é menino” (F, 14, pref: irmão mais novo).

P “Porque ele é menino” (F, 14, pref: irmão mais novo).

P “Por ser o primeiro filho menino e conviver mais com ele” (F, 16, pref: irmão do meio).

C “Porque ele sempre quis ter uma menina e eu fui a única” (F, 14, pref: eu).

C “Porque sou o único filho homem” (M, 13, pref: eu).

C “Porque ela é garota” (M, 13, pref: irmã mais velha).

C “Porque meu pai queria muito uma menina, e quando eu nasci ele começou a gostar mais de mim” (F, 15, pref: eu).

#### **8- OUTROS:**

P “Porque minha irmã é só por parte de pai e ela mora com os avôs dela” (F, 14, pref: irmã mais nova).

P “Por ser filho dele (padrasto)” (F, 13, pref: irmão mais novo).

P “Porque eu não o suporto” (M, 13, pref: irmã mais nova).

P “Porque é filha de sangue dele” (F, 13, pref: irmã mais nova).

M “Porque eu moro longe dele” (F, 16, pref: eu).

---

#### *Legenda:*

*P: primogênito, M: do meio, C: caçula (para respondentes)*

*F: feminino, M: masculino (para respondentes)*

*Número: idade do respondente*

*pref: filho considerado preferido*

---

## **10. ANEXOS**

Anexo A

**INVENTÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS - IEP**

*Paula Inez Cunha Gomide*

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha, entre as alternativas abaixo, aquelas que mais refletem a forma como **sua mãe** o (a) educa.

**Identificação**

<b>Nome:</b> _____	<b>Idade</b> _____
<b>Escolaridade:</b> _____	<b>Sexo:</b> ( ) m ( )f

Responda a tabela abaixo fazendo um X no quadrinho que melhor indicar a frequência com que sua MÃE age nas situações abaixo relacionadas; mesmo que a situação descrita nunca tenha ocorrido, responda considerando o possível comportamento de sua Mãe naquelas circunstâncias.

Utilize a legenda de acordo com o seguinte critério:

**NUNCA:** se, considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma entre 0 a 2 vezes.

**ÀS VEZES:** se, considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma entre 3 a 7 vezes.

**SEMPRE:** se, considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma entre 8 a 10 vezes.

Entre 10 episódios			
	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
1. Quando saio conto a ela espontaneamente aonde eu vou.			
2. Ela me ensina a devolver objetos ou dinheiro que não me pertencem.			
3. Quando faço algo errado, a punição de minha mãe é mais severa dependendo de seu humor.			
4. O trabalho de minha mãe atrapalha sua atenção para comigo.			
5. Ela ameaça que vai me bater ou castigar e depois nada acontece.			
6. Ela critica qualquer coisa que eu faça, como o quarto estar desarrumado ou estar com os cabelos despenteados.			
7. Ela me bate com cinta ou outros objetos.			
8. Ela pergunta como foi meu dia na escola e me ouve atentamente.			
9. Se eu colar na prova ela me explica que é melhor tirar nota baixa do que enganar a professora ou a mim mesmo (a).			
10. Quando ela está alegre não se importa com as coisas erradas que eu faça.			
11. Sinto dificuldades em contar meus problemas para ela, pois vive ocupada.			
12. Quando ela me castiga, peço para sair do castigo, e após um pouco de insistência, ela deixa.			
13. Quando saio, ela telefona atrás de mim muitas vezes.			
14. Tenho muito medo de apanhar dela.			
15. Quando estou triste ou aborrecido (a), ela se interessa em me ajudar a resolver o problema.			
16. Quando estrago alguma coisa de alguém, ela me ensina a contar o que fiz e pedir desculpas.			
17. Ela me castiga quando está nervosa; assim que passa a raiva, pede desculpas.			
18. Fico sozinho (a) em casa a maior parte do tempo.			
19. Durante uma briga eu xingo ou grito com ela e, então, ela me deixa em paz.			
20. Ela controla com quem falo ou saio.			
21. Fico machucado (a) quando ela me bate.			
22. Mesmo quando está ocupada ou viajando, me telefona para saber como estou.			
23. Ela me aconselha a ler livros, revistas ou ver programas de TV que mostrem os efeitos negativos do uso de drogas.			
24. Quando ela está nervosa acaba descontando em mim.			
25. Sinto que ela não me dá atenção.			
26. Quando ela me manda estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e não obedeço, ela “deixa pra lá”.			
27. Especialmente nas horas das refeições, ela fica dando as “brincas”.			
28. Sinto ódio de minha mãe quando ela me bate.			

29. Após uma festa ela quer saber se me diverti.			
30. Ela conversa comigo sobre o que é certo ou errado no comportamento dos personagens dos filmes e dos programas de TV.			
31. Ela é mau-humorada.			
32. Ela ignora o que eu gosto.			
33. Ela avisa que não vai me dar um presente caso não estude, mas, na hora “H”, ela fica com pena e dá o presente.			
34. Se vou a uma festa ela somente quer saber se bebi, se fumei ou se estava com aquele grupo de maus - elementos.			
35. Ela é agressiva comigo.			
36. Ela estabelece regras (o que pode e o que não pode ser feito) e explica as suas razões <del>sem</del> brigar.			
37. Ela conversa sobre meu futuro trabalho mostrando os pontos positivos ou negativos da minha escolha.			
38. O mau humor dela impede que eu saia com os amigos.			
39. Ela ignora meus problemas.			
40. Quando fico muito nervoso (a) em uma discussão ou briga, e, percebo, que isto amedronta minha mãe.			
41. Se estiver aborrecido(a) ela fica insistindo para eu contar o que aconteceu, mesmo que eu não queira contar.			
42. Ela é violenta.			



Anexo B

**INVENTÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS - IEP**

*Paula Inez Cunha Gomide*

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha, entre as alternativas abaixo, aquelas que mais refletem a forma como **seu pai** o (a) educa.

**Identificação**

<b>Nome:</b> _____	<b>Idade</b> _____
<b>Escolaridade:</b> _____	<b>Sexo:</b> ( ) m ( )f

Responda a tabela abaixo fazendo um X no quadrinho que melhor indicar a frequência com que sua MÃE age nas situações abaixo relacionadas; mesmo que a situação descrita nunca tenha ocorrido, responda considerando o possível comportamento de sua Mãe naquelas circunstâncias.

Utilize a legenda de acordo com o seguinte critério:

**NUNCA:** se, considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma entre 0 a 2 vezes.

**ÀS VEZES:** se, considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma entre 3 a 7 vezes.

**SEMPRE:** se, considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma entre 8 a 10 vezes.

	Entre 10 episódios		
	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
1. Quando saio conto a ele espontaneamente aonde eu vou.			
2. Ele me ensina a devolver objetos ou dinheiro que não me pertencem.			
3. Quando faço algo errado, a punição de meu pai é mais severa dependendo de seu humor.			
4. O trabalho de meu pai atrapalha sua atenção para comigo.			
5. Ele ameaça que vai me bater ou castigar e depois nada acontece.			
6. Ele critica qualquer coisa que eu faça, como o quarto estar desarrumado ou estar com os cabelos despenteados.			
7. Ele me bate com cinta ou outros objetos.			
8. Ele pergunta como foi meu dia na escola e me ouve atentamente.			
9. Se eu colar na prova ele me explica que é melhor tirar nota baixa do que enganar a professora ou a mim mesmo (a).			
10. Quando ele está alegre não se importa com as coisas erradas que eu faça.			
11. Sinto dificuldades em contar meus problemas para ele, pois vive ocupado.			
12. Quando ele me castiga, peço para sair do castigo, e após um pouco de insistência, ele deixa.			
13. Quando saio, ele telefona atrás de mim muitas vezes.			
14. Tenho muito medo de apanhar dele.			
15. Quando estou triste ou aborrecido (a), ele se interessa em me ajudar a resolver o problema.			
16. Quando estrago alguma coisa de alguém, ele me ensina a contar o que fiz e pedir desculpas.			
17. Ele me castiga quando está nervoso; assim que passa a raiva, pede desculpas.			
18. Fico sozinho(a) em casa a maior parte do tempo.			
19. Durante uma briga eu xingo ou grito com ele e, então, ele me deixa em paz.			
20. Ele controla com quem falo ou saio.			
21. Fico machucado (a) quando ele me bate.			
22. Mesmo quando está ocupado ou viajando, me telefona para saber como estou.			
23. Ele me aconselha a ler livros, revistas ou ver programas de TV que mostrem os efeitos negativos do uso de drogas.			
24. Quando ele está nervoso acaba descontando em mim.			
25. Sinto que ele não me dá atenção.			
26. Quando ele me manda estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e não obedeço, ele “deixa pra lá”.			
27. Especialmente nas horas das refeições, ele fica dando as “brincas”.			
28. Sinto ódio de meu pai quando ele me bate.			

29. Após uma festa ele quer saber se me diverti.			
30. Ele conversa comigo sobre o que é certo ou errado no comportamento dos personagens dos filmes e dos programas de TV.			
31. Ele é mau-humorado.			
32. Ele ignora o que eu gosto.			
33. Ele avisa que não vai me dar um presente caso não estude, mas, na hora “H”, ele fica com pena e dá o presente.			
34. Se vou a uma festa ele somente quer saber se bebi, se fumei ou se estava com aquele grupo de maus - elementos.			
35. Ele é agressivo comigo.			
36. Ele estabelece regras (o que pode e o que não pode ser feito) e explica as suas razões sem brigar.			
37. Ele conversa sobre meu futuro trabalho mostrando os pontos positivos ou negativos da minha escolha.			
38. O mau humor dele impede que eu saia com os amigos.			
39. Ele ignora meus problemas.			
40. Quando fico muito nervoso (a) em uma discussão ou briga, percebo que isto amedronta meu pai.			
41. Quando estou aborrecido(a) ele fica insistindo para eu contar o que aconteceu, mesmo que eu não queira contar.			
42. Ele é violento.			

Anexo C

**FOLHA DE RESPOSTA: MÃE**

**2 = SEMPRE**

**1 = ÀS VEZES**

**0 = NUNCA**

VARIÁVEIS	QUESTÕES						Σ
A. Monitoria Positiva	1	8	15	22	29	36	A
B. Comportamento Moral	2	9	16	23	30	37	B
C. Punição Inconsistente	4	11	18	25	32	39	D
D. Negligência	3	10	17	24	31	38	C
E. Disciplina Relaxada	5	12	19	26	33	40	E
F. Monitoria Negativa	6	13	20	27	34	41	F
G. Abuso Físico	7	14	21	28	35	42	G

**Índice de Estilo Parental = ( A + B ) - ( C + D + E + F + G ) =**

**FOLHA DE RESPOSTA: PAI**

**2 = SEMPRE**

**1 = ÀS VEZES**

**0 = NUNCA**

VARIÁVEIS	QUESTÕES						Σ
A. Monitoria Positiva	1	8	15	22	29	36	A
B. Comportamento Moral	2	9	16	23	30	37	B
C. Punição Inconsistente	4	11	18	25	32	39	D
D. Negligência	3	10	17	24	31	38	C
E. Disciplina Relaxada	5	12	19	26	33	40	E
F. Monitoria Negativa	6	13	20	27	34	41	F
G. Abuso Físico	7	14	21	28	35	42	G

**Índice de Estilo Parental = ( A + B ) - ( C + D + E + F + G ) =**

## Anexo D

### Dados normativos das práticas maternas

Percentis	IEP	monitoria positiva	comportamento moral	abuso físico	negligência	monitoria negativa	punição inconsistente	disciplina relaxada
99	19	12	12	0	0	1	0	0
95	15	12	12	0	0	2	0	0
90	13	12	12	0	0	3	1	0
85	12	12	11	0	0	3	1	1
80	11	12	11	0	1	4	2	1
75	9	11	11	0	1	4	2	2
70	8	11	11	0	1	4	2	2
65	7	11	10	0	1	5	2	2
60	6	11	10	0	1	5	3	2
55	5	10	10	0	2	5	3	3
50	4	10	9	0	2	5	3	3
45	3	10	9	1	2	6	4	3
40	2	10	9	1	2	6	4	3
35	1	9	8	1	3	6	4	4
30	0	9	8	1	3	7	5	4
25	-2	8	7	1	3	7	5	4
20	-3	8	7	2	4	7	5	5
15	-6	7	6	2	4	8	6	5
10	-9	7	5	3	5	8	7	6
5	-14	6	4	5	7	9	8	7
1	-22	3	2	8	10	11	9	10
Média	2,97	9,83	8,87	1,05	2,37	5,54	3,58	3,19
Desvio padrão	8,79	2,41	2,49	1,68	2,17	2,27	2,26	2,21

### Dados normativos das práticas paternas

Percentis	IEP	monitoria positiva	comportamento moral	abuso físico	negligência	monitoria negativa	punição inconsistente	disciplina relaxada
99	20	12	12	0	0	0	0	0
95	15	12	12	0	0	1	0	0
90	13	12	12	0	0	2	0	0
85	12	12	11	0	1	2	1	0
80	10	11	11	0	1	2	1	1
75	9	11	11	0	1	3	1	1
70	8	11	10	0	1	3	2	1
65	7	10	10	0	2	4	2	2
60	6	10	10	0	2	4	2	2
55	5	10	9	0	2	4	3	2
50	4	9	9	0	2	4	3	3
45	3	9	8	1	3	5	3	3
40	2	8	8	1	3	5	4	3
35	0	8	8	1	3	5	4	3
30	-2	7	7	1	4	6	4	4
25	-3	7	6	2	4	6	5	4

20	-6	6	6	2	5	7	5	4
15	-8	5	5	3	6	7	6	5
10	-11	4	4	4	7	8	6	6
5	-16	3	3	6	8	9	7	7
1	-25	2	0	8	11	10	10	9
Média	2,18	8,61	8,33	1,22	3,07	4,54	3,18	2,76
Desvio padrão	9,56	2,93	2,99	1,94	2,56	2,36	2,35	2,23

Fonte: Gomide (2006) e Sampaio e Gomide (2007).